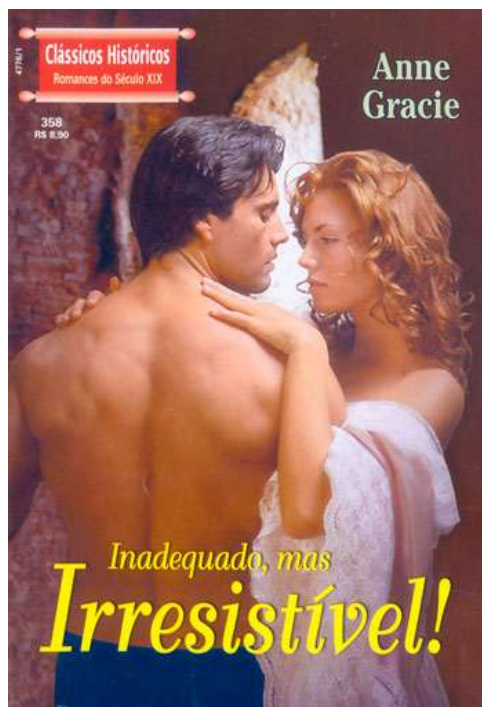


INADEQUADO, MAS IRRESISTÍVEL!

(The Perfect Rake)

Anne Gracie



Inglaterra 1816

Nos braços de um libertino!

Cansada da tirania do avô, Prudence Merridew foge com suas irmãs para Londres. Uma delas precisa se casar, e para viajar como acompanhante das irmãs, Prudence simula um noivado secreto com um duque recluso. Mas quando o duque inesperadamente chega em Londres, ela é obrigada a contar com a ajuda dele para evitar uma situação desastrosa...

Aristocrático, bonito e charmoso, Gideon entra de bom grado no jogo de Prudence, já que a encenação lhe possibilitará roubar alguns beijos da adorável dama. Habituada a conviver apenas com as irmãs e com pessoas idosas, Prudence fica fascinada com aquele homem charmoso e sedutor. E então seu plano começa a ir drástica e deliciosamente por água abaixo...

Digitalização: Vicky
Revisão: Ana Ribeiro

Projeto Revisoras



Querida leitora,

Você deve ter percebido, pelas opiniões entusiasmadas da crítica, que este romance é maravilhoso! E a boa notícia é que este é o primeiro livro de uma série de quatro, um para cada uma das irmãs Merridew. Aqui você vai ler a história de Prudence. Em breve você conhecerá também as histórias de Hope, Faith e Grace, com seus sonhos, desejos e aventuras românticas! Acesse o nosso site para obter informações sobre os romances e datas de lançamento na região onde você mora: www.romances.com.br.

Leonice Pomponio, Editora

Anne Gracie descobriu que o humor e o amor são linguagens universais e que os bons livros têm o dom de nos fazer sentir em casa, seja qual for o lugar onde estamos. Quando não está escrevendo ou dando suas aulas de literatura, Anne gosta de trabalhar no jardim, onde cuida das plantas, cria abelhas e brinca com sua cachorrinha de estimação.

TRADUÇÃO: Silvia Maria Pomanti

Copyright © 2005 by Anne Gracie Originalmente publicado em 2005 pela Berkley Publishing Group.

PUBLICADO SOB ACORDO COM BERKLEY PUBLISHING GROUP.

NY, NY - USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: The Perfect Rake

EDITORA Leonice Pomponio
ASSISTENTE EDITORIAL Patrícia Chaves
EDIÇÃO/TEXTOS

Tradução: Silvia Maria Pomanti

Revisão: Giacomo Leone

ARTE Mônica Maldonado
ILUSTRAÇÃO Hankins + Tegenborg, Ltd.
COMERCIAL/MARKETING Silvia Campos
PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi
PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.

© 2007 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 - 10º andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR Donnelley Moore

Capítulo I

Dereham Court, Norfolk, Inglaterra, 1816

— Prue! Prue! Corra! Ele está surrando Grace lá no sótão!

Ao ouvir os gritos de Hope, sua irmã de dezessete anos, Prudence Merridew largou a pena sobre o livro de registros. O gesto apressado lançou pequeninos borrões de tinta sobre as contas da casa em que ela trabalhava, mas Prudence nem percebeu: já havia disparado porta afora.

No corredor, passou por Hope e também por Faith, irmã gêmea de Hope. Com os olhos esbugalhados, as duas se puseram nos calcanhares da irmã mais velha.

— O que deu nele desta vez? — perguntou Prudence por sobre o ombro.

— Charity disse que ele encontrou Grace no sótão fazendo um presente para você. — Hope arquejou.

— Charity tentou contê-lo — interveio Faith. — Mas ele bateu nela também.

— Eu quis ir lá socorrer Grace, mas como iria ajudar com o braço neste estado? — Hope ergueu a mão esquerda, em cujo punho ainda eram visíveis as marcas deixadas pela corda. — Além do quê, ele trancou a porta.

— Pode deixar, tenho as chaves aqui comigo. James! James! O robusto e leal criado foi alcançar as três irmãs quando elas já se achavam no segundo piso do casarão.

— Depressa! Lorde Dereham está batendo em Grace lá em cima! — explicou Prudence, antes de se lançar ao terceiro pavimento e dali em direção ao estreito lance de escada que levava ao alojamento dos criados e ao sótão.

Num daqueles degraus estava sentada Charity. Entre soluços, ela quis explicar:

— Oh, Prue, eu tentei...

Com um gesto zeloso, Prudence afastou a mão com que a irmã cobria uma das faces. Dois vergões avermelhados maculavam a pele muito clara da jovem de dezenove anos de idade. Oh, como ele pudera...? Charity era a meiguice em forma humana!

— Você foi muito corajosa, querida. — Virando-se para Faith, a mais tímida delas e que agora tremia da cabeça aos pés ante mais aquele assomo de fúria do avô, Prudence instruiu: — Faith, leve Charity para o meu dormitório, depois vá pedir um pouco de bálsamo ou unguento à sra. Burton. Charity cuide dessas marcas no seu rosto e deixe tudo pronto para Grace.

Enquanto as duas mocinhas punham-se escadaria abaixo, Prudence continuou a galgar os degraus em direção ao sótão na companhia de Hope e James. Assim que chegaram ao último piso, ela se deteve.

— Entraremos sem fazer barulho, então deixem que eu me ocupe dele. Vocês cuidam de levar Grace para baixo.

O jovem lacaio fez um gesto afirmativo, porém Hope protestou:

— Mas ele está furioso, Prue! Vai acabar batendo em você também!

— Ela tem razão, srta. Prue — concordou o criado, um brilho irado no olhar. — É melhor que eu cuide dele.

— Não, ele o mandaria embora daqui ou... ou coisa pior. E se ele me bater, bato nele de volta! — retrucou Prudence. — Já estou farta de tanto maus-tratos e de toda essa violência abominável.

Haviam chegado à porta do sótão. Ela então baixou a voz num sussurro.

— Hope, vá com Grace para o meu quarto. Não saiam de lá. Prudence levou a chave à fechadura. O cuidado com o ranger da porta estreita foi desnecessário já que, completamente tomado por um surto colérico, Theodore Dereham, avô das irmãs Merridew, parecia alheio a tudo à sua volta. Em pé, ele açoitava sem dó nem piedade a indefesa Grace, que tinha as mãos sobre a cabeça como se isso pudesse protegê-la de alguma maneira.

— Sua pagãzinha imunda! *Vapt!* Obscena, ordinária, é o que você é! *Vapt!* Sua herege! *Vapt!*

A cada insulto, o braço ainda firme do idoso homenzarrão descia em direção à menina de dez anos de idade, fazendo o chicote estalar contra o corpo todo encolhido no chão, junto à parede.

— Deixe minha irmã em paz, seu... brutamontes sem coração!

Avançando pelo pequeno aposento com o ímpeto de uma bala, Prudence investiu contra o avô como se esquecida de que, além de muito alto, ele possuía o físico ainda bastante forte devido aos exercícios da caça, da pesca e da vida ao ar livre. E também, obviamente, das surras que dava nas netas.

Pego de surpresa, Theodore cambaleou e, aproveitando-se disso, Prudence tornou a empurrá-lo para longe de sua irmã caçula. Após tropeçar num baú com roupas velhas das gêmeas e da própria Grace, o velho sentou-se na tampa de madeira na busca de recuperar o fôlego. Sem perda de tempo, James ajudou a menina a erguer-se do chão e a conduziu para fora do sótão para então, agarrando Hope pela mão, levar as duas para longe dali.

Quando se pôs em pé novamente, Theodore, com o rosto arroxado pela raiva e as veias da testa e do pescoço que pareciam prestes a estourar, pegou o chicote do chão e avançou em direção a Prudence.

— Sua vadia atrevida! Vou lhe ensinar a me desrespeitar! Os olhos dela eram a expressão do mais absoluto desprezo.

— Como tem coragem de usar do seu chicote de montaria para surrar uma criança?

— Aquela pequena bruxa estava metida com heresias e idolatria ao mal, mas eu vou tirar a imundície de dentro dela nem que seja a última coisa que faço em vida!

Heresia? Idolatria ao mal? Prudence olhou para a mesa de três pernas onde Grace estivera envolvida em sua tarefa. Sobre o tampo estavam uma grande carteira

feminina feita de cartolina e várias das velhas revistas que a vizinha, a sra. Otterbury, tinha lhes dado longe da vista de lorde Dereham. Naquela ocasião, as irmãs haviam se encantado com os desenhos egípcios em um dos exemplares, ilustrações que representavam criaturas estranhas e irreais como a Esfinge e outras que também eram metade animal e metade humana.

Ao se lembrar do quanto elogiara as ilustrações, Prudence sentiu um assomo de culpa lhe apertar o coração. Grace usara aquelas figuras para ornamentar a carteira de papelão com a qual pretendia presentear-lá no seu aniversário.

— Isso não tem nada a ver com heresia nem idolatria ao mal; trata-se de... de uma extravagância da moda. Grace ainda é criança, é natural que essas figuras despertem a curiosidade dela!

— Esses desenhos são uma blasfêmia, isso sim! E essa... essa *coisa* que Grace fez tem os sinais do demônio. Isso deve ser queimado e ela tem de ser purificada de todo o mal.

Com um movimento do braço, Theodore derrubou ao chão tudo o que havia sobre a mesa.

Correndo a apanhar a carteira, Prudence levou-a de encontro ao peito.

— Não há nada, absolutamente nada de errado com Grace. Ela é uma criança meiga e adorável que...

— Ela tem o estigma do mal! Assim como você!

— Nossos cabelos não são estigma de coisa alguma, vovô! — Prudence tomou uma de suas mechas cacheadas entre os dedos. — São apenas cabelos, nada mais! Grace e eu não escolhemos a cor dos nossos. Nossa mãe tinha cabelos avermelhados, como o senhor bem sabe.

— Proíbo você de falar daquela meretriz sob meu teto! — Theodore tornou a erguer o chicote. — Ela era uma desavergonhada que seduziu meu filho e o levou para longe de mim, e tanto você quanto aquela menina trazem o estigma daquela mulher!

— Se o senhor tornar a encostar um dedo que seja em Grace ou em Hope ou em qualquer uma de minhas irmãs, nem sei do que sou capaz! Hope não escolheu ser canhota, Grace e eu não escolhemos a cor de nossos cabelos! E tudo isso não passa de desculpa para que o senhor nos surre a torto e a direito! Só que eu não vou mais admitir esse ódio e essa violência contra qualquer uma de nós, compreendeu?

— Sua sirigaita insolente! Sou seu tutor e exijo que você me respeite e me obedeça, do mesmo modo como fazem suas irmãs!

— Ah! Respeito não se conquista com sovas, vovô. O senhor vê a obediência de minhas irmãs como demonstração de respeito; saiba, porém, que tudo o que conseguiu despertar nelas foram o medo e o ódio. Quanto a mim... De mim o senhor não terá nem respeito, nem temor, nem obediência, nem nada!

A resposta veio na forma de uma sibilante chicotada que foi atingir Prudence bem no rosto. Num gesto instintivo, ela levou a mão à face. E quando viu que tinha sangue nos dedos, não conseguiu se controlar:

— Não pense que isso irá fazer com que eu me acovarde, vovô. Essas agressões vão ter fim, ah, se vão! Dentro de oito semanas, quando eu fizer vinte e um anos, terei

a tutela de minhas irmãs e aí então tudo será bem diferente!

— É o que veremos, menina. Você poderá ter a guarda de suas irmãs, sim, mas ainda serei eu quem controlará o dinheiro até o dia do seu casamento. — Ele resfolegou, um ruído feio e pesado. — Você não receberá um só pêni a menos que se case, e eu me encarregarei de fazer com que tal casamento nunca venha a acontecer!

— Conto com recursos dos quais o senhor não faz a menor idéia, mas isso não vem ao caso agora. Assim que eu atingir a maioridade, todas nós iremos embora deste lugar para sempre!

Prudence sentiu uma pontinha de satisfação. Seu avô tinha lhe tirado boa parte das jóias que ela herdara da mãe anos atrás, logo que as irmãs chegaram a Dereham Court. Contudo, naquela ocasião a menina de onze anos que acabara de perder os pais, cedendo a um apelo do coração, recusara-se a entregar as peças prediletas da mãe ao homenzarrão que tão rudemente as exigia. E agora as jóias escondidas haveriam de salvar as cinco irmãs.

— Vadia! Andou vendendo seu corpo, foi? Isso não me surpreende! Mas não pense que vai escapar e envergonhar ainda mais esta família!

Tomado por novo acesso de cólera, o avô avançou contra ela. Antes que o pior acontecesse, Prudence correu a deixar o sótão e precipitou-se pela escada estreita o mais rápido que pôde. Entre insultos e pragas, Theodore foi atrás dela, os braços agitando-se no ar na tentativa de golpeá-la com o chicote e também com a mão. O açoite chegou a atingi-la mais algumas vezes e, ao chegar ao exíguo patamar, Prudence tropeçou nas saias e caiu de joelhos.

Lorde Dereham assistiu ao tombo da neta com uma risada triunfante. Mas, na pressa de alcançá-la, ele próprio acabou por desequilibrar-se, terminando por despencar pela escada numa avalanche de impropérios, o chicote a espocar de encontro aos degraus e ao gradil. Colando-se à parede, Prudence se esquivou como lhe foi possível do corpo que rolava pelos degraus de madeira numa pavorosa sucessão de baques secos.

A curvatura da escada pôs um fim à queda do velho homem. E o casarão então mergulhou num silêncio assustador.

— Sou eu, Hope. Pode abrir.

A porta entreabriu-se com um rangido, e Hope espiou pela fresta.

— Prudence! Seu rosto! Foi ele quem lhe fez isso?

— Não foi nada. — Ela tocou a face esquerda de leve. Com tudo o que havia acontecido, até já se esquecera do machucado. — Como está Grace?

Hope apontou a cama, onde Charity e Faith tentavam consolar a irmã caçula. Ainda aos soluços, abraçando as próprias pernas, Grace tinha o rosto escondido entre os joelhos e os braços marcados por vários vergões avermelhados.

Escorregando pela cama, Prudence passou o braço ao redor da menina.

— Graciela? — Era esse o apelido pelo qual a mãe delas a chamava.

Grace ergueu a cabeça. Seu rostinho pálido, banhado em lágrimas, ficou ainda mais tristonho quando ela viu o ferimento na face da irmã mais velha.

— Oh, Prue... Ele machucou você também. — A menina atirou-se aos braços de Prudence. — Desculpe-me.

Prudence obrigou-se a não odiar ainda mais o homem que fazia a pobrezinha sentir-se responsável por algo de que não tinha a mínima culpa.

— Não se preocupe com isso, querida. Acredite, não está doendo nada, nada. É no final das contas, quem levou a pior foi o vovô.

A observação fez com que as meninas se sentassem ao redor dela.

— O que quer dizer com isso? — indagou Faith.

— Ele tropeçou e rolou pela escada. — Prudence estremeceu. Ainda tinha vivido na mente o ruído de carne e ossos chocando-se contra os degraus e a parede. E depois aquele silêncio medonho...

Hope colocou em palavras o que ia pelo pensamento de suas irmãs:

— Ele morreu?

— Não. Se bem que, por alguns instantes, chegamos a pensar que estivesse morto. Ele ficou deitado ali, imóvel... Os criados que vieram acudir nem sabiam o que fazer. — Prudence respirou fundo. — Vocês sabem como ele é forte.

— Que pena... — Hope deixou escapar.

— Nosso avô foi levado para seus aposentos, e agora o dr. Gibson está lá com ele. Seja como for, prometo que ele nunca mais machucará nenhuma de nós.

O silêncio que tomou conta do dormitório expressava o que as meninas não ousavam dizer: não havia como Prudence cumprir aquela promessa.

— Prue, por que ele me odeia tanto? — perguntou Grace.

— Ah, querida, ele confunde a você e a mim com nossa mãe. Porque nós duas temos os cabelos avermelhados como os dela.

— Mas a mamãe não era má.

— Claro que não! Nossa mãe era um anjo. Mas acontece que, quando se apaixonou por ela, papai deixou Dereham Court para nunca mais voltar. Por causa disso, vovô jamais a perdoou.

— Conte-nos a história de mamãe e papai de novo, Prue — pediu a menina.

Os pais delas haviam morrido quando Grace era ainda um bebê; as gêmeas também eram pequenas; Charity tinha nove anos e Prudence, onze. Como mal se lembrassem da figura materna e paterna, as irmãs mais novas sentiam-se imensamente reconfortadas ao ouvir, vezes sem conta, as histórias que diziam respeito a seus pais.

— Mamãe era muito linda, e todas vocês se parecem com ela. À exceção dos cabelos loiros, Charity é igualzinha a ela. E as gêmeas e Grace também se parecem demais com mamãe. Vocês herdaram a beleza da família de nossa mãe, os formosos Ainsley. Eu tive o azar de puxar o nariz empinado e os olhos sem graça dos Merridew.

— Seu nariz não é feio — disse Faith.

— É um nariz muito bonito — Grace defendeu-a num tom ardoroso. — E seus olhos são lindos, cinzentos e muito suaves e...

— Ah, não era de mim que falávamos, e sim de mamãe. — Com um sorriso,

Prudence as trouxe para junto de si. — De nossa linda mãe que, pobrezinha, veio de uma família de comerciantes. Mas bastou a papai pousar os olhos nela e, pronto, já estava apaixonado. E embora ela tivesse uma centena de admiradores, e papai não fosse nem o mais belo nem o mais rico de todos, mamãe também se apaixonou por ele à primeira vista.

As cinco suspiraram.

— Mas tanto os Ainsley como os Merridew foram contra o casamento, então mamãe e papai fugiram para a Itália e lá se casaram e tiveram a nós — lembrou Grace. — Continue, Prue. Fale dos cabelos de mamãe.

Prudence recostou-se nos travesseiros, então esperou que as irmãs se achegassem para dizer:

— Os cabelos dela brilhavam como se saídos da fornalha de uma oficina de ferreiro... Como os seus, Grace. Ah, papai amava tanto aqueles cabelos! Ele vivia brincando com as madeixas de mamãe e se encantava com o modo como se enrolavam ao redor de seus dedos. Um dia, Grace, você irá encontrar um homem que ame você, e seus cabelos, da mesma forma como papai amava nossa mãe.

— Do mesmo jeito como Phillip ama você? — perguntou a menina.

— Quem sabe? — Prudence sorriu, e pôs-se a afagar os cachinhos da irmã caçula. — Ela não era apenas bonita... Mamãe possuía a voz mais suave e melodiosa que já ouvi. Como a voz de Faith. Ela costumava cantar para nós por horas a fio. E quando ria, era como se um raio de sol...

— Eu me lembro da risada de nossa mãe — interrompeu Charity. — Era um riso tão feliz!... Dava-me vontade de rir com ela.

— Ah, é verdade! — continuou Prudence. — Mamãe e papai se adoravam. E os dois também nos amavam muito. Viviam para nos agradar, só pensavam na nossa felicidade.

As quatro juvenzinhas voltaram a suspirar. Aqueles eram tempos que em nada se pareciam ao ambiente frio e sem amor em que haviam crescido.

Percebendo o que ia pelo pensamento das irmãs, Prudence apressou-se em dizer:

— Nunca se esqueçam de que nós *não* pertencemos ao mundo sombrio em que vive nosso avô. Nascemos na Itália, numa casa repleta de sol, de alegria, de amor e de felicidade, e eu *prometo* a vocês que, custe o que custar, um dia voltaremos a viver como vivíamos naquela época. Com sol, risadas, amor e felicidade.

Lá fora, o vento insistente fustigava a aba do telhado do casarão como a zombar das palavras dela. Prudence o ignorou. Já tinha um plano para fazer de sua promessa uma realidade.

Após largar sua valise sobre a mesa, o dr. Gibson sentou-se.

— A queda de Lorde Dereham foi bem feia. O tornozelo dele sofreu várias fraturas.

— Ele vai se recuperar? — perguntou Prudence, servindo-lhe uma xícara de chá. Ainda que desprezasse o avô, não queria vê-lo irremediavelmente machucado.

— Os ferimentos que ele sofreu são graves, mas acredito que não lhe afetaram as faculdades. — O médico sorveu um longo gole da bebida tépida. — Seu avô irá se recuperar, sim, mas isso vai levar tempo.

— Quanto tempo? — Olhos fixos nos dele, Prudence lhe estendeu um pratinho com bolinhos de aveia.

Tomando um dos petiscos, o dr. Gibson mastigou-o ruidosamente antes de responder:

— O machucado na cabeça levará alguns dias, talvez uma semana para cicatrizar. Nesse tempo, lorde Dereham tem de ficar acamado num quarto escuro, no mais absoluto silêncio. — Após mais um gole de chá, o médico prosseguiu: — O tornozelo é que vai demorar a sarar, porque está fraturado em vários lugares. Seu avô terá de manter a perna completamente imobilizada por seis ou sete semanas, no mínimo.

Seis ou sete semanas! Já antevendo a solução para seu problema, Prudence mal foi capaz de dissimular a satisfação. Aquele período de tempo seria suficiente para colocar seu plano em ação. Um plano ousado, arriscado... mas que podia dar certo. Deixando sua xícara de lado, ela respirou fundo.

— Dr. Gibson, por acaso o senhor sabe como foi que se deu o acidente com meu avô?

— O criado que foi me chamar contou uma história meio desarrazada, mas você sabe que os serviçais têm certa tendência a exagerar. — O médico serviu-se de mais um bolinho.

— Não, por certo ele não exagerou. O senhor ainda não ouviu comentários sobre os assomos de fúria de meu avô?

— Tenho mais que fazer do que dar ouvidos aos mexericos que correm por aí.

— Pois saiba que tais mexericos são a pura expressão da verdade. E nós não podemos continuar a viver assim.

— Eu sempre soube que lorde Dereham era um homem severo e que...

— Severo? O problema não é esse, posso lhe garantir. A pobre Hope passa a maior parte do tempo com a mão esquerda amarrada às costas para que não possa usá-la, já que meu avô acredita ser essa a mão do demônio. Faith morre de medo de, distraída, pôr-se a assobiar baixinho, pois isso pode lhe custar uma boa sova. E o senhor precisava ver o modo como ele trata minha irmã caçula, Grace, agora que enfiou na cabeça que os cabelos dela são um estigma do mal.

O médico olhou para os cabelos dela.

— Sim, o mesmo acontece comigo, dr. Gibson. Desde que eu tinha onze anos, meu avô me espanca no propósito de afugentar o diabo do meu corpo. — Sem perceber que o fazia, Prudence ergueu o tom de voz. — Mas eu não vou mais permitir uma coisa dessas, o senhor compreende? Não posso deixar que ele trate minha irmã da forma como tem me tratado!

— Olhe, Prudence, é muito difícil encontrar alguém que não cisme de corrigir pessoas canhotas como Hope. Agora, Faith e Grace são meninas tão quietinhas, tão boazinhas...

— Grace fez isto para mim. — Ela lhe estendeu a carteira de papelão.

Com a testa franzida, o médico examinou a peça por alguns instantes, depois afirmou:

— Esses objetos com motivos egípcios estavam em voga em Londres uns anos

atrás. Lembro-me bem, pois minha esposa foi uma das que acompanhou esse modismo.

— Sua esposa é uma pagã imunda? Uma bruxa herege? É dada a idolatrar o mal?

— Mas o que...

— Pois foram essas as acusações que vovô fez a Grace por conta dessa carteira, enquanto a surrava impiedosamente com seu chicote de montaria até que eu aparecesse para impedi-lo. Foi assim que se deu o acidente com ele, dr. Gibson. Vovô corria pela escada atrás de mim, com o chicote na mão, quando tropeçou e rolou pelos degraus.

Bastante impressionado, o médico colocou a carteira sobre a mesa.

— Meu avô bate em nós por qualquer motivo, doutor. Por isso, quero que o senhor nos ajude a ir embora daqui.

— Prudence, você sabe que não posso fazer isso. Lorde Dereham não é um homem fácil, quem há de negar?, mas eu sou o médico dele, menina! Como irei olhá-lo nos olhos e mentir para ele?

— Dr. Gibson, esta não é a primeira vez que apanhamos por um pretexto tolo. Nunca nos foi permitido chamar o senhor para que viesse cuidar de nossos ferimentos, mas, agora que está aqui, eu gostaria de lhe pedir que fosse dar uma olhadinha em Grace. Veja por si mesmo o que aquele monstro fez à menina.

Com um suspiro profundo, o médico deixou a xícara sobre a mesa e pôs-se em pé.

— Vou ver como está a menina, sim, só que não posso lhe prometer nada.

O dr. Gibson examinou Grace em austero silêncio e, mentalmente, tomou nota também das marcas no rosto de Faith e de Prudence. Quinze minutos depois, bastante abalado, deixou-se cair outra vez sobre a poltrona onde antes estivera sentado.

— Lamento muito, minha menina. Do fundo do coração. Eu não podia imaginar uma coisa dessas.

Decidida a esquecer o passado e concentrar todas as atenções no futuro, Prudence declarou:

— O testamento de meu pai diz que quando eu fizer vinte e um anos, o que ocorrerá daqui a oito semanas, serei a tutora de minhas irmãs. No entanto, só teremos acesso ao dinheiro que herdamos quando nos casarmos. No momento, tudo o que temos dá para nos manter por uns poucos meses; depois disso, se meu avô não nos der a herança de nossos pais, acabaremos passando necessidades. — Ela buscou olhar no fundo dos olhos do médico. — Acontece, dr. Gibson, que vovô não só não nos dará o dinheiro de modo algum, como também nunca irá permitir que nenhuma de nós se case. Foi ele mesmo quem me disse tudo isso. Com todas as letras.

— Que situação...

— Precisamos fugir daqui, o senhor entende? Esse período de tempo no qual ele tem de ficar acamado nos veio como uma bênção dos Céus. Mas para que vovô não venha a descobrir que fomos embora no momento seguinte ao da nossa partida, é preciso que o senhor nos ajude.

— Muito bem, menina. O que você quer que eu faça?

Prudence tentou avaliar as palavras que acabara de escrever com um olhar crítico. A caligrafia meio espremida, difícil de entender, pareceu-lhe bastante boa. Todos os "tês" estavam cortados por um traço bem forte e os pingos nos "is" eram firmes. Vovô fazia questão de pingos precisos e bem nítidos sobre os "is".

— O médico já se foi? O que ele disse? — indagaram suas irmãs ao entrar na sala.

— Para quem você está escrevendo? — quis saber Grace, que foi espiar por sobre o ombro dela. — Para Phillip, de novo?

— Ora, e quem quer saber de Phillip? — reclamou Faith. — O que foi que o dr. Gibson disse a respeito do vovô, Prue?

— Esta carta não é para Phillip — esclareceu Prudence, secando o excesso de tinta com o Mata-borrão. — É para nosso tio-avô Oswald.

— Tio Oswald? — Hope admirou-se. — Isso quer dizer que vovô vai morrer?

— Não, ele estará restabelecido dentro de seis ou sete semanas.

— Então por que você escreveu uma carta para tio Oswald? — perguntou Charity. — Ele não virá velar pela recuperação do vovô, já que os dois não se dão.

— É com isso que estou contando: que tio Oswald nem sonhe em vir para cá — observou Prudence. — Quanto à carta... Eu a escrevi fazendo-me passar pelo vovô.

— O quê?! — ecoou um coro de vozes. Ela então leu o que colocara no papel:

Meu prezado Oswald,

Sei que raras vezes concordamos um com o outro, como dois irmãos deveriam fazer, no entanto, pelo bem das meninas, resolvi relegar ao passado o que pertence ao passado.

Prudence ergueu a carta entre dois dedos e pôs-se a abaná-la com a outra mão, fazendo a tinta secar, explicando:

— Em resumo: Vovô escreveu para pedir ao irmão que nos dê guarida em Londres e nos ajude a encontrar maridos. — Ela tornou a colocar a carta sobre a escrivaninha. — Nós vamos fugir. E nunca mais retornaremos a Dereham Court!

— Prudence! — exclamou Charity. — Essa carta é... é um embuste!

— Sim, mas que outra escolha nos resta? Estou determinada a nunca mais permitir que vovô torne a encostar um dedo que seja numa de nós.

— Isso é errado, Prue — observou Faith num sussurro.

— Vovô sempre diz que sou má, não diz? Pois então, pela primeira vez na vida darei a ele um motivo concreto para fazer tal afirmação. Bem, o fato é que iremos para Londres e levaremos Lily e James conosco; Lily porque tio Oswald é viúvo e talvez não tenha criadas em casa, e James porque vovô nunca irá perdoá-lo pela ajuda que nos deu hoje.

Estarrecidas ante a ousadia do plano, as irmãs se entreolharam enquanto Prudence escrevia o endereço de tio Oswald num envelope.

— Vovô nunca que irá nos permitir deixar esta casa — disse Hope.

— Ele não ficará sabendo. Irá pensar que nos mudamos para a edícula.

— Aquele lugar velho e bolorento! Por que...

— Porque quando as dores de cabeça dele tiverem melhorado, Grace, nós

estaremos com escarlatina, isoladas, em quarentena. O dr. Gibson irá nos ajudar com essa pequena farsa. Além do mais, vocês sabem que vovô tem horror a doenças contagiosas e por isso nem pensará em chegar perto de nós. A sra. Burton disse que, por ser a governanta da casa, tem como fazer com que os demais criados cooperem conosco. Ela e o dr. Gibson se encarregarão de dar ao vovô as notícias, ainda que falsas, de nosso estado de saúde.

As quatro irmãs mais novas estavam boquiabertas. Prudence prosseguiu:

— Enquanto isso, ficaremos hospedadas com nosso tio-avô, conheceremos todos os pontos turísticos da capital, iremos a festas, usaremos vestidos bonitos... Ah, vamos a todos os lugares que valham a pena, até mesmo à ópera! E, se tivermos sorte, quando vovô tiver se restabelecido uma de nós já terá encontrado um marido e eu estarei com vinte e um anos, o que significa que todas terão o direito legal de morar comigo.

Enquanto as outras exultavam ante as inúmeras perspectivas que as aguardavam, Hope, sempre a mais prática das irmãs Merridew, observou:

— Como faremos tudo isso se não temos dinheiro, Prue? O que temos conosco não dá nem para que uma só de nós viaje até Londres.

— Você se esqueceu das jóias da mamãe? — retrucou Prudence. — Só o bracelete de granadas já dá para pagar as passagens numa carruagem. Eu... Bem, vendi o bracelete no mês passado, para o caso de uma oportunidade como esta.

— Então temos como ir para Londres! — Charity arfou.

— Temos, sim. — Prudence sorriu.

— Oh, tudo isso é maravilhoso! — exclamou Hope. — Quem sabe você também não encontra um marido bem bonito por lá, Prue?

— Hope! Por acaso esqueceu de Phillip? — Charity a censurou.

— Ah, é, Phillip... — Hope tentou corrigir-se. — Quanto tempo faz que ele não lhe escreve, Prue?

— Seis meses, mas vocês sabem que o serviço postal da Índia é extremamente lento e pouco confiável. Só a viagem de cá para lá e de lá para cá já leva meses, e se o navio que trazia a carta de Phillip por acaso foi a pique, então... — Prudence esforçou-se para dar dignidade à voz. — Mas quando ele retornar, nós dois nos casaremos e todas estaremos livres de qualquer perigo. Bem... Ah, ia me esquecendo! Ouçam isto.

Ela leu mais um trecho da carta:

Caro irmão, como sabemos que a música e a dança são abomináveis obras do demônio, não é demais pedir-lhe que cuide para que as meninas não sejam expostas a tais males enquanto estiverem na cidade. Eduquei-as segundo os padrões da mais absoluta correção de comportamento, mas como são mulheres, e conseqüentemente tolas, frívolas e facilmente influenciáveis, o melhor que você tem a fazer é mantê-las sob estrita vigilância. Além de guardá-las das tentações, providencie também para que encontrem maridos ajuizados e respeitáveis, com sólidos princípios morais e boa situação financeira.

Instaurou-se uma balbúrdia de protestos e reclamações de todos os tipos, o que fez Prudence correr a se explicar:

— Meninas, meninas, temos que levar várias coisas em consideração. — Ela se pôs a contar nos dedos. — Primeiro: como mora há muitos anos era Londres, tio Oswald deve gostar muito de lá e nem um pouco daqui. Segundo: de acordo com o que a mãe de Phillip nos disse, tio Oswald vai sempre à ópera, aprecia modismos e frequenta uma infinidade de festas. Terceiro: sabemos também que ele tem sérias desavenças com o vovô, que sempre se refere ao irmão mais novo como cão descrente, poço de vaidades e outros insultos ainda piores.

— Nossa cozinheira diz que se lembra do jovem senhor Oswald como uma pessoa alegre e com um coração imenso — observou Charity.

— Exatamente — disse Prudence, num tom triunfante. — Se tio Oswald for como o imagino, então ficará tão ofendido e exasperado com as instruções do vovô que certamente nos levará ao maior número de eventos sociais possíveis só para contrariá-lo!

Em meio ao novo burburinho que se instalou pelo ambiente, Grace deu voz a uma dúvida:

— E se alguma coisa der errado, Prue?

— Bobagem! — Prudence abraçou-a com força. — Garanto a você que pensei em tudo, querida.

— Você falou que iríamos a inúmeras festas quando viéssemos para Londres, Prue! — queixou-se Hope. — A bailes e saraus e desjejuns venezianos!

— E à ópera! — acrescentou Faith.

— Você disse também que eu iria valsar com um rapaz bem bonito — Hope insistiu.

— Ao menos temos tido aulas de dança... — interveio Charity.

— Ora, e quem quer saber de aula de dança? — desdenhou Hope. — Daqui a pouco você vai dizer que *monsieur* Lefarge é um rapaz bem bonito!

As irmãs trocaram risadinhas à menção do meticuloso e efeminado francês de meia-idade a quem tio Oswald encarregara de ensinar os primeiros passos de dança às suas sobrinhas-netas. Logo a seguir, porém, um silêncio pesado tomou conta da ala nos fundos do sobrado, destinada ao uso das jovens damas pelo período em que permanecessem em Londres. Prudence afundou-se na poltrona. Nem tudo era como ela havia previsto.

De sua parte, tio Oswald fizera jus às melhores expectativas com que uma sobrinha-neta pudesse sonhar. Atencioso, gentil, prestativo, não demonstrara a mínima relutância em acolher as cinco jovens que bateram à sua porta sem maiores avisos. Pelo contrário: o nobre viúvo as recebera em sua espaçosa e elegante residência em Londres com uma satisfação que qualquer um poderia garantir como genuína. E não só isso: horrorizado com os escuros e tristes vestidos feitos em casa que as cinco trajavam, declarou que cuidaria de providenciar um guarda-roupa novinho

em folha para cada uma delas.

— Embora seja um prazer imenso hospedá-las comigo e levá-las para passear, não posso e não vou permitir que minhas sobrinhas-netas, lindas como vocês são, saiam por aí nesses trajes pavorosos. Amanhã mesmo iremos visitar costureiras, modistas, chapeleiros, luveiros, armarinhos e tudo o mais.

Ignorando a expressão da mais pura surpresa no rosto das cinco, ele então examinara uma a uma como se experiente conhecedor do universo feminino.

— Ah, como são belas!... Essa pele tão clara e aveludada que todas vocês têm, esse frescor da juventude, esse porte altivo e elegante... Charity, minha querida, você é linda como um diamante! Esses cabelos loiros, esses olhos... E as gêmeas, divinas as duas! Com o tempo aprenderei a distinguir uma da outra, mas no fundo isso nem importa, já que ambas são de uma beleza ímpar! E a pequena Grace, ainda uma menina e já um botão da mais formosa das flores prestes a desabrochar...

— Ah, será um prazer vê-las vestidas com a elegância que a beleza de vocês exige! Esfregando as mãos, ele as rodeara com um sorriso satisfeito.

— Encontrar maridos para vocês será a tarefa mais fácil do mundo, meninas. Ah creio que esta seja a primeira vez em que quatro jovens tão formosas vieram para Londres ao mesmo tempo!... E pensar que todas são parte da mesma família... a minha família, vejam só!

O olhar do velho senhor fora enfim pousar sobre Prudence. E o sorriso que ele trazia nos lábios definhara de mansinho. Ela tivera vontade de evaporar no ar...

Seus cabelos podiam ser da mesma cor dos de Grace, mas não havia como mantê-los ajeitados quando o tempo estava úmido. Tampouco se comparavam às madeixas loiras, douradas e reluzentes como o sol, de suas outras irmãs. Sua pele era tão clara e acetinada quanto a pele delas, no entanto umas duas dúzias de pequeninas sardas insistiam em lhe macular a quase translúcida suavidade. Além do quê, por que ela tinha de ter os olhos cinzentos, enquanto todos os demais integrantes de sua família possuíam olhos das mais diversas tonalidades de glorioso azul? E aquele nariz empinado...

Mas ainda que se sentisse um patinho feio no meio de quatro esplendorosos cisnes, Prudence dissera a si mesma que havia coisas bem mais importantes do que a própria aparência com que se preocupar.

— O senhor acha mesmo que, ao final da estação, uma de minhas irmãs pode estar casada e feliz, tio Oswald? Oh, seria maravilhosos! Afinal, é exatamente isso o que todas nós queremos. — Eufórica por conta de tão boa expectativa, Prudence o abraçara com força para depois lhe beijar a face corada. — Ah, obrigada! Muito obrigada! O senhor é tão bom, tão generoso... Nem sei como poderemos agradecer-lhe.

— Ora, ora... Não há o que agradecer, uma vez que a presença de vocês em minha casa só traz alegrias a este velho solitário aqui. Afinal de contas, para que servem os tios-avôs, não é mesmo?

Após o susto de ver que o nobre senhor não só não rechaçara a efusiva manifestação de afeto de Prudence, como também parecia ter apreciado um comportamento que outros poderiam considerar atrevido, as demais irmãs se

aproximaram do tio-avô para agradecer-lhe com mais abraços e beijos tímidos no rosto e na calva da cabeça.

No quarto dia após a chegada das irmãs Merridew a Londres, tio Oswald escolhera o café da manhã para fazer um comunicado que, aos ouvidos de Prudence, tinha soado como um disparo de canhão contra suas mais doces esperanças. Tomando da carta que seu irmão supostamente lhe escrevera, ele lera um trecho dela em voz alta para as jovens reunidas ao redor da mesa:

Tenho outros planos para Prudence, a mais velha das irmãs, por isso não é preciso que você se preocupe com que ela seja apresentada à sociedade. Prudence pode se ocupar em acompanhar as irmãs e tomar conta delas, além de cuidar dos assuntos que lhes dizem respeito. Desse modo, a tagarelice desenfreada das meninas não irá importuná-lo mais do que o estritamente necessário.

Bufando, o velho nobre olhara diretamente para ela.

— Sabe o que seu avô pretende com isso, não sabe? Nunca passou de um grande egoísta, aquele meu irmão. É bem típico de Theodore almejar por que você não case, já que assim o interesseiro teria quem cuidasse dele até o fim da vida. — Tornando a bufar, tio Oswald deixara a carta de lado. — Tenho visto o carinho com que você trata suas irmãs, mocinha, e... sim, Prudence Merridew, você é uma jovem muito boa e muito doce que... Como direi? Ora, a verdade é que você também merece ter sua chance! Talvez não seja estupidamente bonita como suas irmãs, mas é evidente que conseguiremos encontrar um bom partido para você também. O mundo está cheio de rapazes sensatos que buscam mais do que a beleza perfeita numa mulher. Nós vamos arrumar um marido para você, sim, fique tranqüila. Não permitirei que desperdice sua vida correndo atrás de suas irmãs, muito menos tomando conta de um velho ranzinza e egocêntrico!

— Oh, mas ela já tem um... — começara a dizer Charity, que depois se calara ante o olhar reprovador da irmã mais velha.

— Não precisa se preocupar com isso, tio Oswald — Prudence apressara-se em dizer. — Estou muito feliz com a vida que levo. Gosto imensamente de cuidar de minhas irmãs e estou ansiosa por acompanhá-las em seus passeios. Aposto que será muito divertido.

— Não, não, nada disso. Eu até já tenho a solução para este impasse: irei apresentá-la à sociedade sozinha e antes de suas irmãs, assim a beleza delas não terá como ofuscar a grandeza de seu coração. Depois, quando você estiver devidamente encaminhada, será a vez de revelarmos estes belos diamantes ao mundo. — Satisfeito da vida com o arranjo, ele avançara contra a casca de um ovo cozido.

Atônita, Prudence ficara olhando para as irmãs. E antes que tivesse tempo para pensar em algum argumento para fazer o tio-avô mudar de idéia, um criado viera avisar que a carruagem que iria levá-las às compras estava à espera.

Agora, quando já fazia uma semana desde que elas haviam chegado a Londres, tio Oswald continuava no firme propósito de colocar seu plano em prática: não permitir que Charity, Hope ou Faith fossem apresentadas à sociedade sem que Prudence estivesse a caminho do altar com um excelente partido. E nada do que ela dizia ou

fazia parecia capaz de demovê-lo de tais idéias.

— Sinto pelo que vou dizer — Prudence desculpou-se num tom desesperançado, na noite em que elas conversavam na sala de estar nos fundos da requintada residência — , mas por mais bondoso e bem-intencionado que seja, de certo modo nosso tio-avô é tão teimoso e impermeável ao bom senso quanto vovô Theodore!

— Você precisa contar a ele sobre seu noivado com Phillip — observou Hope. — É a única forma de resolver esta questão. Se ele souber que você já está noiva, não terá por que nos manter neste regime de reclusão.

— Só que eu *não posso* contar nada a ninguém — explicou Prudence, desanimada. — Prometi a Phillip que nunca iria anunciar nosso noivado sem a permissão dele, e vocês sabem muito bem que jamais quebrei uma promessa.

— Então por que não deixa que nós expliquemos a situação a tio Oswald? — sugeriu Faith.

— E melhor não arriscar. — Prudence mordeu o lábio. — Ainda que ele desafie o vovô quanto a questões como aulas de dança e roupas novas... Casamento é um assunto muito sério, meninas. Além do mais, nosso tio-avô por certo irá decidir que Phillip, o filho mais novo de uma família sem distinção nem fortuna, não é um noivo adequado para mim. E quem me garante que ele não irá contar tudo ao vovô? Aí, sim, nossos planos virariam bolhas de sabão. Até o próprio tio Oswald pode acabar prejudicado nessa história toda, já que o vovô poderá deixá-lo sem um pênico por conta de ele ter nos dado refúgio em sua casa. Afinal, nosso avô vive reclamando das extravagâncias do irmão mais novo.

— Já imaginou se ele manda a conta das *nossas* extravagâncias para vovô Theodore? — Charity olhou ao redor, como a assinalar os lindos vestidos novos que todas usavam. — Seja como for, Prue, tio Oswald parece ser muito romântico; não acha que ele ficaria feliz da vida com o fato de você ter encontrado alguém com quem se casar?

— Talvez. Mas, além de romântico, ele também parece ser ambicioso. E dá muita importância a títulos de nobreza, como vocês já puderam perceber. — Prudence torceu o nariz. — Pobre Phillip, tão trabalhador, tão esforçado... Todos estes anos lá na Índia, tentando construir um patrimônio para nós dois... Vocês sabem que, se quiser, o vovô pode usar de suas influências para destruir o futuro profissional de Phillip quando ele regressar. Afinal, quem não daria ouvidos às maledicências de um dos donos da Companhia de Comércio do Oriente?

— Sim, só que tio Oswald não é perverso e mesquinho como o vovô. Por certo ele iria... — começou Hope.

— Não, Hope. — Prudence meneou a cabeça. — Sinto muito, mas há muito em risco nesta história. Tio Oswald é um homem doce e adorável, mas não podemos esperar que coloque nosso bem-estar acima do dele próprio. Você bem sabe como já foi difícil trazer o dr. Gibson para o nosso lado, que só decidiu-se por nos ajudar depois de ver as marcas que trazíamos no rosto e no corpo. De qualquer modo, fiquem tranquilas, todas vocês. Vou tratar de encontrar uma solução para o nosso dilema. O mais depressa possível.

— Não! Eu já expliquei a situação para vocês uma dezena de vezes, por isso vamos encerrar este assunto definitivamente! — Isso dito, tio Oswald ficou a encarar as duas jovens idênticas que o miravam com uma expressão suplicante.

— Mas acontece que temos permissão para ficar em Londres só até o final da estação — argumentou Hope. — Vovô nos deu apenas umas poucas semanas para que encontrássemos bons maridos, e o senhor sabe que ele não permitirá que continuemos aqui pelo resto da vida. Além do mais, Prudence está praticamente...

— Praticamente com vinte e um anos de idade — Faith correu a consertar o descuido da irmã gêmea.

— Se nós tivermos de continuar esperando, quem nos garante que não acabaremos ficando para tias? — insistiu Hope, mesmo ciente de que tinha os olhos de Prudence sobre si.

— Tolice! — Tio Oswald devolveu o olhar ao jornal que tinha entre as mãos. — Jovens lindas como vocês duas arrebatam todas as atenções na primeira aparição que fazem na sociedade. Deixem de ser egoístas, dêem uma oportunidade à sua irmã mais velha.

— Mas se formos todas juntas...

— Não. Não até que sua irmã tenha encontrado um marido. Nossa Prudence é um doce de pessoa, e um dia surgirá um homem que se encante com ela e a queira só para si... desde que vocês não estejam por perto para deslumbrar o pobre-coitado com toda a beleza que possuem.

Após um momento de silêncio, tempo suficiente para que todas elas contemplassem um futuro um tanto desolador, Hope voltou à carga:

— Prudence tem de *casar-se* para que Charity possa debutar na sociedade?

Tio Oswald deitou o jornal sobre as pernas num gesto irritado.

— Mocinha, eu já falei...

— Não, o que eu quis dizer foi que... Não bastaria que ela estivesse *noiva*? — explicou Hope. — Se Prudence estivesse noiva, então Charity, Faith e eu poderíamos nos iniciar na vida social?

— Se Prudence estivesse noiva, não vejo motivos para que isso não acontecesse; mas como Prudence não está noiva, só volte a me atormentar com essa conversa quando ela estiver.

— Viu só? — Hope dirigiu um olhar triunfante à irmã mais velha. — Nós poderíamos fazer nossas estréias na sociedade, sim! Oh, Prue, conte para ele...

Se olhares pudessem matar, Hope jazeria esturricada na poltrona em que se achava. Prudence, porém, manteve-se calada. E como haveria de ser diferente, se a reputação e as chances de futuro sucesso de seu noivo dependiam do seu silêncio? Além disso, ela havia prometido ocultar o noivado de qualquer outra pessoa que não fossem suas irmãs.

Franzindo a testa como que desconfiado, tio Oswald indagou:

— Há algo que você deveria me contar, mocinha?

— Não, titio. Nada — respondeu Prudence, ajeitando a saia de seda vermelha com a mão subitamente trêmula.

— Se você não contar, conto eu — disse Hope com veemência. — Não é justo que sejamos prejudicadas só porque Phill...

— Quieta, Hope! — Prudence pôs-se em pé. — Você não tem o direito de...

— Silêncio! — repreendeu-as tio Oswald, contrariado. — Quer dizer então que existem tramóias e mentiras debaixo de meu teto, é isso? Vocês duas... — Ele apontou o dedo para Faith e Grace. — Podem sair. Agora.

Ambas deixaram a sala como dois pés de vento.

— E então, meninas? — Tio Oswald olhou para Prudence, depois para Hope, depois para Charity. Como as três nada dissessem, foi Hope quem ele interpelou: — Muito bem, senhorita, pode me dizer o que é que sua irmã está escondendo?

A juvenzinha caiu no choro. E não demorou a que Charity fizesse o mesmo.

— Que Deus me ajude! Por que será que as mulheres vivem se debulhando em lágrimas? — resmungou o velho nobre. — Vamos, parem com essa choradeira, meninas... — Acalmados os soluços, ele se dirigiu a Prudence: — Bem, mocinha, creio que cabe a você se explicar. Quem é esse salafrário que a obriga a enganar seu tutor?

Ela deu-se conta de que não haveria escapatória.

— Ele... Trata-se de um cavalheiro bastante honrado, titio.

— Cavalheiros honrados não se metem em noivados dos quais ninguém pode saber, menina.

— Oh, mas é que... Ele é um cavalheiro muito tímido e reservado que não aprecia o espalhafato e o aborrecimento das celebrações públicas.

— Há uma grande diferença entre um compromisso particular e um arranjo clandestino. Agora deixe de fazer rodeios e diga o nome desse pilantra de uma vez por todas, mocinha!

— O nome? — Ela não podia trair Phillip. Não podia! — É...é...

— Ande, Prudence! Estou esperando!

— Bem, ele é... — Como por milagre, Prudence lembrou-se de ter ouvido por acaso, na casa da modista francesa, duas damas falando de um homem que vivia como verdadeiro recluso, um solteirão que nunca aparecia em Londres. — É o duque de Dinstable!

A novidade fez descer sobre o recinto um silêncio que era reflexo da mais completa estupefação. Hope e Charity ficaram olhando para a irmã mais velha com uma expressão aparvalhada enquanto tio Oswald, profundamente admirado, coçava de leve a calva.

Ao cabo de alguns instantes, o elegante nobre repetiu:

— O *duque de Dinstable*? Você está noiva do *duque de Dinstable*!

— Sim. — Prudence tratou de sorrir ao mesmo tempo em que tentava, desesperadamente, recordar-se de tudo o que ouvira a respeito daquele homem.

— Aquele sujeito a quem chamam o Ermitão? Ela balançou a cabeça num gesto afirmativo.

— Dinstable? — Tio Oswald continuava perplexo. — Dizem que ele odeia as grandes cidades... Faz anos que aquele homem não é visto em Londres... Ele não vive num lugar onde judas-perdeu-as-botas lá na Escócia?

Satisfeita da vida com a forma como lidara com o problema, Prudence tornou a assentir. O duque de Dinstable, que lembrança mais inspirada! O sujeito podia ter lá suas esquisitices, mas era evidente que todos sabiam tratar-se de um nobre extremamente rico.

E como ele nunca viesse a Londres, tio Oswald não teria como inquiri-lo sobre um tal noivado sigiloso. Bem, a investigação poderia ser feita por meio de correspondência, mas cartas demoravam tanto em chegar a seu destino... E quem garantiria que um duque inclinado ao isolamento se daria ao trabalho de responder a uma carta sem pé nem cabeça, na qual o acusavam de um compromisso secreto com alguém que ele nem sequer conhecia?

Tio Oswald, contudo, não parecia muito convencido:

— E como você foi conhecer esse sujeito, o tal Dinstable, se ele nunca vem à capital? — O velho nobre suspirou. — Ora, imagine só: alguém que não gosta de Londres!

— Ainda que não tenha por costume vir a Londres, nada o impede de ir a Norfolk, titio.

— Que idade você tinha quando concordou com esse compromisso absolutamente contrário às normas sociais?

— Quase dezessete.

— O quê?! Então faz *quatro anos* que está esperando que esse miserável desse duque aclare essa bendita história e se case com você?

Prudence franziu as sobrancelhas. Quatro anos seria tanto tempo assim? Bem, o fato era que prometera a Phillip esperar por ele, então esperaria o quanto fosse preciso.

— Não é de se admirar que suas irmãs estejam irritadas com tamanha demora. Quatro anos!... Isso não é atitude que alguém tome para com uma de minhas sobrinhas-netas. E por que você não me contou tudo isso antes, menina?

Envergonhada pela mentira que se vira obrigada a pregar num homem tão bom e prestativo, Prudence não conseguia olhá-lo nos olhos, quanto mais responder. Mas quando tudo estivesse resolvido e suas irmãs se achassem a salvo da violenta ira do avô, então ela iria desculpar-se e esclarecer toda aquela história.

— Dinstable, é? — Tio Oswald foi até a lareira. — Ainda que bizarros e eremitas, duques são saem por aí pedindo a mão de mocinhas de dezesseis anos... Você não lhe permitiu fazer alguma coisa que ele não deveria fazer, permitiu, Prudence?

— Ele nunca me tocou — ela se apressou em declarar.

— Hum. Mas por que tanto segredo do compromisso? Afinal, ele não é o filho mais novo de algum capiau sem posses nem títulos, correto?

A descrição perfeita e acabada que seu tio-avô fizera de Phillip provocou um assomo de rubor às faces de Prudence, mesmo assim ela tentou explicar:

— Vovô não permitia que recebêssemos visitas, quanto mais pretendentes.

— Ah, meu irmão Theodore e sua visão tacanha do mundo! Mas pelo menos você e esse duque se correspondiam, não?

— Vovô nunca permitiu que trocássemos cartas com ninguém.

— O que é uma pena, já que as cartas seriam uma boa maneira de comprovar o compromisso. Mas não venha me dizer também que esse duque nunca lhe deu uma prova simbólica de amor?

Após um instante de hesitação, ela tirou de dentro do decote o anel da avó de Phillip que usava, havia quatro anos, preso a uma corrente.

— Hum! — Tio Oswald correu a examinar a jóia. — Uma bobagem e sem o timbre ducal que poderia identificá-lo, mas pelo menos é bastante antiga; coisa de família, sem dúvida. Bem, se ele lhe deu um anel, nem tudo é tão desanimador quanto eu pensava. De qualquer modo, minha pequena, não se preocupe mais com esse assunto, vou tratar de colocar os pingos nos "is" e formalizar esse seu compromisso. Ah, aquele homem tem uma boa fortuna, pelo que ouvi dizer!

Meio atordoada, Prudence fez que sim. Agora lhe restava torcer para que chovesse sem parar sobre as estradas para a Escócia a fim de que a correspondência para lá se atrasasse por semanas. Ou fosse tragada pelo aguaceiro.

Recuperando-se do sentimento de culpa com incrível rapidez, Hope indagou:

— Então agora Charity, Faith e eu podemos fazer nossa estréia na sociedade?

— Como? Bem... Se sua irmã está noiva... ainda que seja do modo mais estapafúrdio de que já ouvi falar, não vejo motivos para que as fabulosas srtas. Merridew não possam começar a deslumbrar a sociedade inglesa. — Quando Hope deu um gritinho de satisfação, tio Oswald acrescentou: — A começar por Charity, depois será a vez das gêmeas. E você, Prudence, pode começar os preparativos para seu casamento ainda hoje. Amanhã cedo irei falar com aquele sujeito.

— C-como assim, titio? — Como que antecipando um desastre, Prudence sentiu o estômago se retorcer. — Com quem... o senhor vai falar amanhã de manhã?

— Com Dinstable, quem mais? Irei tratar das providências para o casamento... que se realizará na igreja de St. George, na praça Hannover. Com toda a pompa e cerimônia de que vocês, damas, gostam tanto. Aquele um pode ter lhe dado um noivado de péssimo gosto, minha pequena, mas nós iremos consertar o serviço malfeito.

Após trocar olhares com as irmãs, Prudence argumentou:

— Mas o duque de Dinstable mora no extremo norte da Escócia, titio. O senhor não tem como ir ao encontro dele logo pela manhã.

— Oh, vai ver acabo de estragar a surpresa romântica que o duque havia preparado para você! — Foi a vez de tio Oswald mostrar-se atarantado. — E pensar que todos os jornais puseram-se a fazer ilações de... Bem, não faz mal. Mas ainda que ele não tenha planejado uma surpresa romântica, eu mesmo me encarregarei de fazer uma surpresinha ao pilantra. Ele que não pense que pode fugir de sir Oswald Merridew! — O velho nobre esfregou as mãos. — As damas casamenteiras ficarão verdes quando souberem... Minha querida Prudence, uma duquesa!

Enquanto as irmãs se entreolhavam, tio Oswald deixava a sala rindo sozinho de tanta satisfação.

— Por que foi dizer tudo aquilo, Prue? — indagou Charity, ao se restabelecer do susto.

— Não sei... — Desolada, Prudence deixou-se cair sobre uma poltrona. — No

desespero, agarrei-me à primeira idéia que me ocorreu. As damas que estavam na modista disseram que o duque de Dinstable *nunca* vem a Londres, e foi por essa razão que mencionei o nome dele... Elas disseram que faz anos que o tal nobre não aparece por aqui!

— Você se arriscou demais — observou Hope.

— Não ouse dizer uma só palavra, sua serpente traiçoeira! — ralhou Prudence. — Se não fosse por você...

— Perdoe-me, Prue, por favor. É que eu estava desesperada!

— Meninas, vocês estão se esquecendo de um ponto fundamental — interveio Charity. — Como tio Oswald pode ir falar com o duque amanhã cedo, se esse homem mora no norte da Escócia?

Relembradas da calamidade que pairava sobre suas cabeças, Prudence e Hope esqueceram-se de suas diferenças.

— Ao falar da surpresa romântica, tio Oswald olhou para o jornal — observou Prudence. — Será que...?

As três correram a pegar o periódico, dividiram-no entre si e puseram-se a vasculhar as notícias.

— Aqui está! — anunciou Charity, ao cabo de alguns instantes. Baixando a voz a um sussurro, ela leu:

Nossa metrópole é agraciada pela rara visita do duque de Dinstable, que enfim deixa seu isolamento no Norte para passar algum tempo na cidade. Rumores dão conta de que o duque esteja considerando a hipótese de casar-se.

— O duque está em Londres? — Prudence tinha perdido a cor. — Como é possível? Fazia anos que ele não vinha para cá! Mas... Deus, o que o duque vai pensar quando tio Oswald for visitá-lo no firme propósito de forçá-lo a casar-se comigo?!

Um silêncio tenebroso tomou conta da sala.

— O que vamos fazer, Prue?

Após avaliar o problema sob os mais diversos ângulos, ela enfim declarou:

— Por mais que eu pense, só consigo enxergar uma solução. Eu mesma irei falar com o duque de Dinstable.

Quando reencontraram a voz, suas irmãs indagaram:

— Mas como fará para encontrar-se com ele?

— E como pretende fazê-lo, se tio Oswald irá à casa do duque amanhã cedo?

Prudence deu um sorriso maroto.

— Então terei de estar lá um pouco mais cedo do que nosso tio-avô, não é verdade?

— Visitar um homem na casa dele? — Charity estava horrorizada. — Sem avisar e sem que tenham sido apresentados adequadamente? Prudence, você não pode fazer uma coisa dessas!

— Não? — Prudence endireitou os ombros. — Pois então me aguarde!

Capítulo II

Sou a srta. Prudence Merridew, e estou aqui para falar com Sua Graça, o duque de Dinstable.

O mordomo examinou-a de cima a baixo com uma expressão de desagrado. Aprumando-se toda, Prudence ficou olhando para o criado na intenção de demonstrar segurança e despreocupação. Como se todos os dias visitasse desconhecidos na residência deles.

O olhar perscrutador do mordomo foi pousar sobre a nervosa aia de Prudence, Lily, que corou intensamente antes de baixar os olhos aos degraus de mármore branco à entrada da mansão do duque de Dinstable em Londres. O criado vestido de libré tornou a olhar para Prudence.

— Sua Graça a espera, senhorita? — ele perguntou num tom de fastio.

Em resposta, Prudence esforçou-se para aparentar o mesmo ar entediado. Saber demonstrar enfado, havia descoberto desde que chegara à capital, era um talento bem visto pela sociedade. Além do mais, aquele homem cheirava a almíscar, e ela se recusava a deixar-se intimidar por um serviçal recendendo a almíscar.

— Acredito que Sua Graça ficaria um tanto aborrecido caso eu fosse embora sem que ele me visse. — Erguendo uma sobancelha como a denotar sofisticada surpresa, Prudence dera à voz o tom mais firme de que foi capaz naquelas circunstâncias.

O mordomo hesitou um instante, mas logo em seguida aquiesceu.

— Pois não, senhorita. Se não se importa de esperar no salão verde, irei informar Sua Graça da visita.

Assim que ele se afastou da porta para lhes dar passagem, Prudence, com um suspiro aliviado, apressou-se a entrar. Após uma indicação silente de que Lily deveria esperar num canapé à entrada do corredor, o mordomo tomou o chapéu, o guarda-chuva e a capa um pouco úmida de Prudence, depois a conduziu a uma ampla sala toda decorada com motivos egípcios e, com uma leve mesura, deixou-a sozinha ali.

A busca de um lugar onde se sentar, ela olhou ao redor. A escolha não era fácil. O principal móvel destinado a esse fim era um divã estofado em verde e dourado, esculpido de forma a fazer lembrar uma barca de Cleópatra; numa das extremidades em madeira esculpida, os entalhes representavam uma cena ribeirinha, com lírios aquáticos e golfinhos circundados por serpentes retorcidas; a outra ponta do móvel se erguia numa curva em dourado e ébano que mais se assemelhava ao sapato de um sultão; a base em madeira imitava horripilantes pés de jacaré.

Prudence escolheu acomodar-se numa poltrona entalhada em ébano, cujos braços, dourados, faziam lembrar patas de leão. Enquanto aguardava numa pose própria das

damas, alisou o vestido e ajustou as luvas como se isso contribuísse para acalmar seus nervos à flor da pele. Do alto de um aparador, figuras mitológicas com cabeça de chacal e de falcão observavam-na impassivelmente. Perto dali, as pernas de um tamborete imitavam patas de algum felino selvagem.

Tentando imaginar o avô num ambiente como aquele, Prudence concluiu que ele, certamente, teria um ataque apoplético. Satisfeita com a constatação ela sorriu. À parte o noivado secreto com Phillip, jamais fizera nada tão ousado na vida quanto ir procurar sem aviso um completo desconhecido na casa dele. O próprio condutor de carruagem mostrara-se chocado quando ela lhe pedira informações do endereço do duque. Ao que tudo indicava, aquele era um assunto sobre o qual damas solteiras não faziam perguntas.

Na parede à sua frente, uma esfinge olhava para ela. Impaciente, Prudente pôs-se a tamborilar os dedos na carteira que Grace fizera para ela. Um objeto que, na forma de um sarcófago e cuidadosamente pintado em azul, verde, preto e dourado sob os motivos egípcios recortados das revistas da vizinha, a sra. Otterbury, sem sombra de dúvida, combinava bastante com o ambiente à sua volta. Ah, Grace iria adorar aquela sala!

Alisando a saia do vestido pela centésima vez, Prudence disse a si mesma que não havia por que ficar tão nervosa. Além do mais, Lily estava logo ali, no corredor.

Os ponteiros do carrilhão sobre o rebordo da lareira prosseguiram sua marcha impiedosa. A esfinge continuava a encará-la. As cabeças de leão pareciam prestes a expelir sua ira dourada. E por onde andava o infeliz do duque? Deus do Céu, tio Oswald não demoraria a chegar!

— O que temos aqui, Bartlett?

Ela pulou na poltrona. À soleira da porta estava um cavalheiro alto, de cabelos castanhos. Prudence piscou repetidas vezes, como se isso a ajudasse a livrar-se da impressão de estar diante de um desordeiro. Tinha visto vários duques desde que chegara a Londres, mas nenhum deles se parecia com aquele.

Embora ele trajasse vestes de indiscutível qualidade, suas roupas estavam completamente amarrotadas. O casaco desabotoado tinha vincos por todos os lados. Como que largado de qualquer jeito ao redor do pescoço, o longo cachecol de seda caía-lhe sobre uma camisa a ponto de soltar-se do cós da calça. E era evidente que ele não havia se barbeado, pois seu queixo, apesar de muito bem-feito, tinha a sombra dos pêlos que começavam a despontar.

Prudence calculou que um duque, ainda que ermitão, devesse ter mais cuidado com a aparência. Afinal, somente os duques da realeza podiam mostrar-se tão desgrehados. Bem, talvez fosse por isso que ele preferisse morar nos cafundós da Escócia.

E se ela não soubesse que o duque era uma pessoa respeitada, por certo estaria preocupada ao ver-se sozinha com um homem de aspecto tão... intimidante. Além do mais, a maneira como ele a olhava... Não, nenhuma jovem em sã consciência haveria de confiar em alguém que a olhasse daquela maneira, duque ou plebeu!

Aprumando ainda mais as costas, ela segurou a carteira de encontro ao peito.

— Bartlett? — ele dirigiu-se novamente ao mordomo, enquanto entrava na espaçosa sala sem tirar os olhos de Prudence.

— Quem é nossa encantadora visitante?

— Essa jovem, senhor, bateu à nossa porta logo cedo anunciando sua intenção de conversar com o duque de Dinstable. — Ao adentrar o aposento nos calcanhares de seu patrão, Bartlett trazia consigo o inconfundível odor de almíscar. — A mulher que a acompanha está no hall.

Num arroubo de indignação, Prudence pôs-se em pé.

— Como ousa falar de mim nesse tom? Não sou uma jovem... Sou uma jovem dama! E não cheguei aqui *logo cedo*, e sim num horário perfeitamente...

O duque ergueu uma sobrancelha num sinal questionador. Prudence calou-se, imaginando que o tivesse tirado da cama. No entanto, assim que se lembrou de que precisava aparentar ser uma elegante dama entediada, impostou a voz para se corrigir:

— Talvez seja cedo demais para algumas pessoas, mas quando ouvir o que tenho a dizer, Vossa Graça, estou certa de que compreenderá por que...

— Oh, mas... — começou o mordomo.

— Bem, isto é tudo por enquanto, Bartlett — o cavalheiro de olhos e cabelos castanhos o interrompeu. — Pode ir.

Assim que o criado os deixou a sós, Prudence tornou a se sentar, porém não se conteve:

— Mas que homem detestável! Se bem que, suponho, ele seja pago para ser assim, não?

— De modo algum. A arrogância nasceu com ele. — Sentando-se sobre a barca de Cleópatra, o duque cruzou uma das longas pernas sobre a outra enquanto observava Prudence com um ar de divertimento. — Mas, em que posso ajudá-la, srta...

— Merridew. Srta. Prudence Merridew — ela respondeu, tentando não pensar no quanto aqueles olhos castanho-escuros a desconcertavam. — Bem, eu tenho quatro irmãs. Todas mais novas do que eu.

— É mesmo?

— Sim, e o cerne do problema é que uma de nós precisa se casar. — Prudence quis morder a própria língua. Na noite anterior, ensaiara mil vezes um modo como se explicar, e agora tinha a impressão de que expusera seu dilema da pior maneira possível.

— Entendo. E por acaso isso tem algo a ver com o duque de Dinstable?

— Sim. Bem, não. Não de forma direta. — A intensidade com que ele a olhava deixava Prudence ainda mais tensa. — Desculpe-me, mas acontece que tudo isto é bastante constrangedor.

— Imagino.

Ela se levantou e, no intento de se acalmar, foi até a lareira respirando profundamente. Apertando a carteira entre as mãos, olhou para o relógio e obrigou-se a prosseguir.

— Devo-lhe minhas desculpas, Vossa Graça, pois a culpa é toda minha. Quero dizer, na verdade *nunca* foi minha intenção envolvê-lo em meus problemas particulares,

entretanto... Bem, a questão é complicada, mas creio que ajudará se eu expuser os fatos básicos.

— Ótimo. — Ele sorriu. — Sou da opinião de que aquilo que é básico seja sempre desnudado.

De certo modo, o duque fizera aquilo soar... malicioso. Experimentando uma súbita onda de calor, Prudence arrependeu-se por não ter levado um leque na carteira.

— Como eu ia dizendo, uma de nós precisa casar-se o mais depressa possível. Só que não posso ser eu... Ou melhor, tem de ser uma de minhas irmãs. Acontece que meu tio-avô acha que não devemos ser apresentadas à sociedade todas juntas. Ele quer que eu seja a primeira a debutar.

— Hum.

— Pois então, fui forçada a dizer uma mentira a meu tio-avô, e aí o seu nome me veio à cabeça... Peço-lhe desculpas, e acredite que estou imensamente envergonhada. Na hora imaginei que isso fosse ajudar minhas irmãs, que estão ansiosas por participar dos eventos sociais, mas então deu tudo errado e... Oh, não calculei que o risco seria tão grande, já que você estava escondido lá nos confins da Escócia e que as cartas demoram tanto a chegar, isso quando não se extraviam!

— Se bem entendi, fiz muito mal em vir para Londres. — Apesar de tudo, ele tinha um arremedo de sorriso nos lábios bem desenhados. — Sou mesmo um inconveniente.

— N-não, não... Você não tinha como saber. O que eu quis dizer foi que... Bem, foi um choque saber que você estava na cidade. Afinal de contas, todos dizem que não é do seu feitio frequentar a sociedade.

— É verdade. Não costumo dar muita importância à maioria das pessoas.

Repicando uma só vez num tom sombrio, quase fatalista, o carrilhão anunciou metade da hora. Prudence se sobressaltou.

— Oh, não! Nove e meia, já?

— De fato, um horário absurdo. — O duque bocejou. Absurdo? Prudence olhou para ele. Era evidente que o duque ainda não se dera conta da gravidade da situação. Culpa dela, que não conseguia explicar com clareza e racionalidade o problema que tinha em mãos. Ah, se ao menos ele parasse de olhá-la daquela maneira!...

— A questão, Vossa Graça, é que meu tio Oswald vem vindo para cá para lhe cobrar satisfações.

— Oh, tio Oswald também está aborrecido comigo porque não fiquei na Escócia?

— Ora, claro que não. Ele até que está bastante contente por sabê-lo aqui na cidade. — Engolindo em seco, Prudence tentou recuperar a compostura. — Olhe, a verdade é que, por um motivo que não vem ao caso neste momento, deixei que meu tio-avô chegasse a uma determinada conclusão sobre você. E sobre mim.

— Determinada conclusão?

— Tem de acreditar em mim, Vossa Graça. Jamais pretendi colocar quem quer que fosse numa situação difícil.

— Não, claro que não.

Prudence prendeu a respiração. Era impressão dela, ou o duque parecia divertir-

se com tudo aquilo?

Ele se levantou e, com passos lentos, foi até a lareira. Ali, soou a sineta que se achava sobre o rebordo. Em questão de instantes, a porta da sala se abriu e o mordomo postou-se à soleira.

— Um conhaque, por favor, Bartlett. E algo para a dama. Licor de anis? Chá?

O susto impediu que Prudence medisse as palavras:

— Não é possível que você vá tomar bebida alcoólica a esta hora da manhã!

— Chá para a srta. Merridew e conhaque para mim — o duque dirigiu-se ao mordomo. — E, Bartlett, traga a garrafa.

— Você não pode receber tio Oswald com um cálice de conhaque na mão!

— Minha prezada jovem, receio que eu não possa recebê-lo de nenhuma outra maneira. A bem da verdade, ainda não é manhã para mim, mas sim o fim de uma noite longa e enfadonha. E se eu tiver de enfrentar uma situação difícil sem a ajuda de um bom conhaque, será difícil prever as consequências.

— Mas tio Oswald abomina o álcool!

— Ele pode tomar chá.

— Oh, por favor, não brinque! Você nem imagina o que está prestes a acontecer!

Ele riu, um riso meio rouco, fugido da garganta, que foi se espalhar pelo ambiente.

— Srta. Merridew, eu já nem imagino o que está acontecendo *agora*.

Bartlett retornou, trazendo uma bandeja com um bule de chá, um pratinho com biscoitos, uma xícara e um pires, um cálice bojudado e uma garrafa alta de cristal contendo um líquido cor de âmbar. E foi só o mordomo depositar a bandeja sobre uma mesa de canto, a aldrava à porta de entrada da mansão ressoou com estridência.

— Oh, não! Ele chegou! — gritou Prudence. — E tio Oswald!

— Parece que o tio-avô da senhorita está à porta, Bartlett — disse o duque. — Vá recebê-lo, por favor.

Com os lábios premidos, o criado curvou-se de leve antes de tornar a deixá-los a sós. Prudence não perdeu tempo:

— O problema é que, por motivos que não tenho tempo para explicar agora, eu disse a tio Oswald que você e eu havíamos ficado noivos em segredo e...

— *Noivos?!*

— Sim, lamento muito. Foi só o que me ocorreu quando tentei convencer meu tio-avô a permitir que Charity e as gêmeas sejam apresentadas à sociedade... o que precisa acontecer o mais depressa possível, por motivos que não posso explicar no momento. O fato é que tio Oswald não queria deixar que elas debutassem...

— Por motivos que você não tem como explicar no momento, aposto.

— Sim, por... Bem, os motivos não vêm ao caso. O que importa é que ele não quer que minhas irmãs comecem a frequentar a sociedade antes que eu saia do caminho, então imaginei que, por ser uma pessoa reconhecida pelo voluntário isolamento...

— Verdade?

— O que é verdade?

— Que você é reconhecida pelo seu voluntário isolamento?

— Eu, não, seu cabeça-de-vento... você! Oh, meu Deus, desculpe-me... Meus nervos estão em frangalhos! O que eu quis dizer foi que você é conhecido por todos como um verdadeiro ermitão! Só que, de uma hora para outra, eis que abandona sua casa de eremita lá na Escócia, algum mexeriqueiro cisma de colocar a novidade no jornal, e agora... Agora tio Oswald está aqui para exigir que você se case comigo! Imediatamente!

— O quê?!

Prudence ficou satisfeita ao ver que o sorriso enfim sumira dos lábios dele.

— Eu avisei que o assunto era sério, Vossa Graça.

— É, parece ser bem sério mesmo. E eu bem que vou precisar daquela dose de conhaque. — Com uma calma que não se adequava ao momento, ele cruzou a sala em direção à bandeja deixada pelo mordomo. — Importa-se de servir o seu chá, srta. Merridew?

A voz exaltada de tio Oswald, que lá fora exigia falar com o duque de Dinstable, chegou-lhes aos ouvidos. Correndo para junto do cavalheiro que já se servia de uma generosa dose de bebida, Prudence pôs a mão sobre o braço dele no intuito de tranquilizá-lo antes de dizer bem baixinho:

— Não se preocupe. A situação pode ser grave, mas não se trata de nenhuma armadilha. Se deixar que meu tio-avô acredite que temos um compromisso, dou-lhe minha palavra de honra que romperei o noivado logo em seguida. Por favor, Vossa Graça... Eu lhe imploro. Permita que eu conduza a conversa. Pode confiar em mim, juro que não era minha intenção lhe fazer mal algum.

— Confiar em você? — Ele observou a mão em seu braço, depois ergueu o olhar aos olhos de Prudence e assim permaneceu por um bom lapso de tempo, como se tentasse desvendar algum mistério que via ali. Mas então a expressão nos olhos castanhos se transformou de repente, assumindo o antigo ar de divertimento. — Pois bem, traga seus dragões, fada madrinha.

Enquanto o duque levava o cálice aos lábios, Prudence examinou-lhe o rosto. Só que era impossível descobrir que emoção aqueles traços tão bem-feitos ocultavam. Por um segundo, parecia que ele estava disposto a ajudá-la, que estaria propenso a tomar o problema para si e resolvê-lo à sua maneira. Um instante depois, porém, a impressão que ela tinha era a de que o duque simplesmente se divertia a valer com a enrascada em que estavam metidos e que, nem por um momento, preocupava-se com a iminente chegada de tio Oswald.

Com o canto dos olhos, Gideon a observava atentamente. E não demorou a decidir que se tratava de uma jovem bastante atraente, de uma beleza pouco convencional, com um ar de determinação e um modo de olhar para ele que o cativava. O vestido sem muitos ornamentos num verde pálido ressaltava-lhe os cabelos grossos e reluzentes, a pele bem clara e os grandes olhos acinzentados. O queixo delicado, que ela fazia questão de manter erguido, denotava certa teimosia e uma predisposição à confusão. A mera presença dela ali parecia ter o poder de revigorá-lo.

O comportamento da srta. Merridew não era nada rotineiro, mas isso não era assunto que devesse interessar a ele. Se bem tivesse entendido, ela o metera numa

enrascada e agora estava decidida a tirá-lo da tal confusão. Isso era bom. Poucas mulheres tinham essa consideração. Com mais um gole do conhaque, ele se perguntou até onde Prudence iria com aquela farsa antes de confessar a verdade. Depois, curioso, indagou:

— Quer dizer então que pretende me defender de seu tio-avô?

Ela o fitou com olhos sinceros.

— *Mas é claro* que sim.

Prudence Merridew era mais do que atraente: era simplesmente irresistível. Sem pensar duas vezes, Gideon largou o cálice na bandeja, tomou-a nos braços e a beijou. Um beijo que deveria ser superficial e ligeiro, mistura de agradecimento com travessura e uma pitada de provocação. No entanto, o gosto de surpresa e inocência e a maneira um tanto instintiva com que ela respondia à carícia o fez colar seu corpo às formas femininas para beijá-la intensa e demoradamente.

Ruídos do lado de fora da porta o fizeram recuperar o bom senso e, relutante, ele a soltou. Com os olhos arregalados, Prudence piscava sem parar de tanto espanto. A confusão que ele via estampada naquele rosto de feições tão suaves deu-lhe vontade de beijá-la outra vez.

— Pare de olhar assim para mim ou irei tomá-la em meus braços novamente.

— Não ouse!

Gideon fez força para não rir de tamanha indignação e, tomando o cálice da bandeja, deu mais um gole no conhaque. Nesse instante, a porta se escancarou e, num sobressalto, Prudence correu a passar o braço pelo braço dele.

— Santo Deus! — O senhor de meia-idade vestido com certo exagero que entrara na sala deteve-se pouco além da soleira da porta. — Prudence! Mas o que é que você está fazendo aqui?

Era tio Oswald, sem sombra de dúvida. Sem pressa, Gideon terminou o restante da bebida, ciente de que, fungando e bufando em sinal de ultraje, o velho senhor esperava por explicações. Pois ele que esperasse.

Mas em vez de aguardar, tio Oswald, ao ver Prudence de braço dado com o dono da casa, franziu furiosamente as grossas sobrancelhas grisalhas para indagar num tom indignado:

— Que pouca-vergonha é essa?

Homem de nunca deixar escapar uma boa oportunidade, Gideon passou o braço ao redor da cintura dela. Uma cintura deliciosa, ele reparou, suave e convidativa, com curvas ainda mais apetitosas tanto acima como logo abaixo. Prudence enrijeceu ao inesperado abraço.

— Tire a mão de minha sobrinha-neta, seu pilantra com a barba por fazer!

O pilantra com a barba por fazer não só ignorou tio Oswald como também apertou um pouco mais a sobrinha-neta junto de si, antes de olhá-la com cobiça.

Tio Oswald gorgolejou como um peru enraivecido. Corando até o decote do vestido, Prudence livrou-se do abraço inoportuno de Gideon, empurrou as mãos dele para longe e cuidou de fazer as apresentações:

— Tio Oswald, este é o duque de Dinstable. — Com um olhar ameaçador para

Gideon, ela acrescentou: — Vossa Graça, este é meu tio-avô, sir Oswald Merridew.

Abandonando a pose de vilão sedutor, Gideon curvou-se numa mesura.

— Um criado seu, sir Oswald.

Tomado de surpresa, sir Oswald balbuciou qualquer coisa a si mesmo, então ergueu o tom de voz, dizendo:

— Vossa... Vossa Graça. Então é verdade... Mas... você não pode ser o salafrário que induziu minha sobrinha a cometer tamanho desatino!

— Infelizmente, ele sou eu, embora *salafrário* me soe severo além da conta. Ardiloso, eu poderia aceitar... Ou mesmo embusteiro. Pilantra com a barba por fazer, certamente, uma vez que passei a noite toda fora e ainda não tive tempo para me barbear. — Afetando pesar, Gideon passou a mão pelo maxilar áspero. — Mas salafrário? Isso, não.

Em face da provocação, sir Oswald contra-atacou:

— Posso saber que raios minha sobrinha-neta significa para você?

— Não tenho como dizê-lo — respondeu Gideon com sinceridade. Afinal de contas, o que mais sabia a respeito de Prudence, a não ser que ela possuía lábios deliciosos?

— Você nega ter arrancado uma promessa dela?

— Eu poderia negar, mas duvido de que o senhor fosse acreditar em mim.

— Infâmia! Principalmente vindo de um homem da sua posição social. Você tinha a obrigação de saber que uma menina tão novinha não pode fazer uma promessa como aquela sem o conhecimento do tutor dela!

Gideon olhou para Prudence.

— Ela não me parece tão nova assim.

— Seja razoável, homem de Deus!... Uma jovem de dezesseis anos é quase uma criança!

— Não é possível que você tenha somente dezesseis anos! — Gideon examinava Prudence com assombro. — Não acredito! Você parece bem mais... madura.

— Não distorça minhas palavras, cavalheiro! Como bem sabe, eu falava de quatro anos e meio atrás!

— Quatro anos e meio atrás? — repetiu Gideon.

— Quando assumimos nosso noivado — interpôs Prudence, ao ver o quanto ele parecia confuso. — É claro que você sabia que eu tinha dezesseis anos naquela época.

— Sabia? Como? — Ele sorriu com ironia. — Bem, vai ver eu estava com a cabeça em outros assuntos *naquela época*. Seja como for, isso significa que agora você está com... mais de vinte anos, não? Ótima idade.

Antes que ela pudesse revidar o comentário malicioso, sir Oswald esbravejou:

— Você é um duque! Por que esperar quatro anos se está interessado na menina?

— De fato, por quê? — Gideon tornou a servir-se da garrafa de cristal. — Conhaque, sir Oswald?

— Envenenando suas entranhas com bebida? A esta hora da manhã? — O tio-avô ficou verde. — Infâmia!

— Ah, é verdade, a srta. Merridew tinha me avisado... O senhor prefere chá, não

é mesmo?

— Não, obrigado. — Não sem dificuldade, o velho nobre controlou a indignação e moderou o tom. — O que estou tentando entender é o porquê do sigilo e da protelação.

— Estou protelando algo? — Gideon tornou a olhar para Prudence. — Que coisa horrível.

— Você sabe muito bem a que estou me referindo! — insistiu sir Oswald. — Ninguém iria se opor ao seu interesse pela garota, oras... Afinal de contas, mesmo que viva todo amarrotado, você é um duque!

— Todo amarrotado? — Ofendido, Gideon examinou as roupas que vestia. Então, com um suspiro, olhou uma vez mais para Prudence. — Além de protelar sabe-se lá o quê, vivo todo amarrotado. Tem certeza de que quer continuar noiva de mim, querida?

— Não! De jeito nenhum! — respondeu ela, exaltando-se ao perceber que, se não estivesse a devanear por causa daquele beijo roubado, deveria ter assumido o controle daquela conversa de loucos muito tempo atrás.

— Sem mais delongas! — trovejou o tio-avô. — Quero uma resposta... agora! Por que você não foi falar com o tutor dela, como faria um homem de bem? Por que não pediu a mão dela às claras?

Após pensar por alguns instantes, Gideon declarou:

— Por timidez. — E quase deixou escapar um gemido por conta da cotovelada que recebeu de Prudence.

Decidida a pôr um ponto final àquela insânia, ela deu um passo à frente.

— Tio Oswald, finalmente meus olhos se abriram. Agora vejo que não quero mais continuar noiva desse... desse...

— Biltre — sugeriu Gideon, num sopro de voz.

— Biltre — repetiu Prudence. — Creio que me enganei sobre o caráter dele. Aos dezesseis anos eu era muito tola, mas agora sou uma mulher adulta que...

— Bela mulher — uma voz sussurrou ao ouvido dela.

— Bem, a verdade é que não posso me casar com um homem que não teve coragem para enfrentar o senhor ou o vovô como um...

— Nem o vovô! — ressaltou o biltre às costas dela num tom teatral. — Que grande covarde tenho sido!

— De fato — concordou Prudence acidamente. — E agora é tarde demais para isso, uma vez que o vovô jaz...

— Que Deus ilumine a alma dele — o biltre entoou com devoção.

— O pobre vovô jaz em seu *leito de doente* — ela o corrigiu. — De qualquer modo, titio, sinto que meus olhos afinal se abriram às falhas no caráter de Sua Graça...

— Depois de quatro anos e meio, pensei que você estivesse disposta a negligenciar meus pequenos defeitos — Gideon não se conteve. — Ou vai me dizer que nunca havia reparado neles? Ora, por favor.

Após apertar um lábio contra o outro e engolir o riso, Prudence prosseguiu:

— Não posso me casar com um homem que, além de covarde, comporta-se com imensa frivolidade ante as questões sérias da vida. Esse homem, tio Oswald, não é apenas um pretendente inapropriado; ele é também um...

Percebendo que ela tinha dificuldade em encontrar argumentos sólidos com os quais justificar o rompimento do noivado, Gideon dispôs-se a ajudá-la:

— Um vigarista que vive amarrotado? Um pilantra que não se barbeia? Um crápula que bebe pela manhã?

Prudence agarrou-se ao que tinha em mãos:

— Um homem que toma conhaque a esta hora da manhã não pode ser o marido ideal para mim!

Avaliando as alegações da sobrinha-neta, tio Oswald olhou para o duque, que, no mesmo instante, pôs no rosto a expressão de quem se sentia aniquilado pelas acusações. Tão aniquilado que Prudence olhou feio para o crápula repreendendo-o. O crápula piscou para ela.

— Não ouse piscar para minha sobrinha-neta, seu canalha! Ela não é nenhuma perdida que mereça piscadelas de um... de um tipo como você, duque ou não duque!

— O que foi que disse? — indagou uma voz suave à entrada da sala.

Prudence e tio Oswald viraram-se para a porta. A soleira estava um homem de estatura mediana, elegantemente vestido e que, de certo modo, podia ser considerado o oposto do duque. Enquanto o duque, extremamente alto, possuía formas esguias e modos desprendidos, aquele cavalheiro um tanto robusto apresentava-se com uma postura firme, altiva; enquanto o duque tinha a barba por fazer e trajava-se com uma displicência que beirava o descaso, o homem parado à porta, com o rosto recém-barbeado, os cabelos perfeitamente penteados e roupas engomadas que pareciam ter saído da gaveta, era a imagem do asseio e do zelo com o próprio aspecto. Num único ponto os dois se assemelhavam: aparentavam ter cerca de trinta anos de idade.

— Bom dia, Edward — cumprimentou o biltre, com um sorriso afetado.

— Bom dia, Gideon — respondeu o cavalheiro. — Tive a impressão de ouvir um clamor de vozes vindo desta sala. Incomoda-se de me explicar o que está acontecendo por aqui?

— Trata-se de um assunto particular — começou tio Oswald. — E eu agradeceria se você...

Ignorando-o, o cavalheiro insistiu:

— Gideon?

— Um momento, cavalheiro — foi a vez de tio Oswald interrompê-lo. — Quem diabo você pensa que é para cobrar explicações, se eu acabei de lhe dizer que se trata de um assunto particular?

— Quem diabo eu sou? — retrucou o homem, agora num tom bem mais áspero. — Eu, senhor, sou Edward Penteith, duque de Dinstable, e esta é a minha casa. E *o senhor*, posso saber quem é?

Apesar de proferidas num tom de extrema calma, aquelas palavras pareciam fazer eco pela sala. Pasma, sir Oswald hesitou um instante, mas logo em seguida recompôs sua ira.

— O... quê? Que raios quer dizer com isso? Como assim, Você é o duque de Dinstable?

O cavalheiro muito bem trajado ergueu uma sobrancelha em sinal de surpresa, um gesto simples mas, como ele, munido da mais absoluta elegância. Foi o que bastou para que sir Oswald se convencesse.

— Então quem diabo é esse vigarista que não se dá ao trabalho de fazer a barba e se embebeda pela manhã?

Voltando a erguer uma sobrancelha, o verdadeiro duque disse:

— Permita-me lhe apresentar meu primo, lorde Gideon Carradice. E o senhor é...?

— Lorde Carradice! — exclamou tio Oswald, horrorizado. Gideon curvou-se numa mesura.

— Encantado em conhec...

— Encantado coisa nenhuma! — sir Oswald o interrompeu.

— Eu sei tudo a seu respeito, você não passa de um namorador! Um cafajeste! Um desregrado da pior espécie!

— Vejo que sabe mesmo um bocado a meu respeito — murmurou lorde Carradice com indisfarçável satisfação, antes de tornar a curvar-se.

— Como teve coragem de me enganar quanto à sua verdadeira identidade? — Sem lhe dar tempo para responder, tio Oswald virou-se para o duque e emendou: — Fique sabendo, Vossa Graça, que esse... esse...

— Desregrado — ofereceu Gideon. — Pilantra que não se barbeia. Vigarista todo amarrotado. Biltre. Cafajeste. Crápula.

— Esse rematado embusteiro — continuou o tio-avô, ainda se dirigindo ao duque — teve o desplante de se apresentar para mim... aqui, nesta mesma sala!... com o seu título!

O duque olhou para o primo como a lhe pedir uma explicação. Lorde Carradice então declarou com sua inabalável naturalidade:

— Eu não fiz isso.

— Mas... — começou a dizer tio Oswald. Erguendo a mão, Gideon não o deixou terminar.

— Por mais indigno de um cavalheiro que seja afirmar tal coisa, devo assinalar que foi sua sobrinha-neta quem nos apresentou um ao outro. — Ele se virou para Prudence. — Srta. Merridew? Você tem o direito de falar.

Como forma de extravasar a raiva, Prudence apertou com força a carteira que tinha na mão. O patife! Mal conseguia dissimular o prazer que sentia em deixá-la embaraçada. E o fato de ela mais do que merecer ver-se enredada nas teias que havia armado não servia de conforto. O miserável! Podia tê-la avisado, podia ter explicado o engano... Mas não, usara do silêncio como forma de corroborar o erro que ela cometera. Nesse jogo cabem dois competidores, meu lorde. Como fora mesmo que o duque o chamara? Ah, sim! Gideon. O primeiro nome dele era Gideon.

Pestanejando com candura para ele, Prudence disse no tom mais meigo que conseguiu:

— Mas Gideon, querido, não estou entendendo... Então quer dizer que você na verdade não é o duque? E que o duque é esse cavalheiro, seu primo? Oh, mas por que você... — dando maior dramaticidade à implicação que acabara de fazer, Prudence

calou-se.

A emenda, porém, saiu pior do que o soneto.

— Ah, trapaceiro desprezível! — tio Oswald voltou ao ataque. — Como teve coragem de enganar uma menina inocente de modo tão vergonhoso? Fazendo-se passar por quem não é, impostor infame! Que logro pavoroso! Fazer uma criança acreditar que...

— Criança? — interrompeu o duque de Dinstable.

— Ela tinha apenas dezesseis anos quando esse salafrário a ludibriou! Dezesseis!

O duque olhou para o primo. Imperturbável, Gideon tirou um pequeno maço de folhas de papel do bolso do casaco. Após romper o lacre que as unia, começou a passar os olhos pelos papéis, afetando completa indiferença à discussão à sua volta; no fundo, estava adorando aquela atuação como destroçador de corações que haviam lhe imposto. Quando notou que a sala estava em silêncio, arriscou um olhar de soslaio para a srta. Merridew. E a satisfação que sentia cresceu ainda mais. Com toda a certeza, tratava-se de uma mulher bem pouco comum. Finalmente educada e, ele imaginava, genuinamente inocente, apesar do atrevimento de ter entrado numa residência estranha e alegado um compromisso de noivado com um desconhecido. Gideon não conhecia outra mulher que possuísse tamanha ousadia e convicção. E mesmo não sabendo que tipo de jogo ela começara a jogar, tinha de admitir que aquilo tudo o divertia um bocado.

Apontando-lhe um dedo, sir Oswald retomou as acusações:

— Usar o título de outro homem com a finalidade de roubar o coração do tenro peito de uma mocinha indefesa... Você não se envergonha?

Largando as folhas de papel sobre a tampa do cesto de carvão junto à lareira, Gideon olhou com visível interesse para o tenro peito da mocinha indefesa. Peito esse que foi rapidamente coberto com um par de braços cruzados às pressas.

Sem perceber que batia com a ponta do pé sobre o soalho encerado, Prudence decidiu que aquilo estava indo longe demais. Assim, tratou de ignorar a desconfortável excitação que os olhares impudicos de lorde Carradice lhe provocavam para indagar:

— A verdade é que você me enganou esse tempo todo, não é mesmo? — Ainda que seus esforços não fossem suficientes para lhe trazer uma só gota de lágrima aos olhos, ela tirou um lenço rendado da carteira e apertou-o contra as pálpebras. — Era tudo mentira, mentira e mentira! Oh, não posso suportar uma coisa dessas! Você não tem um pinga de vergonha! Eu jamais poderia me casar com um homem sem caráter!

Com medo de ficar atrás dela no item arte dramática, Gideon bateu com a mão no peito num gesto trágico e deu um passo para trás na tentativa de demonstrar a profunda dor que aquelas palavras lhe infligiam. Aos olhos de Prudence, porém, tio Oswald não parecia nada convencido. Em busca de algo que pudesse dar um final satisfatório a toda aquela encenação, ela olhou ao redor. E teve uma idéia.

Caminhando até a lareira, ali apanhou os papéis que lorde Carradice deixara sobre o cesto de carvão.

— As minhas cartas... — Prudence ergueu as folhas de papel para o noivo. — Você

as ostenta diante dos meus olhos para depois largá-las sem cerimônia num canto qualquer... Quanto desdém!... Não posso admitir uma coisa dessas! Está tudo acabado entre nós, lorde Carradice! Nunca mais quero vê-lo na minha frente! — Com estudada altivez, rasgou os papéis e atirou os pedaços ao fogo que crepitava na lareira. — Oh, como fui ingênua a ponto de entregar meu coração a um... a um... namorador.

— Oh, não! Não os *billets doux*, as doces lembranças... Minhas cartas de amor! — exclamou Gideon com a voz embargada, antes de correr até a lareira e, em vão, tentar resgatar as folhas de papel.

Prudence ficou estarrecida. Santo Deus, seria possível que tivesse queimado cartas de amor de verdade? Mas se aquilo que acabara de virar cinzas era de fato cartas de amor, por que lorde Carradice as largara de qualquer jeito sobre o tampo do cesto de carvão? Por outro lado, ele parecia tão perturbado, tão desolado... Talvez tivesse deixado suas cartas ali para recolhê-las numa outra oportunidade. Céus, o que ela fora fazer?

Após limpar a fuligem dos dedos, Gideon deu um suspiro profundo, murmurando:

— Ao menos eu tentei...

Corroída pela culpa, Prudence olhou para as mãos dele. Guardar um mísero pedacinho chamuscado de uma carta de amor era melhor do que não guardar carta de amor alguma.

— Bem, imagino que, mais cedo ou mais tarde, uma farsa como esta estava fadada a ser descoberta — Gideon acrescentou, antes de olhar para Prudence e emendar: — Nenhuma mentira dura para sempre.

Nervosa, ela pôs-se a pestanejar. Lorde Carradice iria desmascará-la!

— Peço perdão por tê-la enganado, srta. Merridew.

— Ora, Gideon, mal posso crer que você realmente tenha iludido essa jovem quanto à sua verdadeira identidade — observou o duque, ainda que muito pouco surpreso.

— Você sabe, Edward, sou um fraco, um inútil. — Lorde Carradice deixou os ombros caírem. — E a jovens sempre se impressionam muito mais com seu título do que com o meu.

O duque estreitou os olhos, no entanto não disse nada.

— Você, mocinho, envergonhou seu nome e a classe a que pertence! — assinalou tio Oswald. — Dizer um punhado de bobagens românticas à pobre menina no propósito de impressioná-la é uma coisa; fazer-se passar por duque e obrigá-la a um noivado sigiloso é outra bem diferente! E pensar que essa crédula criaturinha esperou quatro anos e meio para você falar com o avô dela ou comigo... Quatro anos e meio!

— Quatro anos e meio, quatro meses e meio, quatro minutos e meio... — Gideon olhou com pesar para Prudence. — O que é o tempo, quando se está apaixonado?

Ela não sabia se iria beijá-lo ou lhe torcer o pescoço. Claro que estava grata por lorde Carradice não ter exposto a farsa que ela montara, evidente que sim. Entretanto, aquela conversa de estar apaixonado ameaçava colocar a situação em perigo outra vez.

Antes que as coisas voltassem a lhe escapar do comando, Prudence tomou a

palavra:

— Venha, tio Oswald, vamos embora. Não quero que minha ingenuidade continue a ser discutida por todos vocês. Meu noivado acabou sem maiores prejuízos morais a ninguém, portanto eu agradeceria se nós fôssemos daqui agora mesmo. — Segurando no braço do velho senhor, Prudence tentou conduzi-lo em direção à porta.

Tio Oswald, porém, não parecia disposto a entregar os pontos. Após olhar de lorde Carradice para o duque e do duque para lorde Carradice, o melindrado nobre indagou:

— Então é isso? Fingimos que nada aconteceu?

Nem um nem outro respondeu. Prudence apertou o braço do tio-avô.

— Você fica noivo de minha sobrinha-neta com uma história sem pé nem cabeça de segredo, usa de um falso título de duque para iludi-la, mantém a pobrezinha à sua espera por quatro anos e meio, eu a encontro na sua companhia num encontro às escondidas, sozinha e desamparada...

— Não, não! Eu trouxe Lily comigo, titio.

— E ela ficou lá fora! — Tio Oswald voltou-se novamente para Gideon. — Você, seu vigarista, comprometeu a menina até o último fio de cabelo!

— Não, por favor! — Prudence começava a se preocupar com a hipótese de que o tio-avô tornasse a cismar com a idéia de casamento. — Não há mais compromisso algum, titio. O noivado está desfeito. Não posso me casar com um homem como... como... como ele! — Então ficou olhando para lorde Carradice. Imaginava que, cansado de ser ofendido, ele também quisesse dar um basta a tudo aquilo.

— E se eu fizesse a barba? — foi como ele respondeu ao olhar com que era interpelado. — Garanto que fico com uma aparência bem melhor quando estou barbeado. Não é verdade, Edward? — Sem dar oportunidade para o primo responder, Gideon prosseguiu: — Você se casaria comigo se eu me barbeasse, Prudence?

Mas ele era simplesmente impossível!

— Não — ela anunciou. — Eu não me casaria com você nem que fosse o último homem vivo sobre a face da Terra. Você é um completo... um perfeito... — Ao dar-se conta de que todos os insultos que pudesse dirigir àquele homem não surtiriam o menor efeito, Prudence calou-se.

Deus do Céu, o que mais lhe restava fazer? A situação estava definitivamente fora de controle. Ela já tinha dito e feito tudo o que lhe viera à cabeça para resolver aquele terrível mal-entendido, no entanto nada provocara um resultado desejável. Agora, só havia uma maneira de dar fim ao suplício.

E foi assim que, sem nem ao menos um suspiro, Prudence desmaiou.

Um belo desmaio, pensou ela, sem ter sido planejado e mesmo assim bem-sucedido na primeira tentativa. Aquilo por certo colocaria um ponto final à conversa absurda sobre seu noivado com lorde Carradice.

Mas como na maioria das decisões tomadas às pressas nem tudo saía como o esperado, os problemas não demoraram a surgir. Ao peso do corpo dela, tio Oswald cambaleou e pôs-se a ofegar, o que obrigou Prudence a fazer das tripas coração para evitar manter-se em pé enquanto se sentia escorregar em direção ao assoalho. Em

questão de instantes, porém, um par de braços musculosos a salvou do desastre. E mais uma vez ela teve de fazer um esforço sobre-humano, dessa vez para não gritar, ao perceber que alguém a erguera do chão e agora a mantinha de encontro a um peito largo e firme.

Aquele não era o peito de tio Oswald, evidentemente. Tampouco parecia o tórax do duque, homem que, se não gordo, estava longe de possuir formas atléticas. Talvez Bartlett, o mordomo?... Apurando o olfato, ela aspirou profundamente em busca do odor de almíscar. No entanto, o que lhe chegou às narinas foi um aroma que recendia levemente a bebida e tabaco, ao sabão e à goma empregados em roupas e... Que curioso, a um perfume de... Não era fácil identificar a fragrância tão convidativa. Seria esse o perfume... de um namorado?

Relutante, Prudente permitiu-se reconhecer o que seu corpo já estava farto de saber: fora lorde Carradice quem a impedira de estatelar-se no chão e era de encontro ao peito dele que agora se achava aninhada. Um peito amplo e reconfortante, tinha de admitir. Dentro do qual batia um coração sem a mínima noção do que era um sentimento respeitável.

Tio Oswald o afrontara com uma boa lista de insultos. Gideon Carradice não refutara um deles sequer; pelo contrário, parecia bastante satisfeito com sua péssima reputação. Ela também tivera inúmeras provas de que lorde Carradice não levava nada a sério. Em vez de se chocar com o comportamento daquela desconhecida que o buscara para falar de um noivado inexistente, envolvera a ambos ainda mais profundamente na farsa, adicionando um sem-número de complicações a uma história que, por si, já era um tanto emaranhada.

Prudence não queria isentar-se da culpa de ter inventado uma mentira, mas pelo menos sabia que fora o desespero que a levava a agir como agira. De sua parte, lorde Carradice envolvera-se naquela confusão estapafúrdia... por mera diversão! E ainda se aproveitara da situação para lhe roubar um beijo. Um beijo que não só a tomara de surpresa, como também quase lhe arruinara o bom senso e a compreensão do que era um comportamento próprio a uma dama.

Sem que percebesse, deixou escapar um suspiro. Mesmo que fosse esguia, uma jovem mulher de boa estatura como ela não devia pesar o mesmo que um bichinho de estimação. Com isso em mente, prendeu a respiração e esperou... E esperou... E esperou... E nada de ele a colocar no chão. Ainda sem notar, Prudence tornou a suspirar. Jamais se sentira tão deliciosamente delicada e feminina em toda a vida. Uma sensação que, de tão boa, mal podia ser descrita.

Com os olhos bem fechados e os membros lassos, deixou-se ficar ali, junto ao peito de lorde Carradice, na certeza de que ele tinha força de sobra para lhe agüentar o peso. Por um instante, quase não resistiu à tentação de entreabrir um dos olhos, mas logo a seguir deu-se conta de que, se o fizesse, por certo se depararia com um belo par de olhos de um castanho muito escuro, olhos expressivos e brincalhões que... Melhor não arriscar.

Largada nos braços dele, tratou de prestar atenção à agitação à sua volta. Parecia que Bartlett, que dera o ar de sua graça, trouxera algumas penas e agora

sugeria queimá-las sob o nariz dela. Lorde Carradice descartou a idéia, afirmando detestar o cheiro de penas queimadas, depois disse ao mordomo que fosse buscar um copo d'água. O aroma de almíscar então desapareceu, o que a fez concluir que Bartlett fora se desincumbir da tarefa.

Após murmurar que as indisposições femininas eram um assunto embaraçoso para os homens, tio Oswald havia se calado. O duque, ao que tudo indicava, fora buscar a dama de companhia dela na esperança que a moça soubesse de alguma medida cabível à situação, no entanto Lily não parava de repetir:

— Não sei o que fazer, Vossa Alteza. Ela nunca havia desmaiado antes.

Prudence sentiu um assomo de riso subir-lhe à garganta. E tanta força fez para contê-lo que por pouco não acabou por espirrar. No mesmo instante, sentiu os braços fortes de lorde Carradice apertarem-na de um modo quase escandaloso.

— Se cismar de dar risada justamente agora, vou atirá-la na lareira para que faça companhia às contas do meu alfaiate que você queimou — ele murmurou, os lábios muito próximos ao ouvido dela.

Prudence sentiu-se enrijecer. Ele sabia que aquele desmaio não passava de puro fingimento!... E, mesmo assim, continuava a segurá-la nos braços daquela maneira... indecente!? Ora, o pilantra! Foi então que se apercebeu do que ele havia dito. Contas do alfaiate? As cartas de amor que lorde Carradice tentara resgatar das chamas eram na verdade contas do alfaiate dele? Prudence comprimiu os lábios. Ah, aquele homem era o demônio em forma humana! E ela quase morrera de culpa por ter queimado... contas de alfaiataria!

— Ponha-me no chão agora mesmo — Prudence sussurrou entre os lábios fechados.

Em resposta, ele a sacudiu de leve de um modo um tanto provocador.

— Largue minha sobrinha-neta imediatamente — foi a vez de tio Oswald intervir.

— Não se preocupe, ela não corre o menor risco de cair dos meus braços — respondeu lorde Carradice. — Mas, se faz questão, posso deitá-la no divã.

No momento seguinte, Prudence sentiu-se depositada sobre algo longo e estofado. A barca de Cleópatra, presumiu.

— Não é melhor providenciar uma carruagem para levá-la para casa? — sugeriu o duque, na sua voz sempre tranqüila.

— Sim, sim... As irmãs dela saberão o que fazer! — exclamou tio Oswald, subitamente aliviado. — Afinal de contas, damas devem saber como cuidar das indisposições de damas. Lily, faça companhia a Prudence enquanto vou... Com mil demônios, dispensei a carruagem! — O velho nobre se dirigiu ao duque: — Precisamos de um coche de aluguel, mas lhe peço o favor de dizer a um de seus lacaios que o inspecione antes de nos acomodarmos. Na última vez em que me utilizei de um coche de aluguel, quase sufoquei com o cheiro deixado por uma partida de cebolas. É preciso também verificar os assentos. Se minha sobrinha-neta se sentar num... Ah, deixe que eu mesmo cuido disso. Além do mais, depois de tanto aborrecimento, estou mesmo precisando de um pouco de ar fresco. — Ele tornou a se virar para Lily. — Não saia de perto dela um só instante, menina!

— Sim, senhor, sir Oswald.

Após imaginar a moça curvando-se numa mesura respeitosa, Prudence ouviu tio Oswald e o duque deixarem a sala. Um silêncio profundo tomou conta do ambiente.

Até que a barca de Cleópatra era bem confortável... Imóvel, de olhos fechados, respirando com naturalidade, ela avaliava o momento e a maneira propícios de voltar a si quando ouviu lorde Carradice dizer numa voz doce como mel:

— Lily é o seu nome, não? Será que se incomodaria de ir até a cozinha e pedir à sra. Henderson, nossa governanta, um frasco de sais aromáticos?

— Oh, eu...

— Ora, Lily, você não imagina que eu seria capaz de fazer algum mal à sua patroa, não é mesmo?

Prudence ficou dura. Nenhuma mulher seria capaz de resistir àquele tom de voz, quanto mais uma moça simples do campo como Lily. No entanto, a jovem criada ainda tentou argumentar:

— Sir Oswald disse que... Não seria melhor eu ficar aqui?

— E se ela tiver uma convulsão ou algo ainda pior, Lily?

Se eu for buscar os sais, você, uma criaturinha tão frágil, teria forças para ampará-la?

Frágil? Lily já tinha posto para correr um criado abusado com quase o dobro da altura e do peso dela! Ah, lorde Carradice não prestava mesmo!

— Bem, senhor... Pode deixar, eu mesma vou buscar os sais.

— Traga também uma bebida estimulante, por favor. A sra. Henderson saberá o que lhe dar.

A sala voltou a ficar silenciosa. Ao sentir algo quente de encontro à sua perna, Prudence logo deduziu que aquele descarado tinha tido o desplante de sentar-se ao lado dela. Tão perto, que o calor do corpo dele conseguia penetrar por suas saias. Devagarzinho, abriu os olhos. E viu-se fitando os olhos mais vivazes com os quais se deparara em toda a sua vida. Lorde Carradice estava debruçado sobre ela, as mãos apoiadas na extremidade em madeira toda entalhada da barca de Cleópatra, aprisionando-a de encontro ao divã.

— Sente-se melhor? — Ele sorriu.

Deveria existir alguma lei contra sorrisos tão avassaladores, pensou Prudence, meio atordoada. Por certo fora um sorriso como aquele que persuadira Lily a deixá-los a sós.

— Você está farto de saber que eu não desmaiei de verdade. E devia me agradecer pela oportuna interrupção àquela conversa de loucos.

— E quem disse que não lhe sou imensamente grato? Outra vez aquele sorriso... Sentindo que o ar lhe faltava,

Prudence forçou o corpo de encontro ao divã como se isso a ajudasse a se afastar dele. Lorde Carradice continuava a olhar profundamente para ela. Parecia lhe adivinhar os pensamentos e os desejos mais secretos. Parecia saber quão árdua era a luta que ela travava com seus princípios morais.

— Afaste-se de mim! — No intuito de empurrá-lo, Prudence levou as mãos ao

peito dele. — Deixe-me me levantar!

— Tarde demais. — Com isso, ele a beijou.

Capítulo III

Não foi como o primeiro beijo que ele lhe dera, aquele rápido beijo roubado, tão inesperado que a deixara meio zozza, com a mente vazia e os lábios em comichão. Esse beijo era mais... mais...

Mais.

Prudence já fora beijada, mas não com aquele ímpeto, não com todas as partes da boca. A forma possessiva como os lábios e a língua de lorde Carradice a acariciavam roubava-lhe a força de vontade, fazendo com que se submetesse de bom grado ao prazer que aquele contato tão íntimo lhe proporcionava. Do modo como ele a beijava, Prudence podia sentir até mesmo o gosto dele. E isso era simplesmente arrebatador. Ah, precisava acabar com aquilo. Mas a forma como ele a beijava, contundente e instigante, parecia lhe roubar o raciocínio lógico... Era como mágica... Devia ser pecado... Era algo... Prudence não conseguia mais pensar e, sem mesmo se aperceber de que o fazia, enfiou as mãos pelos sedosos cabelos castanhos do pilantra que assaltava sua boca e lhe despertava sensações das quais ela nem sequer ouvira falar.

Após alguns momentos, sentiu que lorde Carradice deixava de beijá-la. Então se esforçou para recuperar o autocontrole, mas tudo o que conseguiu foi pestanejar e pôr-se a admirar a boca bem-feita junto à sua. Quem poderia imaginar que meros lábios eram capazes de provocar tamanha desordem no íntimo de uma mulher? Quem haveria de supor que a boca de um homem pudesse ser tão máscula e, ao mesmo tempo, sedutoramente bela?

Sentindo-se corar, respirou fundo à busca de se recompor enquanto tentava ignorar que os olhos dele continuavam fixos nos seus. O perfume de lorde Carradice lhe entorpecia os sentidos. Além do suave aroma de conhaque, uma fragrância com odor de água-de-colônia, virilidade e desejo. Seria possível que algum dia ela viesse a se esquecer desse perfume? Num gesto instintivo, Prudence fechou os olhos.

Instantes depois, quando tornou a abri-los, viu que ele continuava a fitá-la intensamente. Pela primeira vez naquela manhã, o renomado namorado não tinha no olhar um descuidado quê de humor, como se achasse graça em tudo e qualquer coisa que ocorresse à sua volta. Agora parecia quase... perturbado. Um leve franzido surgira entre suas sobrancelhas grossas, e nos olhos intensos havia uma expressão confusa. Como se ela fosse algum mistério, algum enigma.

— Quem de fato é você, srta. Prudence Merridew? — ele indagou num sussurro. A pergunta teve o poder de fazê-la recobrar o bom senso.

— Desculpe-me, lorde Carradice, não era minha intenção causar problemas a quem quer que fosse. Menti no propósito de proteger meu verdadeiro noivo. Ele é o filho mais novo de uma família de poucos recursos, vizinha à propriedade onde eu morava em Norfolk. Meus parentes por certo colocarão obstáculos a esse compromisso.

— Não foi isso o que perguntei.

Confusa, bastante nervosa, ela engoliu em seco e, como sentisse a boca subitamente seca, passou a ponta da língua pelos lábios. No mesmo instante, os olhos de lorde Carradice se incendiaram. E antes que Prudence pudesse dizer uma só palavra, ele a beijava outra vez.

Incapaz de se reprimir, ela entreabriu os lábios para recebê-lo, ávido e ardente como antes. Ao experimentar a rígida frieza dos botões do colete que ele usava de encontro ao tecido fino que lhe cobria os seios, teve a sensação de que roupas não davam conta de impedir que o calor e a força se irradiassem do corpo de lorde Carradice para o dela. Um calor e uma força desmedidos, que tanto a subjugavam quanto lhe acarretavam uma onda de desejo que a aterrorizava.

De repente, a mão dele estava sobre seu seio, afagando, provocando, produzindo sensações que a faziam arrepiar-se e estremecer... Ela suspirou. Ele deixou escapar um gemido.

Por algum motivo, foi esse gemido abafado que a trouxe de volta à realidade. O que fazia ali, na casa de um estranho, um duque a quem nunca vira antes, largada sobre um antiquado divã em estilo egípcio, aceitando as mais íntimas e escandalosas carícias de um homem a quem acabara de conhecer? Um homem que, além do mais, era tido como um notório namorador. Um homem que, ela vira com os próprios olhos, não dava valor algum aos valores morais e aos padrões da boa conduta. E que sabia que ela era noiva.

Deus do Céu, como fora lhe permitir tamanhas liberdades? Ele a enganara, mentira a respeito de sua identidade, zombara dela e de seu tio-avô. Passara a noite toda fora. Tomava conhaque à hora do desjejum. Pouco se importava com sua aparência. E agora lhe afagava a coxa por cima do vestido...

Mas o pior não era que ela lhe permitisse tudo isso. O pior era que, estava gostando. *As mulheres não passam de criaturas fracas e indignas de confiança, escravas dos mais primitivos instintos animais!* As palavras do avô Theodore lhe ecoaram pela mente, e Prudence congelou. Lutara a vida inteira contra as críticas horrendas do avô e agora... Toda a sua determinação e retidão de caráter viravam fumaça à fortuita habilidade de um namorador. Como era possível que uma jovem noiva se comportasse daquela maneira?

Não, aquilo realmente não podia continuar. Fora pega de surpresa, mas era uma mulher de princípios. Ou pelo menos tentava ser. Tomando o rosto dele entre as mãos, obrigou-o a interromper o beijo.

— Tire as mãos de mim. Quero me levantar.

Lorde Carradice tornou a fitá-la no fundo dos olhos com aquela mesma expressão... esquisita. Porém logo em seguida respirou fundo e, de um instante para outro, seu olhar readquiriu o brilho ladino, despreocupado, brincalhão. Endireitando-se, ele comentou:

— Será que você está em condições de se manter em pé? O tom malicioso fez o sangue de Prudence ferver. Ele podia ser um namorador, mas ela não era nenhuma perdida! Mesmo que tivesse se comportado como tal por um momento ou dois. Ou três.

— Estou farta de suas manipulações, senhor! Dê-me licença, sim? Quero me levantar.

— Manipulações? — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Quer fazer o favor de me dar licença? Não estou mais indisposta.

— Ah, mas foi tão prazeroso reanimar você... Tem certeza de que está recuperada?

Aquilo era demais! Agora ele fazia insinuações como um verdadeiro... namorador!

— Quer sair da minha frente, senhor? — Prudence ergueu os braços para afastá-lo de si, e a carteira que trazia presa ao pulso balançou no ar.

— Não. — Lorde Carradice deu um sorriso provocante. — Creio que você ainda precisa ser melhor reanimada.

— Deixe-me me levantar!

Ele meneou a cabeça para dizer que não.

— Bem, já que não pretende agir como um cavalheiro...

Sem pensar duas vezes, Prudence usou da carteira para desferir uma sonora pancada contra a cabeça dele. Grace era mesmo um amor de menina. Além de utilizar uma resistente cartolina da melhor qualidade para confeccionar o presente, tivera o cuidado de passar várias demãos de verniz sobre os motivos egípcios de que o avô tanto desgostara.

— Ai! Mas o quê...

Ao vê-lo levar a mão à cabeça com uma expressão tão surpresa quanto contrariada, Prudence aproveitou para escorregar para fora do divã. E, percebendo que tinha os joelhos meio trêmulos, foi para junto de uma escrivaninha em ébano marchetado e nela apoiou as mãos em busca de equilibrar-se.

— Como teve coragem de... de me atacar daquela maneira, seu... seu...

— Eu ataquei você? — Ele ainda esfregava a cabeça. — Ousa me acusar de tê-la atacado depois de ter me agredido com essa coisa? Aliás, esse negócio que você carrega no braço é feito de pedra?

Prudence ignorou a provocação.

— Saiba que não sou para tipos como você, lorde Carradice. Ele parou de friccionar o local da pancada. Então, olhando-a de cima a baixo, comentou:

— Ora, Prudence, pensei que havia ficado bem claro para nós dois que você gosta de tipos como eu.

— Pensou, é? Pois se enganou redondamente. — Ela se esforçava para dar um tom extremamente convincente à voz. — Na verdade, eu abomino tipos namoradores.

— Acho que quem está enganada é você. — Levantando-se, Gideon pôs-se a

caminhar de mansinho em direção a ela. — Vamos tirar a prova?

Oh, Céus, ele ia beijá-la de novo! Prudence correu para trás da mesa.

— Pare agora mesmo com isso! Já disse que não sou para você, lorde Carradice.

— Ah, mas por que está tão certa disso?

— Já falei que sou noiva!

— Oh, é verdade. Eu tinha me esquecido. — Rindo, ele tornou a esfregar a cabeça. — Você está noiva do duque de Dinstable... ou de mim... ou de um rapaz que não tem muitos recursos. Agora já não sei mais de quem.

— Não se faça de engraçadinho. Afinal, deixei bem claro que esta situação foi causada por um... por um equívoco.

— Equívoco foi eu tê-la deixado ficar com essa carteira pendurada no pulso. De que é feita essa coisa? Madeira?

— Cartolina! Se bem que isso não seja da sua conta.

— E da minha conta, já que fui golpeado com essa... arma. Que além de pesada e dura como pedra, é feia de doer. Posso saber por que cismou de andar por aí com... isso?

— Caso ainda não tenha notado, uma jovem precisa de uma carteira para circular por Londres, especialmente quando vai visitar alguém. Além do mais, minha carteira não é feia. Foi feita com muito amor e capricho por minha irmã caçula, que a deu de presente para mim, por isso é muito mais bonita e mais valiosa do que todos esses cacarecos caros que decoram esta sala decadente e horrorosa!

— Ah, concordo plenamente com você. Esses móveis são mesmo pavorosos. A mãe de Edward decorou este ambiente nos moldes de um jantar de faraós sete ou oito anos atrás, quando esperava que ele viesse freqüentar a sociedade londrina, mas então... por motivos dos quais não falaremos agora... nada deu certo e a casa ficou assim, cheia até o teto com móveis horrendos e antiquados. E como Edward não tem o menor interesse por decoração, deixa tudo como está. Mas ele pelo menos não usa de toda esta feiúra para atacar ninguém, não é verdade?

Prudence já se preparava para responder à provocação, quando ouviram o duque à soleira da porta:

— Ah, vejo que você está recuperada.

Imaginando que talvez o dono da casa pudesse ter ouvido, ou visto, coisas nada agradáveis, ela sentiu-se ruborizar.

— Sim, a cor já voltou ao seu rosto — ele comentou num tom afável até demais, o que só fez aumentar as suspeitas de Prudence. — Sir Oswald conseguiu um coche de aluguel de seu agrado, e a dama de companhia da senhorita a espera no hall com um frasco de sais aromáticos.

— E o seu noivo irá acompanhá-la até a porta — acrescentou Gideon, muito cortês —, desde que você nos diga quem é ele.

Prudence teve ganas de lhe torcer o pescoço. No entanto, contentou-se em erguer o queixo e fazer menção de se dirigir à porta. Com dois ou três passos, lorde Carradice a alcançou, segurando-a pelo braço.

— Vai embora assim, sem se despedir de mim, depois de passar quatro anos e

meio consumindo-se por minha causa?

— Consumindo-me? — Ela sentiu-se afrontada. — Eu jamais teria um comportamento tão impróprio, tão abjeto. E mesmo que me permitisse tal fraqueza, lorde Carradice, nunca seria por você que eu haveria de me consumir!

— Ah, como pode dizer uma coisa dessas agora que você me conhece? E conhece bastante bem...

A observação fez Prudence dar-se conta de que ainda tinha o gosto dele nos lábios. Gideon Carradice era impossível. E também encantador. Só que ela não iria se deixar encantar por um namorador despreocupado da vida. Olhando feio para a mão que ele mantinha sobre seu braço, pediu num tom firme:

— Quer fazer o favor de me largar?

— Nunca, meu coração. Eu jamais largaria minha noiva.

— Oh, pare com isso de uma vez por todas, sim? — Puxando o braço para junto do corpo, ela se dirigiu ao duque: — Lamento imensamente tudo o que houve, Vossa Graça. Realmente é verdade que estou noiva, há quatro anos e meio... de um rapaz chamado Phillip Otterbury, e lorde Carradice sabe muito bem por que ainda não pude contar sobre esse compromisso a meu tio-avô. — E com isso ela se virou novamente para o namorador desfechando-lhe outra boa pancada com a carteira. Melhor preparado dessa vez, Gideon desviou do golpe e a dura carteira acertou-o de leve no ombro. Quando ele tornou a olhar para Prudence, viu-a, enfurecida, deixando a sala sem ao menos olhar para trás. Não demorou muito e a porta de entrada da residência fechou-se com um estrondo.

— Aquela jovem — murmurou o duque, pensativo — é um tanto peculiar.

— Sem dúvida alguma.

— Não me lembro de outra mulher que tenha rejeitado você tão categoricamente, primo.

— É verdade. — Gideon coçou o queixo.

— Pelo que pude depreender, apesar de todo o destampatório do senhor parente dela, você e aquela jovem se conhecem há pouco tempo.

— Para ser exato, eu diria que faz cerca de quarenta minutos que conheço a srta. Prudence Merridew.

— Então ela não é uma de suas...

— Deus, não, ela não é. — Gideon riu. — Você me conhece bem, Edward, não há entre minhas *amigas* nenhuma jovem inocente e, com toda a certeza, a srta. Prudence é uma jovem pura. Além do quê, nenhuma dama que se dê ao respeito sequer sonharia em armar uma cena tão absurda quanto aquela.

— Sim, percebi que ela não fazia seu tipo. — O duque hesitou por um instante, depois indagou: — Você por acaso... está interessado nela?

Foi a vez de Gideon hesitar. Após pensar por um momento, ele declarou:

— É contra meus princípios me interessar por mulheres puras.

— Tem certeza?

— Evidente que sim — ele respondeu num tom irritado. — Por quê?

— Se não tem interesse pela srta. Merridew, então creio que posso me aproximar

dela.

— Pelo bom Deus, com que propósito?

— Esqueceu o motivo de minha vinda a Londres? Largando-se sobre uma poltrona, Gideon cruzou uma perna sobre a outra e, com extremo esmero, pôs-se a alisar a calça marrom que vestia.

— Claro que não esqueci, Edward. Você arrastou-se de suas adoradas montanhas e terras pantanosas para cá com a esdrúxula idéia de enfiar seu pescoço na arapuca sagrada do matrimônio.

— Se eu fizer uma boa escolha, não será uma arapuca.

— Boas escolhas não existem! Você e eu já não tivemos provas suficientes de que, em se tratando de casamento, nenhuma escolha é suficientemente boa? Ninguém sabe ao certo no que está se metendo ao se casar, Edward. No fundo, quem faz as escolhas é o destino, e o destino quase sempre tem um péssimo senso de humor.

— Mesmo assim, não posso fugir dele. Meus desejos e temores pouco significam, já que tenho de dar prosseguimento ao meu nome, que vem de várias gerações, e o ducado precisa de um herdeiro. Tenho a obrigação de me casar, Gideon. Assim como você.

— Obrigação!

— Exato. Mas, com relação à escolha de uma esposa, cheguei à conclusão de que posso minimizar os riscos. É óbvio que não desejo uma esposa deslumbrante... nós dois sabemos por quê. Uma noiva relativamente bela e prática seria o ideal para mim, alguém por quem eu não me sinta inclinado a morrer por amor. Seríamos como bons amigos. Se não houver emoções fortes de um lado e de outro, o risco diminui bastante. Além do mais, mulheres bonitas demais me deixam nervoso.

— Entendo. Mas se é assim, por que cogita se aproximar da srta. Merridew?

— Ora, porque ela não é nem um pouco fascinante.

— O quê? — Gideon endireitou-se na poltrona. — Ainda que não possua uma beleza capaz de arrebatrar toda a sociedade, ela...

— Não, não digo que seja feia. Mas, para meu gosto, bela ela também não é.

— Não é? Pelos Céus, homem! Será que estamos nos referindo à mesma pessoa?

— Cada cabeça, uma sentença. Para mim, Gideon, ela não é nenhuma coisa do outro mundo.

— Não acredito que ouvi o que você acabou de dizer! Será que está enxergando bem, primo? Aqueles olhos, aquele sorriso, aqueles cabelos... Da cabeça aos pés, Prudence Merridew é uma autêntica jóia de valor inestimável!

— Você disse jóia? — O duque ficou pensativo. — Está bem, talvez eu tenha me expressado mal. De qualquer modo, o fato é que ela não me deixou nervoso.

— O que prova o quanto você é bobo!

Estalando os dedos com meticuloso cuidado, Edward comentou:

— Parece que a srta. Merridew tem apreço por duques. Talvez ela se interesse de verdade por mim. Além do mais, foi você mesmo quem sugeriu que eu viesse para Londres com a finalidade de me familiarizar melhor com o sexo feminino.

— Eu devia estar meio doido...

— Desde que cheguei à cidade, a srta. Merridew foi a única jovem que conheci. E como ela me pareceu bem mais agradável do que as mulheres com quem estive no passado, estou pensando em ir visitá-la, e sir Oswald, evidentemente, ainda esta tarde.

— Não creio que seja uma boa idéia.

— Por que não?

Gideon não conseguia pensar num bom motivo para que seu rico e respeitável primo não fosse ver uma jovem e bela dama que o receberia na companhia do tio-avô. Por fim, disse a primeira coisa que lhe ocorreu:

— Tenho a impressão de que ela é insana.

— Ah, sei.

— E por que não? — Erguendo-se, Gideon pôs-se a caminhar pela sala, o solado de suas botas marrons a estalar suavemente pelo soalho. — Do nada, ela aparece aqui sem ser convidada, ao romper da aurora...

— Bartlett disse que ela chegou antes das nove e meia da manhã.

— Que seja, mas veio afirmando ser sua noiva! Depois me confunde com você e, quando o tio-avô dela chega, insinua que sou um vigarista ardiloso, rasga e atira ao fogo as contas do meu alfaiate e, não satisfeita, finge um desmaio. E então, depois de eu ampará-la e reanimá-la, o que é que ela faz? Golpeia-me acima da orelha com uma carteira pavorosa dura como pedra, anuncia que é noiva de algum outro sujeito e sai pisando duro porta afora! Isso é comportamento de uma pessoa normal?

— Eu disse que ela era peculiar.

Após se entreolharem por um curto lapso de tempo, os dois primos caíram na risada. O duque então tocou a sineta pedindo a Bartlett que lhes servisse café.

Enquanto avaliavam os acontecimentos daquela manhã, ambos beberam de suas xícaras em silêncio. Gideon não conseguia deixar de pensar nos beijos que roubara da srta. Prudence Merridew. Ou melhor, do modo como reagira a esses beijos. Ainda que por breves momentos, sentira-se um menino inexperiente, surpreso e muito excitado, absolutamente encantado com um simples beijo de uma jovem desconhecida. Nada na vida o arrebatara como aquele beijo. Ela o atraía como um ímã. Ela o fascinava. Ela...

— Mais café, Gideon?

Obrigando-se a retornar à realidade, ele respondeu:

— Não, obrigado. Vou me deitar, já que esta noite iremos a... aonde? — Gideon fez uma careta. — Ah, sim, ao Almack's!

— Não, ao Almack's nós vamos amanhã. A menos que você não queira ir.

— Vamos, sim. Aquele restaurante está sempre cheio de donzelas prontas para casar!

— Não é preciso que você me leve por aí pela mão, Gideon. Sou capaz de enfrentar os terrores do mercado casamenteiro por mim mesmo, acredite, mas mesmo assim agradeço sua boa vontade. E, como eu lhe disse, estou pensando em visitar a srta. Prudence Merridew.

— Não perca seu tempo, Edward. Você disse que deseja uma esposa prática, calma, simples e feiosa, e a srta. Merridew não é nada disso. Por trás daquele rosto

bonito e daquela aparência cativante existe uma mulher de língua afiada e temperamento insuportável. Entre as moças que freqüentam o Almack's há damas muito mais feias, mais ricas e mais serenas do que Prudence Merridew!

— Acredito que sim. Mas fiquei com a impressão de que ela gostaria de se casar com um duque e, você sabe, isso me pouparia o trabalho de...

— Ela não sabe o quer! E nem você! — Tratando de se recompor, Gideon acrescentou num tom mais natural: — Ela não é mulher para você, primo.

— É impressão minha, ou quem está verdadeiramente interessado nela é você?

— Bobagem. O casamento não me atrai, seja por obrigação ou não. Dou-me o prazer de um flerte aqui, outro acolá, mas isso é tudo. E você sabe que não me envolvo com jovens inocentes.

— Sei.

Gideon deixou escapar um suspiro exasperado. Seu primo estava enganado. Por mais que Prudence tivesse lhe afetado os sentidos, aquela história parava por aí. Aproximar-se da srta. Merridew seria o mesmo que cortejar o desastre, e ele era um homem sensato demais para tomar tal atitude. Além do quê, havia também o tal Otterbury.

Seria verdade que ela estava noiva de um sujeito chamado Otterbury? Não que isso lhe interessasse, evidentemente. Mas, apenas por curiosidade, permitiu-se imaginar que tipo de pessoa seria o tal fulano. Um camponês, talvez? Ao que parecia, alguém bem abaixo do nível social dela. No entanto, pobre ou rico, o tal Otterbury devia ser um homem categoricamente especial para fazer com que uma mulher como Prudence Merridew esperasse quatro anos e meio por ele...

Edward ergueu-se de sua poltrona e, a caminho da porta, passou pelo primo e apertou-lhe a bochecha numa provocação que vinha desde o tempo em que eram meninos.

— Bons sonhos, Gideon. Distraído, ele murmurou:

— Você deve estar cego, Edward.

O duque deixou a sala reprimindo uma risadinha. Perdido em pensamentos, Gideon ficou a olhar para o bico de suas reluzentes botas de couro.

A carruagem começou a se afastar da residência do duque. — Agora, mocinha, quero saber qual é a explicação para aquela cena... extraordinária, para dizer o mínimo.

Voltando o rosto para Lily, muda e encolhida ao lado dela, Prudence revirou os olhos em sinal de exasperação. Mas tio Oswald, um poço de teimosia, não se fez de rogado:

— E então?

— Explicarei tudo assim que chegarmos em casa, titio — ela murmurou, antes de levar o frasco com sais aromáticos ao nariz. — Agora estou um pouco indisposta.

— Hum!

Prudence fechou os olhos, ignorando a leve reprimenda. Precisava encontrar uma

forma de sair daquela enrascada, e rápido. O pequeno plano que havia concebido revelara-se um verdadeiro fiasco.

Além do mais, a indisposição que alegara não era mentira, pois sentia os braços e as pernas bastante trêmulos. Mas também, que mulher não se sentiria mal após ser atacada, do modo mais lascivo possível, por um completo desconhecido... um notório namorado? Qualquer dama bem-nascida e bem-criada ficaria perturbada com uma experiência como aquela.

O problema era que não estava perturbada, e sim... entusiasmada. Excitada. Um delicioso arrepio de pura sensualidade a percorreu da cabeça aos pés e, sentindo-se estremecer, Prudence abriu os olhos.

— Está com calafrios, é? — indagou tio Oswald. — Só faltava você ficar doente... Não é todo dia que uma menina se vê numa barafunda como aquela, por isso não é de se admirar que você esteja com palpitações. — Curvando-se sobre o assento do coche, ele a examinou mais de perto. — Você está meio pálida... Deve ter sido o presunto defumado que comeu no café da manhã. Carne vermelha logo no início do dia não faz bem para jovencinhas. Inflama as paixões. Quando chegarmos, mandarei lhe preparar um chá diurético.

Com um suspiro, ela recostou a cabeça no encosto do assento e fechou os olhos. Não eram as duas fatias de presunto que haviam lhe inflamado as paixões, fora... Não, não fora lorde Carradice, era a indignação pelas atitudes indecorosas dele que lhe provocava essa forte inquietação. Precisava tirar aquele homem dos pensamentos. Precisava ocupar-se em buscar uma solução à intriga que havia criado, pois disso dependia o futuro de suas irmãs.

Ao chegarem em casa, tio Oswald, após declarar que ela estava febril, instigou-a a recolher-se aos seus aposentos para se recuperar. Dez minutos mais tarde, o atencioso tio-avô surgiu no dormitório do segundo piso do grande sobrado com uma infusão de ervas que recendia a um odor bastante desagradável, ordenando-lhe que tomasse até a última gota. Como não lhe restasse outra escolha, Prudence deu cabo da bebida, depois se espichou em sua cama na intenção de refletir sobre seus problemas.

Antes de mais nada, era preciso buscar uma maneira de sustentar suas irmãs. Ela poderia tentar empregar-se como governanta... ou como educadora particular, talvez... Mas mesmo que ganhasse bem, o que era duvidoso, como faria para trabalhar e, ao mesmo tempo, cuidar de quatro irmãs mais novas?

Por todos os lados pelos quais analisasse a questão, a conclusão era sempre a mesma: uma de suas irmãs precisava casar-se, para que todas tivessem acesso aos recursos da herança. O que significava que, de algum modo, ela tinha de fazer com que tio Oswald revogasse o fatídico veredicto.

No fim das contas, Prudence resignou-se à medida a que costumava recorrer sempre que não encontrava uma saída satisfatória às suas inquietações: escrever uma carta para Phillip. O longo silêncio dele talvez significasse algo importante. Por outro lado, também era verdade que a correspondência vinda da Índia não raro se extraviava ou então chegava com grande atraso, às vezes de anos. Silêncio deliberado ou atraso accidental? A ela só restava escrever em busca de algum esclarecimento.

Prudence tinha acabado a carta pouco antes que sua aia, após bater de leve, entreabrisse a porta e espiasse pela fresta. Ao vê-la em pé, Lily entrou, curvou-se numa mesura e anunciou:

— Sir Oswald mandou dizer que, se a senhorita estiver se sentindo bem, ele gostaria de vê-la no salão amarelo às quatro horas.

— Obrigada, Lily. Avise sir Oswald de que estarei lá. E... Lily, por acaso eu não lhe criei problemas, não é? Digo, por ter feito você me acompanhar à residência do duque.

— Oh, não, senhorita. Sir Oswald reclamou um pouquinho, mas ele sabia que eu estava cumprindo ordens suas. E o velho Niblett chamou minha atenção, mas eu pouco ligo para ele.

— O mordomo ralhou com você? Oh, Céus. Falarei com ele. De qualquer modo, lamento muito por tê-la envolvido nos meus contratempos.

— Não se preocupe com isso, senhorita. No fundo, Niblett deve ter ficado com inveja porque estive na casa de um duque de verdade e ainda por cima fui chamada de criaturinha frágil por aquele primo tão bonito dele! Logo eu, uma rude e estouvada moça do campo, veja só! — E com uma piscadinha singela, a criada deixou o quarto.

Às quatro horas em ponto, Prudence se achava à porta do salão amarelo. Após respirar fundo, bateu de leve e foi entrando, já com a explicação na ponta da língua.

— Sinto muito, tio Oswald. Espero que o senhor não esteja aborrecido demais comigo. Foi tudo culpa minha, eu sei. Pensei e pensei sobre o motivo que teria me levado a um comportamento tão desatinado, e cheguei à desagradável conclusão de que provavelmente me deixei levar por um ou outro elogio de lorde Carradice e... Acontece que construí castelos no ar, como o senhor bem pode entender. Aos dezesseis anos, as mocinhas costumam ser muito românticas.

A carranca do tio-avô se desanuviou.

— Sim, e eu aposto que você não estava habituada a ouvir elogios. Não é de se admirar que aquele imoral tenha conseguido virar sua cabeça tão facilmente.

Prudence viu-se obrigada a engolir o orgulho.

— Seja como for, titio, já fazia mais de quatro anos que eu não o via, por isso não vamos mais nos preocupar com esse assunto.

Tio Oswald não lhe deu ouvidos.

— Ah, não consigo entender por que ele foi lhe dizer que era o duque de Dinstable!

— Acho que isso foi culpa minha, também. Quando nos conhecemos, eu me enganei sobre a identidade dele e... Bem, como ele nunca me corrigiu...

— Deixou que você se dirigisse a ele de forma incorreta por todo esse tempo, não foi? Pobrezinha!

Ela sentiu o rosto arder. Era mais difícil lidar com a bondade no tom de voz do velho nobre do que uma saraivada de gritos.

— Que comportamento vergonhoso, o daquele um! — Decepcionado, tio Oswald balançou a cabeça. — Mas, antes de deixá-la ir, eu gostaria de lhe fazer uma pergunta. Ocorreu-me que talvez você não quisesse admitir uma coisa dessas se suas irmãs

estivessem presentes... Por acaso aquele cafajeste ignóbil chegou a tocá-la de alguma maneira... imprópria? Você sabe a que estou me referindo, não sabe, menina?

A menina lembrou do modo como a boca daquele cafajeste ignóbil por pouco não devorara a dela. Lembrou da mão de dedos longos que se apossara de seu seio e o acariciara a ponto de lhe provocar arrepios só de pensar nisso. E declarou num fio de voz:

— Não, tio Oswald, lorde Carradice nunca me tocou de nenhuma maneira imprópria.

— Hum! Era o que eu supunha. Um namorador como Carradice não perderia seu tempo apalpando uma mocinha de muitas virtudes e poucos atrativos. Pena.

— Pena?!

— Não que eu aprove tais atitudes, pelo contrário. Mas o fato é que, se tivesse havido algum tipo de intimidade... Ora, menina, sejamos práticos. A verdade é que isso viria a calhar. Nós teríamos como exigir uma reparação.

Sem saber muito bem como responder àquela sugestão, ela retrucou:

— E lorde Carradice estaria interessado em alguma forma de... reparação? Justamente ele, que tem a reputação de ser um namorador?

— Por que não? O casamento é uma boa maneira de um namorador conquistar a respeitabilidade.

Prudence deixou-se cair sobre uma poltrona.

— Mas, com ou sem intimidades, eu jamais permitiria que alguém obrigasse um homem a pedir minha mão em casamento. Só de pensar nisso, sinto-me enojada. Seria humilhante demais, tio Oswald.

— Bem, não vejo o que há de humilhante em agarrar um bom partido. Apesar de tudo, não há como negar que Carradice seria uma excelente opção para você.

— Mas, tio...

— Pare de me olhar assim, menina. Ah!... Ele tocou seu coração mais do que você gostaria de admitir. É isso, não é? Pobrezinha... Não fique triste, Prue. Todos nós nos deixamos enganar em algum momento de nossas vidas.

Ela tentava engolir as lágrimas. Ainda que vez ou outra seu tio-avô falasse ou pensasse como o avô Theodore, não havia termo de comparação entre os dois irmãos. Por trás do temperamento autoritário, dos modos estridentes e da aparência de janota, tio Oswald guardava uma alma extremamente afetuosa. Prudence, que passara a vida toda a enfrentar a crueza das adversidades, não tinha defesas contra a bondade.

— O duque parece ser uma pessoa bastante respeitável, você não acha? — o velho nobre indagou num tom meio ansioso. — Terei de tratá-lo com muita consideração, minha querida. Não me importo de romper relações com um namorador como Carradice, se isso for preciso, mas... Um duque é sempre um duque, Prue.

Distraída, ela meneou a cabeça em sinal de anuência. Que lhe importavam os duques? Ainda que por momentos, vira-se enlevada por um namorador com o senso de moral de um gato e um sorriso que a lei deveria proibir. Agora, porém, sabia o quanto aquele homem... Uma pressão no ventre lhe interrompeu os pensamentos. O chá

diurético de tio Oswald, com certeza.

Enquanto Prudence se levantava, Niblett, o mordomo, abriu a porta para anunciar num tom solene:

— O duque de Dinstable deseja vê-los.

Surpresa, Prudence olhou para o tio-avô. Por que o duque haveria de visitá-los tão depressa? Teria vindo cobrar explicações? E se estivesse ali na companhia do primo? Com a respiração presa, ela olhou para a porta.

Trajando requintados calções amarrados por fita abaixo dos joelhos, botas de couro e um bem talhado casaco azul-marinho, Edward Penteith, o duque de Dinstable entrou na sala com sua passada elegante.

— Como vão passando, sir Oswald, srta. Merridew? — cumprimentou-os, após curvar-se em educada medida.

Um pouco confuso ante tão inesperada visita, tio Oswald convidou-o a sentar-se. Não sem certa relutância, Prudence tornou a se acomodar na poltrona.

— Vim saber da saúde da srta. Merridew — disse o duque. — Srta. Merridew, está restabelecida de sua indisposição?

A srta. Merridew, mesmo à insistência da infusão diurética de tio Oswald, garantiu que estava plenamente recuperada do mal-estar que a acometera. A conversa então se voltou ao tempo, tão claro e quente àquela época do ano, até que o dono da casa tocou a sineta para solicitar a presença do mordomo, a quem requisitou um lanche ligeiro. Chá de hortelã com biscoitos de aveia.

A infusão diurética de tio Oswald fez Prudence pôr-se em pé. No mesmo instante, os dois cavalheiros também se levantaram.

— Eu... — Ela não sabia o que dizer. — Preciso...

Foi então que a porta tornou a se abrir. Charity, as gêmeas e Grace espalharam-se sala adentro, as três últimas conversando animadamente entre si.

— Oh, Prue, você estava aqui — disse Charity. — Estávamos pensando em dar uma volta no parque e queríamos saber se gostaria de ir conosco... oh! — A jovem calou-se assim que seus olhos pousaram sobre o visitante.

O visitante devolveu-lhe o mesmo olhar atento. Interrompendo o tagarelar, as irmãs mais novas fizeram suas reverências.

— Desculpem-nos — disse Hope. — Não sabíamos que o senhor tinha visitas, tio Oswald.

— Não faz mal, minhas queridas. Deixem que eu as apresente ao nosso ilustre convidado, o duque de Dinstable.

Boquiabertas, as juvenzinhas tornaram a se curvar numa medida antes de, as quatro ao mesmo tempo, dirigirem um olhar horrorizado à irmã mais velha. Castigada pelo efeito da infusão de ervas do tio-avô, Prudence achou melhor ignorar o assombro das irmãs para declarar:

— Vou... vou ver o lanche. Com licença, tio Oswald, Vossa Graça. — E disparou porta afora.

O tio-avô franziu as sobrancelhas.

— Não sei o que deu nessa menina. Para que ela acha que servem o mordomo, a

cozinheira e os demais criados? Bem, Vossa Graça, permita que eu lhe apresente minhas outras sobrinhas-netas. Esta é Charity Merridew, a segunda mais velha.

Com o rosto destituído de expressão, o duque curvou-se sobre a mão que a jovem lhe estendia.

— S-senhorita Charity.

— Depois vêm as gêmeas, srta. Faith e srta. Hope.

O duque não se mexeu. Continuava a segurar a mão de Charity, olhos fixos nos dela. A mocinha, corando intensamente, tentou recolher o braço. Em vão.

— Srta. Faith e srta. Hope — repetiu tio Oswald, mais alto. Sobressaltado, Edward Penteith olhou para o velho nobre, largou a mão de Charity e murmurou cumprimentos rápidos às gêmeas.

— E esta é a caçula da família, srta. Grace Merridew.

— Como vai, srta. Grace? — disse o duque, meio alheio.

— Vocês disseram que planejavam dar um passeio pelo parque, não foi? Todas vocês? Juntas?

— Sim, planejavamos ir ao Hyde Park. As pessoas mais elegantes da cidade costumam passear lá a esta hora do dia. Pavonear-se, como deve saber — explicou Grace sem a menor cerimônia.

— Oh, é verdade... Talvez possamos nos encontrar lá... — disse o duque, sem olhar para ninguém em particular.

A tarde já ia avançada quando Gideon enfim desistiu da pretensão de dormir. Admirava-o o fato de não ter conseguido adormecer. Estava cansado, afinal passara a noite em claro, jogando. E tinha bebido bastante, o que geralmente o deixava sonolento. Porém algo... ou melhor, alguém, o impedira de pregar os olhos.

Uma imagem de mulher, cheia de curvas, com enormes olhos acinzentados e encaracolados cabelos avermelhados, cuja boca, macia e bem-feita, o fizera esquecer-se de quem era por longos e inesquecíveis momentos. Um pequeno e resolutio tufão, a quem inadvertidamente tinham dado o nome de Prudence.

Sorrindo a si mesmo, Gideon espreguiçou-se em sua cama larga. Quem escolhera chamá-la Prudence não podia ter cometido engano maior. Imprudence, esse era o nome que lhe caía como uma luva. Srta. Imprudence Merridew. Sim, assim era bem melhor. Ao menos combinava com ela.

Ele tornou a se espreguiçar. Precisava vê-la outra vez. O mais depressa possível. Antes que ficasse maluco de tanto pensar naqueles beijos. Nos poucos instantes em que a tivera entre os braços, nos breves momentos em que tivera a boca unida à dela, perdera a noção de quem era ou de onde se achava. Não se lembrava da última vez em que isso tinha lhe acontecido. Ou talvez fosse melhor admitir de uma vez por todas que aquilo nunca lhe acontecera antes?

Reparando nas suaves nergas de sol que se derramavam pelo soalho, Gideon apanhou o relógio que largara sobre a mesinha-de-cabeceira e o abriu. Quase quatro horas. Um bom horário para fazer uma visitinha à srta. Imprudence Merridew e ao seu tio-avô. Tomado por uma onda de repentina energia, saltou da cama, chamou o criado de quarto e lhe pediu água quente e sua navalha. Pediu também que seu faetonte, a

pequena carruagem aberta de quatro rodas, estivesse pronto para sair às quatro e meia.

Não que tivesse intenções de fazer a corte à srta. Merridew. Não flertava com mulheres puras, e o casamento não fazia parte de seus planos. Mas... tinha de descobrir se os beijos que haviam trocado eram somente um feliz acaso ou se seria possível perder-se naquela sensação extraordinária mais de uma vez.

A resposta hesitante, admirada e instintiva que Prudence dera a seu beijo não fora apenas intensamente excitante; de certo modo, tanto o surpreendera como também evocara alguma emoção desconhecida no mais fundo de seu ser. Sua própria reação não havia sido menos extraordinária: no curto lapso de tempo daqueles beijos, simplesmente quis fazê-la sua. Sua! Ele, que nunca fora um homem possessivo.

Como aquilo tudo tinha acontecido? Como fora permitir que tudo aquilo acontecesse? Sem perceber, Gideon franziu as sobrancelhas. Precisava prevenir Edward quanto à marca de conhaque que tinham em casa. Aquela bebida produzia efeitos um tanto atípicos.

Além do mais, ele tinha uma dívida de gratidão para com a srta. Prudence Merridew: nenhuma outra dama solteira que conhecia deixaria passar a oportunidade de se lançar à fortuna dos Carradice. No entanto, Prudence fora enfática ao romper o pretenso noivado. Rejeitara-o categoricamente. Mais de uma vez, aliás. Que mulher!...

Descendo ao hall, ele encontrou o mordomo, que vinha do corredor.

— Acabo de receber um recado das cocheiras, meu lorde — disse o criado. — Uma das rodas de seu faetonte se partiu e teve de ser levada ao conserto.

Antes que Gideon pudesse expressar sua irritação pelo incidente, o duque, com uma expressão enigmática, entrou pela porta da frente da casa.

— Veja que falta de sorte, Edward: Bartlett veio me avisar de que uma roda de meu faetonte está fendida justamente quando eu estava prestes a sair. Importa-se se eu tomar seu coche puxado a cavalos emprestado?

O duque não respondeu e, com um ar distraído, deixou que o mordomo lhe tirasse o casaco.

— Acorde, primo! — Olhando-se no espelho do hall, Gideon ajustou o chapéu numa inclinação mais elegante. — Posso tomar seu coche emprestado?

— Hum... Sim, evidentemente. — Só então Edward pareceu assimilar o sentido das palavras do primo. — Mas meu coche está no conserto. É o landô de minha mãe que tenho usado estes dias. Bartlett, avise Hawkins de que meu primo vai sair com a carruagem com capota de abrir e fechar.

Assim que o mordomo foi tratar da incumbência, Gideon comentou enquanto arrumava as pontas do colarinho alto:

— Você me parece estranho, Edward. Por onde andou?

— Eu fui fazer uma visita.

— Muito bem, primo, muito bem. Pensei que não fosse...

— Esquecendo o nó do lenço no pescoço, ele girou sobre os calcanhares para olhar o duque nos olhos. — Quem você foi visitar?

— Estou com pressa, depois conversaremos. Preciso sair novamente.

— Você foi à casa da srta. Prudence Merridew, não foi? Com o rosto tingido de rubor, Edward tentou se explicar:

— Se uma dama passa mal em minha casa, tenho a obrigação de ir ver se ela melhorou.

— Não erga essas sobranceiras à maneira dos Penteith para mim, Edward, sou imune ao gesto. E quanto ao fato de ela ter se sentido mal, você sabe muito bem que aquele desmaio não passou de fingimento. O duque sorriu.

— Meu caro Gideon, você declarou não ter interesse algum pela srta. Merridew e, como cavalheiro que sou, presumi que falava a verdade. Agora, se me der licença, realmente preciso ir andando.

— Mas você acabou de chegar em casa! — Gideon franziu a testa ao ver o primo colocar um chapéu alto de pele de castor sobre os cabelos crespos cuidadosamente penteados com pomada. — Pelo que estou vendo, de renomado ermitão você de repente passou a um homem bastante sociável. Aonde vai? Não precisa do landô?

— Não, fique você com ele. Vou dar um passeio a pé pelo Hyde Park.

— Um passeio a pé, você? — Gideon olhou de relance no relógio de parede. — A esta hora, a cidade inteira deve estar se acotovelando no Hyde Park, Edward. Você irá odiar ver-se em meio a tamanha multidão.

— Será? Bem, vamos ver.

— Depois não diga que eu não avisei.

A bem da verdade, Gideon pouco se importava aonde o primo pudesse ir. O que lhe interessava de fato era saber até que ponto a srta. Merridew deixara-se impressionar pelo título de nobreza de Edward. Afinal, ela aparecera naquela casa à procura de um suposto noivo... que também era duque.

Quinze minutos mais tarde, Hawkins, condutor dos coches do duque, parava o landô na Providence Court pela segunda vez naquela tarde. Diante do número 21, Gideon fez uma inspeção rápida das próprias roupas, respirou fundo, tomou a aldrava de bronze com uma bastante resoluta mão e bateu-a de encontro à madeira da porta por três vezes consecutivas.

Então ficou à espera, dizendo a si mesmo ser ridículo que um homem de sua posição e experiência estivesse tenso daquele jeito. O nó no lenço de pescoço parecia apertado demais, as pontas dobradas do colarinho de repente começavam a incomodá-lo e o... Não, não era nada disso. Era aquele maldito nervosismo fora de propósito que o fazia agastar-se até mesmo com as pedras do pavimento.

E por que cargas d'água demoravam tanto a atender? Que demora mais irritante... Já se preparava para fazer soar a aldrava novamente quando a porta se abriu e, à soleira, um idoso mordomo ficou a examiná-lo com um ar inquiridor.

Ao perceber que tinha a mão erguida no ar, Gideon recompôs-se antes de anunciar:

— Lorde Carradice deseja ver sir Oswald Merridew. — Mostrando seu cartão de apresentação, deu um passo em direção à soleira.

— Vou verificar se sir Oswald pode recebê-lo, meu lorde — disse o velho criado numa voz melodiosa e, depois de recolher o cartão, fechou a porta.

Gideon arregalou os olhos. Jamais, em toda a sua vida, ninguém nunca ousara fechar a porta na sua cara. *Criatura estúpida e senil*, murmurou, e, um tanto embaraçado por ver-se esperando à porta de alguém como um mero comerciante, pôs-se a examinar as unhas enquanto assobiava baixinho.

Após o que lhe pareceu um longo tempo, a porta voltou a se abrir.

— Sir Oswald irá recebê-lo no salão amarelo, meu lorde. Gideon seguiu o mordomo pelo piso térreo do sobrado e, quase na metade de um longo corredor, o fez deter-se para perguntar:

— A jovem dama... as jovens damas — corrigiu-se, ao lembrar que Prudence mencionara ter irmãs — não estão em casa?

O idoso criado olhou para ele com desconfiança.

— Escute aqui — Gideon agora usava o tom confiante que já pusera por terra a empáfia de vários mordomos —, na verdade vim ver a srta. Merridew. Faça o favor de ir lá em cima dizer a ela que estou na companhia de sir Oswald, sim? — E colocou uma cédula na mão do homem.

Sem dizer nem que sim nem que não, o mordomo correu a guardar a nota no bolso, endireitou os ombros e abriu a porta do tal salão amarelo.

Sir Oswald recebeu o visitante com aspereza.

— Eu não esperava vê-lo tão cedo.

— Como vai, senhor? — Gideon curvou-se educadamente. O tom do dono da casa se desanuviou um pouco.

— Bem, bem. Sente-se Carradice. Você chegou na hora do nosso saudável chá. — Ele passou uma xícara às mãos de Gideon. — Presumo que tenha vindo explicar a cena deplorável desta manhã, não? E também seu extravagante acordo com minha sobrinha-neta.

— Ah, é verdade. — A fim de ganhar um pouco de tempo para pensar no que dizer sobre o assunto, Gideon tomou um gole de chá. E quase engasgou. Mas que droga era aquela com gosto de veneno? — Por acaso o senhor já teve oportunidade de conversar com a srta. Merridew?

— Sim.

— Ah. — Gideon obrigou-se a tomar mais um gole da horrenda bebida.

— Você devia estar envergonhado do seu comportamento!

— Ah, sim. De fato.

— Um homem com a sua experiência, flertando com uma menina inocente como a pequena Prudence... Não lhe ocorreu que aquela garotinha poderia interpretar mal as suas intenções?

Ótimo. Ele era acusado de flerte. Sem menções a beijos e carícias no divã. Em estilo egípcio ou não.

— Eu sei, eu sei — disse Gideon num tom pesaroso, antes de colocar a xícara sobre a bandeja que estava numa mesinha.

Sir Oswald tornou a enchê-la. Até a borda.

— Um sujeito que tem vasta experiência com as mulheres como você deveria pensar duas vezes antes de se pôr de namoricos com mocinhas...

Gideon olhou para a porta.

— ...não compreendem o perigo que estão correndo... Que inferno, mas de quanto tempo aquele infeliz daquele mordomo precisaria para subir um lance ou dois de escada?

— ...um ignóbil namorador...

Sir Oswald olhava feio para ele. Gideon deixou escapar um suspiro.

— Um homem decente corrige seus erros. Repara os transtornos que por ventura possa ter causado a uma inocente, e minha sobrinha-neta, pobrezinha, é uma inocente.

Gideon, porém, não prestava a menor atenção ao velho nobre. O que era aquilo, ruído de passos femininos do lado de fora da porta?

Voltando a olhar para sir Oswald, ele afinal se deu conta de que o tio-avô de Prudence esperava por uma resposta. E sem fazer a mínima idéia do que dizer, julgou que o mais prudente seria concordar com o dono da casa.

— Oh, sim, senhor, é verdade. Estou de pleno acordo.

— Está? — Sir Oswald parecia abismado.

— Sim, claro.

— Então é por isso que veio aqui? Por causa de Prudence?

— Exatamente, vim até aqui por causa de Prudence. — Gideon sorriu. E o que mais poderia ser? Por certo não iria se abalar de sua cama até ali no meio da tarde para uma visitinha a um nobre de meia-idade que tomava um chá com gosto de cicuta!

— Agora, sim, gostei de ouvir! — Pondo-se em pé, sir Oswald apertou a mão dele com força. — Muito bem, Carradice, muito bem. Eu sabia que havia ao menos um pinga de dignidade em você!

— É? — Confuso, Gideon deixou que sua mão fosse sacudida energicamente.

— Ah, eu devia ter percebido suas intenções assim que o vi chegar com seu traje de fazer a corte!

— O quê?! — Pasma, Gideon examinou suas roupas impecáveis. Traje de fazer a corte?

Ele fez menção de se explicar, mas sir Oswald se antecipou:

— Não é fácil enganar uma velha raposa como eu, Carradice. Quando um homem todo mal-ajambrado surge numa elegância irreprochável de uma hora para outra é sinal de que há intenções de compromisso sério no ar. Esteja certo, você não se arrependerá. A boa e doce Prudence vai se revelar uma excelente esposa, garanto-lhe. Uma excelente esposa!

Enquanto sir Oswald tocava a sineta pedindo que fosse servido o licor de dente-de-leão destinado a grandes comemorações, Gideon manteve-se calado, tomado pela firme sensação de que haviam roubado o chão sob seus pés. Por algum motivo, durante os instantes em que tagarelava sem parar, aquele velho lunático que se trajava como um dândi tivera a impressão de que ele desejava casar-se com Prudence, uma jovem a quem conhecia havia menos de um dia. Como era possível?

Mas, pensando bem... Apesar do contra-senso provocado pela confusão, a situação não era de todo desesperadora. Prudence seguramente saberia lidar com o problema de um modo mais efetivo. Com certeza iria rejeitá-lo uma vez mais, e ele se veria livre

daquele compromisso estapafúrdio. Que alívio.

Foram necessários outros intermináveis quinze minutos de conversa fiada e vários cálices de um licor de gosto duvidoso para que o quase-noivo conseguisse escapar do êxtase de contentamento do tio-avô. O vetusto mordomo então o acompanhou até a porta.

Já na calçada, Gideon deteve-se repentinamente.

— Afinal de contas, onde a srta. Prudence se meteu? Você não lhe deu meu recado?

O mordomo esboçou um sorriso malicioso.

— Ela saiu. Nenhuma das irmãs Merridew encontra-se em casa. Saíram cerca de dez minutos antes de o senhor chegar. — E com isso o velhinho fechou a porta na cara de Gideon pela segunda vez naquele dia.

— Ah, eu seria capaz de esganar esse sujeito! Praguejando baixinho, Gideon retornou ao landô. Ela saíra!

E aonde teria ido, no momento em que ele mais precisava de seu socorro? Fazer compras? Ao parque, que àquela hora estaria... O estranho interesse de Edward por caminhadas de súbito se esclareceu. Então era isso!... O que seria pior, velhos criados de cabeça vazia ou duques traiçoeiros e dissimulados? Assim que se acomodou no veículo, ele disse ao condutor:

— Vamos ao Hyde Park, Hawkins. E trate de pôr este trambolho para correr!

Capítulo IV

Ao transpor os portões de ferro forjado do Hyde Park, o landô foi se misturar a um ajuntamento de pessoas e carruagens quase tão grande como o que abarrotava as ruas que deixara para trás. Ainda assim Gideon, guiado pela sede de vingança contra Edward, não demorou a avistar o primo em meio à aglomeração.

— Lá está ele, o miserável! Rodeado por aquelas loirinhas tagarelas ali. Encoste lá perto, Hawkins!

Tão logo o condutor encontrou um espaço junto ao passeio apinhado, Gideon saltou para o chão e abriu caminho pela multidão até chegar ao local onde Edward conversava animadamente com o grupo de jovens de aparência delicada. Entre elas, aquela que de fato interessava: a encantadora dama protegida por uma peliça cinza-platinada com atavios verde-escuros. O tom da capa longa combinava à perfeição com os gloriosos olhos dela; o verde nos enfeites lhe ressaltava os cabelos magníficos que,

à exceção de uns poucos caracóis soltos ao redor do rosto, estavam ocultos por uma elegante boina verde-escura.

Como ele suspeitava! Fazendo-se de bobo, seu primo, às escondidas, marcara um encontro com a srta. Prudence Merridew! Furioso, Gideon deixou para trás um bando de rapazes claramente interessados nas jovens damas, empurrou de leve as loirinhas tagarelas e, afetando uma expressão admirada, postou-se bem à frente dos dois para cumprimentá-los com uma mesura irônica, porém elegante.

— Edward, srta. Merridew, mas que agradável e inesperada surpresa. Srta. Merridew, permita-me dizer que está mais encantadora do que nunca.

— Obrigada, lorde Carradice. Como vai? — ela retrucou no mesmo tom. — Em troca, permita-me observar que você está bastante diferente da última vez em que o vi. Mais...

Elegante, antecipou Gideon, satisfeito da vida. Requitado. Refinado.

— Asseado — rematou a srta. Merridew.

Asseado! Ele preferiu ocultar a decepção com outra estudada reverência. Que coisa, ela não via que o laço no seu lenço de pescoço era um pequeno milagre do bom gosto e do estilo? Não percebia que seu casaco era uma obra de arte da alfaiataria? Que, de tão engomadas, as pontas viradas de seu garboso colarinho ameaçavam lhe furar a garganta? E tudo o que conseguia dizer era que ele parecia asseado?

— Primo, creio que você ainda não conhece as irmãs da srta. Merridew — disse Edward.

— Irmãs? — Meio distraído, Gideon olhou ao redor e vagamente deu-se conta de ser observado com atenção por várias juvenzinhas: duas trajando rosa, uma de azul e uma de branco, todas loiras, embora a mais nova tivesse os cabelos mais avermelhados do que claros.

— Permita-me apresentá-las a você — continuou o duque. — Esta é a srta. Charity Merridew.

Ainda que se curvasse sobre a mão da mocinha de azul, era Prudence quem Gideon espreitava com o canto dos olhos. Ah, a pequena pérfida! Se fosse mesmo um poço de virtude, não estaria se encontrando à furtiva com o primo dele.

Edward indicou as duas em trajes rosa.

— As srtas. Faith e Hope Merridew, que, como você já deve ter percebido, são gêmeas. E esta é a srta. Grace Merridew, a caçula da família.

Gideon curvou-se com gestos mecânicos sobre a mão de cada uma delas. Se Edward pensava que lhe atirando um punhado de loirinhas tagarelas afastaria a atenção dele de Prudence, estava muito enganado. E se aquele era um jogo de estratégia, o nobre duque não sabia com quem lidava.

— Ouvi dizer que chegaram a Londres recentemente. — Após o coro feminino de anuências, Gideon prosseguiu: — Por certo a cidade anda mais bela devido à presença de vocês. Estão gostando da capital?

Uma das que vestiam rosa respondeu que sim, porém ressaltou que todas gostariam de frequentar a sociedade bem mais do que lhes era permitido.

— Oh, sim, sim. — Sem muita paciência para discutir frivolidades com meninas de

tão tenra idade, ele ofereceu: — Não gostariam de dar uma ou duas voltas de carruagem pelo parque? O meu... ou melhor, o landô de meu primo está parado logo ali, atrapalhando a circulação, e Hawkins, o condutor, já começou a olhar feio para mim.

— Não, obrig... — Prudence começou a dizer.

— Ah, sim, por favor — interromperam-na as duas de rosa.

— Aposto que será um passeio muito aprazível — acrescentou a de azul, cujo nome ele já tinha esquecido.

Fascinado com a miríade de tons pelos cachos acetinados que o sol produzia ao incidir sobre as mechas escapulidas da boina que Prudence usava, Gideon a viu, como um pequeno e furioso pé de vento, conduzir as irmãs em direção ao veículo.

Como uma devotada educadora, Prudence assistiu-as a subir na carruagem de quatro rodas que tinha a capota abaixada, sempre com o cuidado de rechaçar todas as ofertas que ele fazia para ajudá-las. Gideon se esforçava para conter o riso. Por certo ela já percebera que sua intenção era livrar-se das loirinhas tagarelas para que pudesse ficar a sós com a mais velha das irmãs Merridew.

A tática de Prudence para contra-atacar aquela estratégia era evidente: cercar-se das irmãs como forma de escapar às atenções dele. Uma tática fadada ao fracasso, era evidente. Pois nem mesmo ela seria capaz de acomodar mais do que quatro pessoas num landô.

Ou cinco, melhor dizendo, uma vez que Edward corra a se apertar entre as jovenzinhas tão logo a que vestia azul subira no veículo. Gideon então deixou a raiva esvair-se. Ah, o bom e velho duque de Dinstable! Oferecia-se ao sacrifício da companhia de um punhado de loirinhas tagarelas só para que o primo pudesse se aproximar um pouco mais da srta. Prudence... Satisfeito com o arranjo, ele deu uma piscadela para o duque. Edward, no entanto, pareceu não notar. Coitado!... O pobre não estava acostumado à algazarra que um grupo de mocinhas era capaz de fazer.

Enfiando as mãos no bolso, Gideon ficou na expectativa de que Prudence afinal admitisse que não havia lugar para ela no landô. O tiro saía pela culatra. Em vez de se esconder no meio das irmãs, a prezada srta. Merridew estava agora isolada delas. E as boas maneiras a obrigavam a seguir a pé com ele, a aceitar o braço que lhe seria oferecido e a manter uma conversa suave e prazerosa com seu acompanhante, tudo isso sob os olhos dos demais transeuntes e do criado de libré que viera supervisionar as cinco irmãs.

Com a mão no ombro de Grace, Prudence esperava as gêmeas ajeitarem as saias dos vestidos na tentativa de arranjar um lugar para a caçula, entretanto seus pensamentos estavam focados num outro assunto: o efeito devastador que a beleza de suas irmãs tivera sobre lorde Carradice. Ele mal conseguira contemplar as meninas, o que, por si só, já era um fato revelador, visto que ninguém era capaz de tirar os olhos das jovens Merridew. Elas eram tão bonitas que as pessoas não tinham como evitar admirá-las incansavelmente. Depois então, Gideon Carradice se apressara em lhes oferecer um passeio no elegante landô com o intento de afastá-las da proteção da irmã mais velha. Muito engenhoso.

Só que ela iria dar um fim àquele joguinho execrável do namorador! Se lorde

Carradice imaginava avançar sobre as meninas sem que ninguém se interpusesse em seu caminho, ah! Não podia estar mais enganado.

Ao ver Grace devidamente acomodada e constatar que de fato não havia lugar para mais ninguém no veículo, Prudence endereçou a Gideon um olhar que representava a mais pura sensação de triunfo. E quase caiu das pernas quando recebeu em troca um sorriso abrasador que não podia significar outra coisa que não a vitória.

Por que raios ele parecia tão contente? Não via que, com o auxílio inestimável do eminente e respeitável duque, ela resgatara as belas irmãs e com todo o zelo as retirara do caminho de um notório namorado... para ver a si própria sozinha na companhia dele, sem outra proteção que não o olhar atento de um pobre criado.

A constatação a fez estremecer e, no mesmo instante, Prudence deu-se conta de que não podia ficar a sós com ele. Não depois do que ocorrera sobre a barca de Cleópatra. Havia centenas de pessoas no parque, era verdade; como também era certo que James a protegeria de qualquer avanço malicioso de lorde Carradice. Só que o problema...

O problema era que Gideon Carradice não precisaria fazer investida alguma. Bastava um simples olhar ou mero sorriso provocante daquele homem para deixá-la com o coração descompassado.

Sem pensar duas vezes, Prudence puxou a irmã caçula de volta para o chão.

— Não há espaço suficiente para você no landô, Grace querida. Os vestidos de suas irmãs ficarão completamente amarfanhados se as três se espremerem no mesmo assento. Você me faz companhia, está bem?

A menina fez menção de protestar, mas Prudence correu a lhe apertar o braço e pedir que aceitasse aquele arranjo.

Enquanto Grace olhava de Prudence para lorde Carradice e dele para a irmã mais velha, o landô se pôs em movimento, levando as loirinhas tagarelas a acenar alegremente e o duque com uma expressão meio aparvalhada. Mais do que depressa, Gideon se colocou entre as duas irmãs que haviam ficado para trás, tomando o braço de ambas nos seus.

Antes que se atordoasse com o calor do corpo dele e com o aroma de barba recém-feita que lhe invadia as narinas, Prudence fez questão de lembrá-lo:

— Você sabe que sou noiva.

Gideon riu baixinho e, do outro lado dele, Grace ofegou.

— Prue! Pensei que isso fosse segredo de vida ou morte! Prudence tratou de mudar de assunto:

— Lorde Carradice gostou muito da carteira egípcia que você fez para mim. Ele a achou bastante incomum.

— Então é você a autora daquela... — Ao sentir o beliscão em seu braço, ele recomeçou: — Trata-se de um trabalho de artesanato um tanto... vigoroso. Aliás, devo confessar que a robustez da sua obra me atingiu em cheio. Foi um impacto e tanto! Um impacto artístico, digo.

O esforço era grande, mas Prudence obrigou-se a não rir. Então caminharam em silêncio por alguns instantes, cumprimentando com acenos um ou outro conhecido, até

que ela foi parada pelo chamado de duas damas em uma carruagem aberta: lady Jersey e uma outra senhora que Gideon não conhecia.

Ele se curvou para ambas, porém não saiu do lugar; tudo de que não precisava no momento era ser coberto de perguntas por uma das mais ilustres mexeriqueiras da cidade. Mas, praticamente recém-chegada à cidade e por isso ainda sujeita à apreciação de lady Jersey, Prudence viu-se na obrigação de ir ao encontro da mulher e da amiga dela.

Por dentro, Gideon tinha um sorriso que ia de orelha a orelha. Não podia perder uma oportunidade tão boa como aquela para buscar detalhes do tal noivado da srta. Imprudence. E foi com essa idéia em mente que lançou um olhar calculista para a caçula Merridew. Ela o olhou de volta com inocente candura, um pequeno e solene anjo com cachinhos loiro-avermelhados e olhos de um azul celestial.

— Você tem bonecas, srta. Grace?

— Eu tinha uma, mas vovô a queimou.

— Ah. — Ele não sabia como responder à tão crua declaração, porém logo lhe ocorreu que ali poderia haver alguma brecha a um pequeno suborno. — Mas você bem que gostaria de ter uma boneca nova, não gostar...

— Minha irmã não queria ficar sozinha com você. Foi por isso que me obrigou a acompanhá-los.

Direta e contundente, a observação deixou Gideon meio aturdido.

— Oh, mas...

— Você é aquele que se fez passar por duque para enganar Prudence, não é?

— Não, não, aquilo foi apenas um mal-entendido que...

— Mas foi você, não foi? O homem que fingiu ser o duque de Dinstable.

— Bem, de certo modo, sim. No entanto, tudo não passou de... Opa! Que é isso? — Abaixando-se, Gideon pôs-se a esfregar a perna. — Por que você me chutou? Doeu!

— Ainda bem que doeu — retrucou o anjinho. — Pensei que o couro destes sapatos novos pudesse ser macio demais para um bom chute.

— Ainda bem? — Ele se endireitou. — Olhe, não sei que tipo de travessura você estava habituada a fazer no campo, mas acontece que aqui em Londres as pessoas não podem sair por aí chutando os...

— Por que não?

— Por quê? Ora, por quê? Porque... porque isso não se faz!

— Mas se as pessoas merecem um bom chute, que mais posso fazer?

— E por que eu haveria de merecer ser chutado?

— Porque enganou minha irmã com um truque sujo.

— Sua irmã é ela mesma cheia de truques que... Ei! Quer parar com isso?

— Minha irmã Prudence não é dada a truques! Ela cuida de nós com carinho e nos protege do vov... das pessoas más. Ela ajuda todo o mundo e ninguém nunca faz nada para ajudá-la. Ela arriscou tudo para nos trazer a Londres e tinha um plano perfeito para nos salvar, e aí tio Oswald estragou tudo, e a pobre Prue fica se culpando por não ser bonita como...

— Não ser bonita? Por que cargas d'água vocês vivem insinuando uma bobagem

dessas? Será que estão todos precisando de óculos?

Grace parara com o falatório e agora olhava para ele como se avaliasse algo. Por via das dúvidas, Gideon pôs-se fora de alcance do bico dos sapatinhos novos.

— Então você acha minha irmã Prudence bonita?

— Claro que sim! Ela é linda... se bem que um tanto impulsiva. E talvez esperta demais.

— Mas você a viu perto das outras, não viu?

— Que outras?

— Minhas outras irmãs.

— Ah, as loirinhas? Sim, eu as vi todas juntas. O que tem isso?

Deitando a cabeça em direção ao ombro, Grace observou-o por alguns instantes antes de dizer:

— Quer dizer que você acha Prudence bonita...

— Não tente me levar na conversa, mocinha. Quando eu tiver algo a dizer, direi à sua irmã e não a um diabinho que sai por aí chutando as pessoas.

— Vovô costumava me chamar de filha do capeta, mas eu nunca o chutei. E acho que também não vou mais chutar você... Desde que não magoe nem aborreça Prudence. Não gosto quando as pessoas a tratam mal.

— Pois eu lhe garanto, srta. Capetinha, que não pretendo fazer mal algum à sua irmã, muito pelo contrário. E se fizesse, então iria merecer algo bem pior do que um simples chute na canela. — Ele lhe ofereceu o braço. — Quer ir ver os marrecos no lago ou prefere esperar por Prudence sentada naquele banco ali?

Grace escolheu o banco a poucos metros dali, assim ambos se sentaram e ficaram a observar o movimento dos transeuntes. Entre uma e outra olhadela ao local em que Prudence conversava com as duas damas, Gideon se perguntava como faria para trazer o noivado dela à baila sem despertar suspeitas quando, de repente, a capetinha lançou-lhe uma pergunta:

— Lorde Carradice, se estivesse loucamente apaixonado por alguém, você ficaria noivo dela e depois iria embora para um outro país? E a faria esperar por anos e anos sem nem ao menos escrever uma carta que valesse a pena?

Gideon fixou os olhos na menina. Seria aquela a brecha pela qual estivera esperando?

— Você andou lendo as cartas de sua irmã?

— Bem... Algumas. E só porque estava preocupada com ela. Mas você não respondeu. Seria capaz de abandonar alguém por quem estivesse apaixonado?

— É difícil dizer. Nunca estive loucamente apaixonado por ninguém.

— Mas se estivesse noivo, iria se afastar de sua noiva por quatro anos e meio?

— Depende da noiva. Se eu não quisesse me casar com ela, é possível que me afastasse.

— E se a noiva fosse Prudence?

— Qualquer homem que abandona uma garota como a sua irmã por quatro anos e meio é um completo e perfeito idiota.

Quem sabe o que ela iria fazer? Lançar-se ao mundo e agarrar o primeiro duque

que lhe surgisse pela frente? Ela lhe deu uma cotovelada antes de repreendê-lo:

— Que tonto! Prue fez isso por nós, não por ela mesma! Sem entender como um noivado com seu primo poderia ajudar quem quer que fosse, Gideon lembrou-se da inclinação do pequeno anjo à violência física e, por esse motivo, sugeriu no tom de voz mais suave de que foi capaz:

— Por que não explica essa história toda para o tonto aqui?

— Não sei se devo...

— Se era segredo, a própria Prudence se encarregou de revelá-lo. E eu não faço a menor idéia de como meu primo, o duque, acabou metido nessa confusão.

Após um momento de hesitação, Grace capitulou.

— Acontece que meu tio-avô Oswald só vai permitir que minhas outras irmãs sejam apresentadas à sociedade depois que Prudence estiver compromissada. E ela não pode contar a ele que é noiva de Phillip porque prometeu a Phillip que não revelaria nada a ninguém. Prudence nunca quebra uma promessa.

— Entendo...

— Quando Prue fizer vinte e um anos, no mês que vem, poderemos morar com ela; mas se uma de nós não estiver casada até lá, não receberemos a herança de nossos pais e assim não teremos dinheiro com que nos manter. E se vovô Theodore nos descobrir, irá nos levar de volta para a casa dele, e nunca mais nós iremos sair de lá. Vovô é muito mau, sabe? Nós fugimos dele.

— Hum. Mas por que seu tio-avô insiste em que Prudence seja a primeira a ter um compromisso sério? Não seria mais prático apresentar todas à sociedade de uma só vez?

— Tio Oswald diz que minhas outras irmãs iriam arruinar as chances de casamento de Prudence, que nenhum homem iria se interessar por ela depois de conhecer as outras. E isso não é justo, porque Prudence é a pessoa mais amigável, mais doce, mais generosa e mais corajosa do mundo!

Penalizado, Gideon bateu de leve na mãozinha da menina. Então havia algo de errado com as demais irmãs... Algum problema ou peculiaridade que fazia com que os pretendentes de Prudence desistissem de casar-se com ela. Óbvio que fora por isso que ela se apressara em despachar as juvenzinhas no landô. Para que ele não reparasse nessa tal particularidade. Que coisa triste.

— Quer dizer que... Prudence precisa de um noivo para que suas irmãs possam encontrar um marido — ele concluiu num tom consternado. — E se uma de vocês não se casar dentro de um mês, todas terão de voltar a viver com o vovô.

— Isso mesmo. — A idéia a fez estremecer, e Grace foi para mais perto dele. — Mas Prue vai resolver tudo. Ela sempre resolve.

Gideon passou o braço pelos ombros da pobre criança.

— Não se preocupe, vou... — Mas o que estava dizendo? Por pouco não prometera cuidar de todas elas. — Vocês não têm pais?

— Não, eles morreram quando eu ainda era bebê. Depois da morte deles, vovô nos trouxe da Itália... Mas é Prudence quem cuida de todas nós. Prue nos prometeu que, quando Phillip voltasse da Índia, ela iria nos levar para longe do vovô, só que...

— Só que Phillip ainda não veio?

— Acho que ele morreu. A Índia é um lugar muito perigoso, sabe? Phillip pode ter sido picado por um escorpião ou por uma serpente venenosa... Na Índia, as pessoas guardam cobras peçonhentas em cestos e tocam músicas para elas. Ou então ele pode ter apanhado uma daquelas terríveis moléstias tropicais que faz o nariz da gente cair... Ou essa é outra doença? Não sei, vai ver o coitado foi comido por algum tigre ou pisoteado por um elefante — ela supôs com certo alívio. — Há centenas, milhares até, de tigres e elefantes na Índia, é bem possível que Phillip tenha morrido nas... Como é mesmo que se diz? Presas? Garras?

Em vez de esclarecer a dúvida, Gideon resolveu especular um pouco mais sobre aquela história.

— Por que imagina que ele possa ter morrido?

— Porque faz meses e meses que ele não escreve para Prue. E embora ela diga que o serviço postal da Índia não é nada confiável por causa das tempestades e dos naufrágios em que inúmeras pessoas se afogam em alto-m...

Ele julgou prudente interromper a recitação macabra:

— De fato, não é um serviço de correio muito confiável.

— Sim, e Prue diz que romper um noivado com alguém que trabalha em condições tão terríveis como as que Phillip tem de enfrentar na Índia seria tão cruel quanto quebrar uma promessa a um soldado que foi para a guerra. Sei o que é isso. Trata-se de uma questão de dignidade, não é verdade?

Pensativo, Gideon fez que sim. Então a srta. Prudence já havia cogitado a possibilidade de romper aquele noivado? Interessante.

Sorrindo e meneando a cabeça, Prudence respondia automaticamente aos comentários de suas conhecidas quanto ao fato de ela estar passeando no parque na companhia de um notório namorador. Sob as aparências, tinha os cuidados centrados na irmã caçula e em lorde Carradice, a quem observava com o canto dos olhos. Aquele homem era capaz de arrancar informações de uma parede, e Grace adorava contar histórias...

Por outro lado, a extremada atenção que ele dava à sua irmã parecia ser genuína. E Grace, que passara os últimos tempos triste e acabrunhada, enclausurada nos aposentos do casarão de Dereham Court, ria e conversava como seria de se esperar de uma menina de sua idade. Só por isso, Prudence sabia que já devia ser grata ao atraente cavalheiro.

Ainda assim, continuava no firme propósito de evitá-lo. Nem teria sido preciso que lady Jersey a prevenisse de que aquele homem era de fato uma encantadora víbora sempre prestes a dar o bote; por experiência própria, Prudence já se achava bastante alerta ao fascínio fatal que ele exercia sobre as mulheres. Sem o menor esforço, Gideon a atraía para ele: era como se o namorador que havia nele despertasse alguma fraqueza feminina que existia dentro dela. Talvez os tais instintos primitivos, aqueles de que o avô sempre falava e nos quais ela jamais acreditara. Até conhecer Gideon Carradice.

Tão logo as boas maneiras o permitiram, Prudence se despediu das conhecidas, já

disposta a dizer a lorde Carradice que fosse cuidar da vida dele. Contudo, ao se aproximar do nobre e de sua irmãzinha, a determinação lhe falhou. De braço dado com ele, Grace era a imagem da alegria e da satisfação. Prudence pestanejou. Um homem capaz de deixar uma menina tão contente não podia ser de todo mau.

Mesmo assim... Concluindo que cautela e caldo quente não faziam mal a ninguém, ela foi até os dois e, tomando a mão da irmã, disse com firmeza:

— Obrigada por ter feito companhia a Grace. Bem, mas agora está ficando tarde, por isso é melhor irmos procurar nossas irmãs e voltarmos para casa. Até mais ver, lorde Carradice.

Os dois se ergueram.

— Prudence, lorde Carradice e eu encontramos uma solução estupenda para os nossos problemas!

— É muito gentil da parte dele preocupar-se conosco — Prudence falava com Grace, mas era a ele que endereçava um olhar reprovador —, no entanto não é minha intenção incomodá-lo com nossos problemas familiares. Além do mais, lorde Carradice deve ter assuntos mais importantes com que se ocupar. — E então se pôs em direção à saída.

— De modo algum — retrucou Gideon, acertando o passo com o delas. — Grace e eu chegamos à conclusão de que o melhor a fazer é você e eu ficarmos noivos... para o bem de suas irmãs, evidentemente. Um compromisso de fachada, digamos assim.

Prudence tropeçou nos próprios pés.

— Deve estar maluco, lorde Carradice! É lógico que eu não concordaria com tamanho desatino!

— Por que não? — ele indagou num tom cordato, acompanhando-lhe o passo ligeiro sem o menor esforço.

Ela o fuzilou com um olhar beligerante, depois espiou em todas as direções à procura do landô do duque.

— Mas será possível? Só falta seu condutor ter se perdido com minhas irmãs!

— Hawkins nunca se perde, e meu primo está com eles. Agora, faça o favor de não mudar de assunto. Estávamos falando do nosso noivado.

Prudence estacou no lugar.

— Shh! Fale baixo! — Ela olhou ao redor. — Caso não saiba, as pessoas têm ouvidos.

— Pouco me importa que ouçam o que...

— Pois eu me importo!

Tomando as mãos dela, Gideon fitou-a nos olhos enquanto sorria um de seus sorrisos indolentes, daqueles que tinham o poder de minar a mais empedernida das resistências femininas. Ela recolheu as mãos.

— Grace e eu estamos de acordo — ele declarou num tom mais baixo. — Suas irmãs precisam debutar na vida social antes que o tornozelo do vovô sare, e como tio Oswald se acha tão obstinado em vê-la comprometida e Otterbottom encontra-se na Índia causando indigestão a um pobre de um tigre...

— O nome dele é Otterbury! — Prudence olhou feio para Grace. — Você tinha de

contar absolutamente tud...

— Ou se esvaindo por entre os enormes dedos de um coitado de um elefante — continuou Gideon, imperturbável —, você precisa de um falso noivo para ludibriar a tola resolução de tio Oswald a respeito da estréia de suas irmãs na sociedade. Assim sendo, humildemente lhe ofereço meus serviços.

— Humildemente? Como se isso fosse possível!

— Por que seria impossível? Quase sempre sou humilde. Sou humílico às vezes. Sempre lidei muito bem com a humildade. Afinal, aos humildes caberá...

— Oh, pare com essa ladainha! A verdade é que não vou aceitar sua sugestão.

— Por que não? Grace gosta de mim, você gosta de mim, tio Oswald...

— Grace é uma criança que se impressiona com muita facilidade, e ninguém em sã consciência seria capaz de dizer que tio Oswald gosta de você. Aliás, ele não só o detesta como já o chamou de vigarista todo amarrotado e pilantra com a barba por fazer!

— Seu tio-avô não tardará a perceber que possuo uma boa navalha.

— E também de trapaceiro desprezível, impostor infame e salafrário da pior espécie!

— Tudo bobagem. Além do mais, homens da idade dele não têm plena capacidade de discernimento àquela hora ingloria da manhã. Você verá que, agora, tio Oswald já começou a entoar uma outra cantiga.

— Isso, sim, é que é bobagem! Por que meu tio-avô haveria de ter mudado de idéia de um instante para outro?

Ele conseguiu dar ao rosto uma expressão que era a síntese da astúcia e da empáfia com a candura e a inocência. Tudo ao mesmo tempo.

— E antes que me esqueça — prosseguiu Prudence —, eu não gosto de você.

— Ah, Prudence, e eu que a imaginava uma moça sincera!... Bem, relativamente sincera. Duques à parte, é lógico.

Enquanto ela sentia-se corar até a raiz dos cabelos, Gideon acrescentou num murmúrio:

— Tenho certeza de que você gosta de mim, Prudence. Quando me conhecem um pouco melhor, as pessoas logo concluem que sou perfeitamente digno de estima. Bastaram uns poucos minutos de conversa para Grace gostar de mim, não é verdade, srta. Capetinha?

A irmã caçula traidora balançou a cabeça entusiasticamente para dizer que sim.

— Viu? Até mesmo tio Oswald vai me adorar quando me conhecer melhor. Eu cresço aos olhos das pessoas, sabe?

— Verrugas também! E quem foi que lhe disse que eu lhe dei permissão para me chamar por Prudence? Para você, sou a srta. Merridew! Ande, Grace! Venha, James! — Ela fez sinal para o criado que esperava perto dali e se afastou numa marcha imperiosa, arrastando a irmã pela mão.

Gideon não se fez de rogado: mais uma vez foi atrás delas, cada passada de suas longas pernas valendo por três dos passos apressados das duas. Nervosa como poucas vezes se vira na vida, Prudence encaminhou-se à saída mais próxima da casa de tio

Oswald, no entanto não resistiu à tentação de indagar por sobre o ombro:

— Por que você disse que a resolução de meu tio-avô com respeito a minhas irmãs é tola?

— Porque o fato de suas irmãs começarem a freqüentar a sociedade não irá influir na probabilidade de você encontrar um marido. Uma beldade não tem por que se preocupar em atrair pretendentes. E sir Oswald é um homem inteligente; se faltar pétalas a alguma flor do ramalhete, ele sabe que um bom dote é capaz de reavivar o buquê.

Foi como se ele a tivesse esbofeteado. Não que não soubesse ser pouco vistosa e nada desejável, aliás, estava era farta de saber disso. Mas aquelas palavras descuidadas, proferidas com tanta naturalidade... doeram. Muito. Demais.

Aquilo era um aviso, um sinal claro de que seria extremamente estúpida se não se acautelasse. Afinal, aquele homem tinha o poder de se infiltrar por entre suas barreiras. Embora mal se conhecessem, ele havia conseguido magoá-la até o fundo da alma só por dizer palavras... palavras que ela sabia serem verdadeiras. Flor despetalada. Como pudera imaginar que lorde Carradice fosse um homem generoso?

Não queria a admiração de duplo sentido que ele lhe ofertava. Não queria os galanteios dele. Não queria droga nenhuma de noivado falso. Tinha um noivo. Phillip, que pouco se importava se ela era feia ou bonita e que lhe dera um anel para provar isso. Quatro anos e meio atrás.

Prudence continuou andando, quase às cegas, com um esforço tremendo para conter as lágrimas que sentira assomarem à garganta. Sem reparar por onde pisava, tropeçou numa pedra da pavimentação e, no mesmo instante, a mão grande e firme de Gideon estava ali para ampará-la e ajudá-la a equilibrar-se.

— O que foi? — ele perguntou num tom preocupado. — O que eu...

— Estou com dor de cabeça. — Ela soltou-se com um safanão. — Deixe-me em paz.

— Mas...

— Vá embora! E trate de ficar longe de mim, lorde Carradice! E de minhas irmãs também! — Apertando a mão de Grace, Prudence pôs-se a correr.

— Mas o que... — Ao virar-se para o laçao que as acompanhava, Gideon recebeu um olhar de desprezo que o deixou estupefato. — O que foi que eu disse?

O criado, porém, apenas sacudiu a cabeça antes de disparar ao encalço das duas irmãs.

— Tudo o que eu fiz foi oferecer para me passar por noivo dela para que aquelas pobres irmãs pudessem fazer suas estréias na sociedade. — Ao entrar na sala de refeições naquela noite, Gideon encontrara o primo já à mesa, olhando para uma tigela de prata como se não a visse. — E ela, depois de ralar comigo, saiu correndo.

— Desconcertante — retrucou Edward.

Gideon franziu as sobrancelhas. Edward parecia um tanto ensimesmado, talvez estivesse estranhando a agitação da sociedade londrina. Mas agora não havia tempo

para se preocupar com o primo. Suas últimas declarações haviam aborrecido Prudence profundamente, e ele nem sequer imaginava por quê.

— Pensei que fosse agradá-la, no entanto ela reagiu como se eu tivesse lhe feito uma ofensa mortal. — Depois de ajeitar o guardanapo sobre o colo, ele tornou a olhar para Edward. — Até mesmo o criado que as acompanhava só faltou me fuzilar com os olhos. Sou tão mal-afamado assim?

— Eu não diria mal-afamado. Namorador incorrigível, talvez. Mas, afinal, o que foi que você disse a ela?

— Somente que as irmãs dela não poderiam exercer a menor influência quanto à possibilidade de ela vir a arrumar um marido, já que uma mulher bela sempre encontra pretendentes. E que se houver alguma flor, ou flores, com pétalas partidas no buquê, sir Oswald pode remediar o problema com um bom dote. Mas ela se comportou como se eu a tivesse insultado! — Balançando a cabeça em sinal de desânimo, Gideon pôs-se a servir-se da primeira tigela que viu pela frente. — A propósito, desculpe-me por ter empurrado as loirinhas para você esta tarde, mas a verdade era que eu queria ficar a sós com Prudence.

— Ah, não me importei com isso. — O duque sorriu para si mesmo, um sorriso de puro contentamento, antes de se servir de uma porção de caranguejo na manteiga. — Nem um pouco.

— Mas agora me conte, primo: o que há de errado com elas?

— Elas? Elas quem?

— As irmãs de Prudence, quem mais? As flores de pétalas quebradas.

Edward levou um susto.

— Não há nada errado com aquelas moças, Gideon.

— Nenhuma delas é vesga? Ou um pouco demente?

— De modo algum. As quatro são perfeitas. Perfeitas até demais.

— Então vai ver que sofrem de ataques.

— Mas de onde foi que você tirou essa idéia?

— Parece que sir Oswald, que ainda não sabe a respeito do tal Otterbury, morre de medo de que as outras irmãs possam arruinar as chances de Prudence casar-se e, por isso, insiste em que ela seja a primeira a encontrar um marido. Que outra conclusão pode-se tirar dessa embrulhada toda, a não ser que as loirinhas devem ter graves problemas?

— Não creio que seja isso, Gideon. Na verdade, deve ser com a beleza delas que ele está preocupado. Aliás, não me diga que você não reparou.

— Reparei no quê?

— Além de perfeitas física e mentalmente, as irmãs de Prudence têm uma beleza simplesmente extraordinária.

— São bonitas, é? Tem certeza? — Gideon baixou os olhos ao prato. Mas por que o enchera quase até a borda de caldo de pepino? Odiava caldo de pepino.

— Ah, elas são... deslumbrantes. — Edward arfou.

— Belas assim como Prudence?

O queixo do duque caiu, mas ele não demorou a se recompor.

— Na verdade, Gideon, elas são muito mais belas do que Prudence, e eu creio que seja esse o problema. Qualquer uma delas ofuscaria a irmã mais velha em quaisquer circunstâncias.

Incrédulo, Gideon ficou olhando para o primo. Depois, com um suspiro desanimado, pôs de lado o prato de caldo e serviu-se de vitela enquanto explicava:

— Confesso que não prestei muita atenção às loirinhas, mas passei quase meia hora na companhia da menina Grace, que, apesar de ser uma garotinha muito bonita e muito simpática, jamais poderia se comparar a Prudence.

— Ah, acho que agora estou começando a entender...

— Se bem compreendi sua insinuação, permita-me lhe dizer que está redondamente enganado, caro primo. Não tenho o menor interesse na srta. Merridew, e você sabe muito bem o que penso sobre o casamento. Aliás, o noivado que propus a ela seria um compromisso falso, cujo único objetivo seria tornar a vida das loirinhas mais fácil. — Gideon regou a carne com uma dose descomunal de azeite. — Se ela precisa de um noivo, que me custa ajudar?

— Muito abnegado de sua parte, primo.

— Pode ironizar, mas creio que fui, sim, bastante altruísta. São poucos os homens que se arriscariam a cair na cilada do padre e da aliança em troca de prestar um auxílio desinteressado...

— Absolutamente desinteressado.

— ...a uma dama que, no final das contas, é pouco mais do que uma desconhecida. Além do mais, ela é órfã, você sabia? E não tem...

O duque se engasgou. Gideon esperou que o primo se recuperasse, então arrematou:

— Se ela precisa tão desesperadamente de um noivo que não hesitou em vir dizer que estava comprometida com você, não entendo por que recusa com tanta veemência a minha ajuda.

— De fato, caro primo. Por que não faz uma visita ao tio-avô dela?

— Já fiz. Fui lá esta tarde, antes de seguir para o parque. E o velhinho concluiu que eu estava ali para pedir a mão dela. Um despropósito.

— E o que foi que você lhe disse?

— Ah, foi uma confusão. O coitadinho só faltou pular de alegria e nem me deixou explicar que as coisas não eram bem assim. Agora que o estrago está feito, é bem possível que a srta. Prudence tire partido do mal-entendido. Mas eu não me importo, já que isso irá ajudar as irmãs dela.

— Que, como bem sabemos, são órfãs...

— Não entendo o que você vê de tão engraçado nisso tudo.

— Nada, Gideon, nada. Só estou imaginando se, por acaso, sir Oswald compra conhaque no mesmo estabelecimento em que nós compramos. Talvez ele também tenha adquirido uma garrafa adulterada.

— Ele não bebe conhaque. Mas serve às visitas o pior licor que já provei nesta vida.

Prudence estava irritada. Mais do que irritada: estava furiosa.

Assim que ela chegara do parque, tio Oswald reunira as cinco irmãs no salão principal do sobrado anunciando que, num lapso de compostura, lorde Carradice enfim tomara a iniciativa de assumir um compromisso decente com sua sobrinha-neta. E já que estivessem todas tão ansiosas por começar a freqüentar a sociedade, suas estréias na vida social estavam autorizadas a partir daquele instante. Charity, a primeira a debutar, iria na companhia dele e Prudence ao sarau musical de lady Ostwithers naquela noite.

Em meio ao burburinho provocado pelo anúncio, Prudence tentou argumentar:

— Deve haver algum equívoco, pois lorde Carradice não tem o menor interesse por mim. — Aliás, o miserável acabara de lhe dizer, minutos atrás, que ela não passava de mera flor despetalada.

— Ao contrário do que eu imaginava, minha querida, aquele um não é um vigarista irremediável. Pois não é que ele esteve aqui, neste mesmo aposento, vestido no seu melhor traje de fazer a corte para declarar que pretende tomar a atitude correta com você, Prudence, minha menina tão querida. E eu, é claro, dei-lhe minha permissão. — Muito emocionado, tio Oswald a estreitou junto ao peito.

Com o tio-avô a distribuir sorrisos de quase êxtase, a lutar contra as lágrimas que teimavam em lhe umedecer os olhos e a falar entusiasticamente da fortuna de Carradice, com Charity saltando do mais autêntico júbilo ao pânico de não saber o que vestir para o sarau de lady Ostwithers e com as gêmeas a saçaricar pela sala entre prenúncios de suas iminentes estréias na sociedade e comentários a respeito da bela aparência de lorde Carradice, a Prudence não restou muito mais do que ranger os dentes e sorrir.

Aquele miserável!

Gideon Carradice estava fazendo troça com ela, isso era evidente. Num momento arrancava segredos de sua irmã de dez anos de idade, no outro lhe propunha um noivado de fachada, pouco depois sugeria que ela era feia e ninguém iria querê-la! E agora... Prudence ainda tentava entender a lógica de todos aqueles eventos no propósito de descobrir o que poderia estar por trás das atitudes do pilantra, quando tio Oswald fez a declaração que lhe roubou o ar dos pulmões:

— Mandarei publicar um anúncio no *Morning Post* hoje mesmo!

— Não! O senhor não pode fazer isso! — exclamou ela, horrorizada. — O vovô Theodore iria ver.

— E que mal haveria nisso, minha querida? Você acaba de conquistar um partido do qual os jornais vêm falando há anos! Por que não anunciar a notícia ao mundo? Nós não temos nada a esconder, temos?

— Não, claro que não. Mas acontece que... que... que lorde Carradice está de luto.

Tio Oswald não disfarçou a surpresa:

— Oh, que coisa triste. Eu não sabia. Quem foi que morreu, minha querida? E se ele está de luto, por que veio aqui trajando um casaco azul-claro? Deus do Céu, azul!

Ah, aquele um não liga mesmo para o que veste!

Prudence tentou pensar numa boa desculpa.

— Foi a tia-avó dele que morreu. Mas... Bem, ela tinha horror ao preto, então pediu à família que continuasse a usar suas roupas do dia-a-dia após a morte dela.

— Um tanto excêntricas, essas idéias modernas. — Tio Oswald fez uma careta. — Roupas coloridas no período de luto, vejam só! Que tia-avó era essa? Não era Estelle, era? Ou será que foi Gussie? Ah, espero que não tenha sido Gussie!... Se bem que, pensando melhor, Gussie é tia de Carradice, não tia-avó. Ainda bem! Sempre gostei muito de Gussie.

Tarde demais, Prudence percebeu que tio Oswald devia conhecer quase todos os parentes mais idosos de lorde Carradice.

— Oh, não, não creio que tenha sido Estelle ou Gussie. Parece-me que... que essa tia-avó dele tinha uma vida bastante pacata e reservada... no País de Gales.

— Gales? Então está explicado — observou o tio-avô, como se o País de Gales ficasse num outro planeta. — Pena que você não guardou o nome dela. Nada de preto no período de luto, coisa mais esquisita... Bem, mas se mesmo assim ele insiste em ficar noivo, não me oporei. Uma verdadeira fortuna, aquele um tem! Isso merece um brinde.

— Lorde Carradice devia estar falando a verdade lá no parque, Prue — segredou-lhe Grace, enquanto tio Oswald se encarregava de pedir que fosse servido seu licor de dente-de-leão. — Quando falou em ser seu noivo só na aparência.

— Sim, mas por quê? — retrucou Prudence. — Por que lorde Carradice haveria de querer um compromisso de mentira comigo?

— Não acho que ele queira um compromisso só de fachada, Prue. Lorde Carradice gosta de você.

— Tolice! Ele gosta de fazer joguinhos, isso sim. Lorde Carradice está apenas brincando comigo, querida. Ele sabe que estou noiva de Phillip.

Hope, que estava perto delas e ouvira o comentário de Grace, endossou as palavras da irmã caçula:

— É verdade, Prue, ele gosta mesmo de você! Lá no parque, não olhou para mais ninguém!

— Nem mesmo para Charity — acrescentou Faith. — Ou alguma outra de nós. Ele só tinha olhos para você!

Prudence ergueu uma sobrancelha para Charity, como a pedir a confirmação de uma história tão pouco verossímil.

— Desculpe-me, Prue, mas não reparei — disse Charity. — Eu estava meio distraída...

— Charity também tem um admirador! — revelou Hope. A jovem ficou com as faces tingidas de rubor, e foi a vez de tio Oswald meter-se na conversa:

— Ora, que beleza! Então a menina Charity já começou com suas conquistas, é? Deslumbrante como ela é, isso não me surpreende nem um pouquinho! E agora que Prudence está noiva de lorde Carradice, muito em breve todas vocês estarão cheias de pretendentes! — Radiante, ele ergueu seu cálice. — Aos felizes noivos!

Prudence obrigou-se a tomar um golinho do licor. Além de ser terrível brindar a um noivado de mentirinha com um namorador que queria fazer pouco dela, também se sentia culpada com o fato de tio Oswald achar-se feliz da vida por imaginá-la casada com alguém que possuía um título e imensa fortuna quando, na verdade, seu verdadeiro noivo era um rapaz pobre de uma família qualquer.

Após erguer o cálice uma vez mais, tio Oswald tomou o restante do licor e declarou:

— Irei conversar com Carradice para decidirmos quando será feita a celebração do noivado. Se ele anda pela cidade exibindo-se em roupas coloridas, não tenho por que pensar que a falecida iria se opor a uma festa pequena e de bom gosto.

Prudence deixou escapar um suspiro. Desde que o tal noivado permanecesse um segredo de família, não iria ser impossível levá-lo adiante. Bastaria fingir um bocadinho e estar prevenida quanto ao comportamento de lorde Carradice. O importante era fazer com que tio Oswald continuasse feliz e garantir que Charity fizesse um bom casamento com um homem digno, que a amasse com todo o coração.

Pensando nisso, ela pediu à irmã:

— Charity, querida, não se acanhe. Conte a nós todos a respeito desse cavalheiro que é seu admirador.

— Oh, Hope exagera tudo. — A juvenzinha tornou a corar.

— Não há ninguém em especial.

— Ninguém em especial! Que lorota! — contradisse Hope.

— Negue que um certo cavalheiro tinha os olhos fixos em você, Charity, e que você lhe retribuía todos esses olhares!

— Não foi assim, não foi... — Charity sacudiu a cabeça. — Ele... ele estava sendo educado, só isso.

— Quem ficou olhando para Charity? — Prudence quis saber.

— Ninguém! As gêmeas estão dizendo tolices — argumentou a mocinha, olhando feio para as duas. — Vocês são duas crianças!

— De quem você falava, Hope? — insistiu Prudence.

— Daquele duque gordinho, é claro. O primo de lorde Carradice. O Ermitão. O duque de Dinstable. Ele não tirou mais os olhos de Charity desde que a viu. E ela também não tem olhos para mais ninguém.

— Ele não é gordo! Não é! — Charity ralhou com a irmã mais nova. — Ele é forte! É robusto! E é bonito. E muito bondoso. E inteligente. E...

— E podre de rico! — exclamou tio Oswald.

Surpresa, Prudence observou a irmã mais atentamente. Nunca vira a sempre calma e doce Charity tão exaltada. Tão protetora. Tão passional.

— O duque de Dinstable? — ela quis se certificar. — Mas como... quando...?

— O duque de Dinstable! — intrometeu-se tio Oswald. — Isso pede mais uma rodada de licor de dente-de-leão... Não, esperem. Um duque merece um brinde como manda o figurino! — Ele então fez a sineta soar efusivamente. — Niblett, traga a garrafa do nosso supimpa licor de prímula silvestre! Vamos comemorar! Oh, que dia, que grande dia! Um barão já no anzol e um duque a ponto de morder a isca! O amor

está no ar, meninas! Que Deus me ajude, fazia anos que eu não tinha tantas alegrias num só dia!

O sarau de lady Ostwither era exatamente o que Prudence desejava para a primeira aparição de Charity na sociedade: uma reunião pequena, cerca de cinquenta pessoas ou pouco mais, e bastante seleta. E como a filha de lady Ostwither também fazia seu ingresso nas altas-rodas sociais naquela temporada, a anfitriã se encarregara de convidar um bom punhado de jovens cavalheiros ricos e solteiros.

Lady Ostwither recebera as duas sobrinhas-netas de sir Oswald com muita amabilidade. E se se irritava ao ver que muitos dos rapazes que selecionara para a filha agora andavam atrás de Charity como abelhas atraídas por um pote de mel, não deixou que isso transparecesse em mais do que uma ou duas oportunidades.

De sua parte, Prudence estava eufórica com o sucesso da irmã, pois isso indicava que Charity teria condições de se casar com quem bem entendesse, o duque ou qualquer outro rapaz de boa família e excelente reputação. E assim que Charity estivesse bem encaminhada, seria a vez de providenciar bons casamentos para as gêmeas. Quanto a ela...

Como era possível que ainda não tivesse chegado nenhuma carta vinda da Índia? Prudence deixara um dinheirinho com a encarregada da cozinha de Dereham Court, para que a moça desse ao irmão que morava no vilarejo e cuidava da correspondência que chegava àquela região. Também não se esquecera de enviar ao rapaz o endereço do tio-avô Oswald, mas agora tinha de se perguntar se o moço saberia ler. Ou se teria copiado o endereço em Londres corretamente...

— Esse tom de verde lhe cai excepcionalmente bem, minha Prudence — murmurou uma voz aveludada ao ouvido dela.

O susto a fez virar-se.

— Lorde Carradice...

O olhar dele era tão intenso que Prudence embrulhou-se no xale. Parecia que aqueles olhos tinham o poder de lhe acariciar o corpo inteiro.

— Já não pedi para você se afastar de mim?

Ele não respondeu. Mas o sorriso que lhe deu a fez compreender que poucas mulheres seriam capazes de resistir àquele homem... Pois bem, precisava ser uma delas!

— Quer parar de... de... olhar para mim desse jeito? — Prudence levou a mão ao decote do vestido. — Estou começando a ficar embaraçada.

— Não sou eu, são meus olhos que não conseguem ficar longe da sua imagem. Além do mais, você está simplesmente linda esta noite.

Ela tratou de ignorar o prazer que aquelas palavras lhe proporcionavam.

— Não me venha com essa! Não faz muito tempo você disse que eu era uma flor despetalada que iria...

— Eu nunca disse um absurdo desses! — ele a interrompeu, indignado. — Aliás, por que eu haveria de afirmar tamanho despautério?

— Você disse, sim. No parque.

— De jeito nenhum! Lembro-me com clareza de ter dito que você não teria

problemas em encontrar um marido, já que mulheres bonitas atraem pretendentes às manadas. E que sejam quais forem os problemas com suas irmãs, isso não tem como atrapalhar suas chances de se casar.

Meio desconfiada, Prudence ficou olhando para ele. Mulheres bonitas como ela. Lorde Carradice não podia estar falando sério.

— Que significa *sejam quais forem os problemas* com minhas irmãs? Elas não têm problema algum!

— Agora sei que não. De qualquer modo, esse é mais um motivo para você não se preocupar com o assunto. — Ele suspirou, aliviado. — Então foi por isso que se zangou comigo! Porque ofendi suas irmãs, não é verdade? Eu já nem sabia mais o que pensar!... Olhe, lamento muito por tudo o que eu disse. Elas são garotas adoráveis e, mais cedo ou mais tarde, você encontrará bons partidos para as quatro.

Prudence não sabia o que dizer. Ele julgara que suas belas irmãs eram as flores estragadas do ramallete? E afirmara com todas as letras que ela era bonita... Tudo isso num tom que expressava a mais profunda sinceridade.

Gideon, que não despregara os olhos dela um instante sequer, não se conteve:

— Já lhe disse que você está extraordinariamente bela nesse vestido? Esse tom de verde ressalta a cor magnífica de seus cabelos, e me faz pensar que eu poderia me afogar nas profundezas cristalinas de seus olhos sem um pinga de arrependimento.

— Sim, já disse. Como eu também já falei para você ficar longe de mim. E, pelo amor de Deus, pare de me olhar dessa maneira!

Em resposta, Gideon nem sequer piscou. Exasperando-se, Prudence decidiu partir para o ataque:

— Posso saber como teve coragem de ir à casa de meu tio-avô e, pelas minhas costas, dar um jeito de arrumar um compromisso falso comigo?

— Tio Oswald me serviu um licor com gosto de cicuta, você sabia?

— Pois era a própria cicuta que ele devia ter lhe dado, isso sim! Agora, quer fazer o favor de responder à minha pergunta?

— Fiz tudo isso de que você me acusou? Que comportamento vergonhoso o meu! Mas você também não agiu com correção quando chegou à casa do meu primo de um instante para outro, alegando estar noiva de mim... ou dele, tanto faz.

— Oh. — Prudence sentiu o rosto em brasa. — Olhe, sei que me comportei muito mal, mas já pedi desculpas por aquele incidente uma dezena de vezes. Por isso, não precisa ser indelicado e ficar me lembrando a toda hora que...

— Prometo que não voltarei a tocar no assunto, está bem?

— Assim espero.

Conduzindo-a até um pequeno grupo de cadeiras, Gideon assistiu-a a sentar-se, depois se acomodou ao lado dela. Prudence então retomou a conversa:

— Agora, com respeito à visita desta tarde ao meu tio-avô...

— Ele se aborreceu comigo?

— Não, não.

— Tio Oswald não ficou zangado, preocupado, ofendido ou furioso?

No firme propósito de não revelar que seu tio-avô havia exultado de alegria com

a visita, ela observou:

— Não importa qual tenha sido a reação dele, a verdade é que você não tinha o direito de induzi-lo a pensar que eu concordava com o noivado.

— Eu não fiz isso.

— Não fez o quê?

— Não induzi sir Oswald a nada, cara Prudence. A idéia partiu dele. Seu tio-avô imaginou que eu estivesse usando *trajes de fazer a corte* e, dada nossa história prévia de quatro anos e meio, concluiu que eu finalmente decidira pedir permissão para me casar com você. Permissão essa que não cheguei a pedir, no entanto ele presumiu que sim e considerou o assunto resolvido.

— Mas...

— Antes, diga-me com sinceridade: ele é sempre assim?

Envergonhada, Prudence baixou o olhar. Não era preciso grande esforço para imaginar tio Oswald tirando conclusões precipitadas. No entanto, se alguém havia de ser responsabilizado por todo aquele equívoco, esse alguém era ela, cujas mentiras haviam dado origem à confusão em que agora se encontravam.

Erguendo os olhos, Prudence deparou com Charity, uma mocinha antes melancólica e assustada, agora rodeada por jovens galanteadores de nobre estirpe. Então se deu conta de que, se estava arrependida de suas mentiras, não lastimava o resultado que haviam produzido. Ainda que tivesse agido mal, seu erro acabaria por ser a garantia de uma vida digna e serena a suas irmãs. Mesmo que para isso fosse preciso manter certa proximidade com um notório namorador.

— Mais uma vez, devo-lhe um pedido de desculpas, lorde Carradice.

— De modo algum. Depois que Grace fez a gentileza de me explicar, lá no parque, a situação de todas vocês, decidi manter o compromisso presumido por sir Oswald. Por esse motivo, peço-lhe que não incomode o simpático velhinho com esse assunto.

— Você decidiu o quê?!

Gideon sorriu mansamente, um sorriso temo e cativante que quase a fez esquecer a vontade de lhe torcer o pescoço.

— Sim, decidi perdoar o destino trágico que você deu às minhas cartas de amor e manter nosso noivado. Pela primeira vez na vida, tio Oswald e eu conseguimos nos entender.

— Aqueles papéis não eram cartas de amor, eram contas do seu alfaiate! E nós não estamos noivos!

— Ah, mas o bom velhinho achou que seu gesto, ainda que um tanto tresloucado, foi extremamente romântico. Eu também, diga-se de passagem. E, para ser bem sincero, meu alfaiate cobra caro demais. Além do mais, você sabe que precisa de mim, Imprue.

— Eu não preciso de você e nem... Do que foi que me chamou?

— Imprue, apelido de Imprudence, que combina bem mais com você. Quem lhe deu o nome de Prudence nem imaginava o que estaria por vir. Não há nem um pinga sequer de prudência ou cautela em você!

— Escute aqui, já estou farta de seus...

— Não há o porquê de continuarmos discutindo. Você sabe que precisa de mim, Prudence.

— Não, não sei, não! E agora é melhor tratarmos de ficar quietos. Olhe lá, a srta. Ostwither está se preparando ao violino.

Levando a mão ao braço dela como a tranqüilizá-la, Gideon murmurou:

— Não precisa admitir que precisa de mim nem aqui nem agora; podemos esperar para quando estivermos sozinhos.

Prudence empurrou a mão dele para longe, então sussurrou:

— Fique sabendo que nunca mais ficarei a sós com você outra vez, lorde Carradice.

— Está me desafiando? — ele devolveu no mesmo tom. — Adoro um desafio. Mas, se preferir, podemos fazer um segredo só nosso o fato de que você precisa de mim. Também adoro segredos, sabia?

— Shhh!

Capítulo V

Assim que a apresentação começou, Gideon recostou-se ao espaldar, cruzou uma perna sobre a outra e apoiou o braço no encosto da cadeira em que ela se sentava, a mão suspensa a um centímetro ou dois de um ombro desnudo e acetinado. Instantes depois, Prudence já se achava meio tonta. Seria possível que ele soubesse o quanto aquela proximidade mexia com os nervos dela?

Claro que sabia. Afinal, era um namorador. Essa era a sua especialidade: desconcertar damas íntegras e honradas com suas atitudes e sua conversa atrevida. O pilantra!

Após alguns minutos, Gideon curvou-se para lhe murmurar ao ouvido:

— Se você não estivesse noiva, sua irmã agora não estaria sentada ao lado de meu primo, ingerindo o horroroso licor de menta de lady Ostwither enquanto assiste àquela mocinha açoiar nossos ouvidos com esses ruídos assustadores que ela anunciou terem sido criados por Mozart.

— Shh! *Aquela mocinha* é a filha da dona da casa.

— Sim, mas pelo barulho que emana daquele canto da sala, parece que ela está pisoteando um gato, e eu sou contra dar um tratamento cruel aos animais. Bem, aos ouvidos humanos, também. Seja como for, você desviou do assunto. O que eu aponte foi a importância do nosso noivado.

O primeiro impulso de Prudence foi responder à provocação, mas logo em seguida ela escolheu morder a língua e ficar quieta. A parte o fato de que conversar em meio ao recital seria descortês para com a anfitriã, ele tinha razão: se tio Oswald ao menos

desconfiasse de que ela e lorde Carradice não estavam nem nunca estiveram noivos, Charity agora não estaria ali, sendo admirada por um pequeno batalhão de rapazes da mais alta qualificação.

Ao final da primeira peça, a srta. Ostwither foi educadamente aplaudida. Mas quando a juvenzinha tornou a ajeitar o violino ao ombro, Gideon não conteve um gemido sofrido. E assim que a moça deu prosseguimento à destruição sonora de mais uma obra de Mozart, ele voltou a levar os lábios ao ouvido de Prudence para sussurrar:

— O professor de música dessa menina, seja ele quem for, deveria ser enforcado, esfolado e esquartejado... de preferência com ela tocando essas atrocidades ao violino.

Incapaz de se controlar, Prudence riu.

— Ora, como pode rir num evento de gigantesca qualidade musical como este? — Gideon a repreendeu. — Não sabe que gatos inocentes deram sua vida por isto?

Prudence tornou a rir, e várias pessoas fizeram *shhh*/pedindo silêncio.

A mão que descansava tão próxima ao braço nu acercou-se um pouco mais, e logo ela sentia o leve toque de um dedo. No mesmo instante, seu corpo se retesou. O dedo então passou a desenhar pequeninos círculos sobre sua pele. A sensação era deliciosa, e Prudence estremeceu. Como era possível que um ombro fosse tão sensível? Ela se ajeitou na cadeira. A carícia feita pela ponta de um dedo acompanhou-a. Prudence tentou se esquivar.

— Desse jeito, vai acabar caindo no chão — ele sussurrou.

Antes que ela tivesse tempo para retorquir, um segundo dedo foi se unir ao primeiro. Indignada, Prudence aprumou-se toda na cadeira como forma de demonstrar que não se deixaria intimidar. Um gesto que talvez não fosse bem compreendido: agora eram quatro dedos a lhe afagar bem de leve a parte alta do ombro, o que não demorou a lhe provocar deliciosos arrepios ao longo da espinha. Dessa vez, ela se encolheu toda no intuito de escapar à carícia. Algumas coisas eram mais importantes do que a elegância.

Pouco depois o recital da srta. Ostwither chegava a um estriduloso clímax e logo em seguida se anunciou um intervalo. Pulando da cadeira como se tivesse se sentado em brasas, Prudence tratou de se afastar dali o mais depressa que pôde. Sem a menor cerimônia, Gideon foi ao encalço dela e, colocando a mão sobre seu braço, retomou a conversa:

— Ainda está brava comigo pelo reatamento do nosso noivado?

— Não quero mais falar sobre esse assunto, está bem? Ou qualquer outro. Muito obrigada, mas já tive o suficiente da sua companhia! — Prudence tentou recolher o braço, mas ele a impediu.

— Pense bem, srta. Imprue, você tem de estar noiva de alguém. E também não pode passar o resto da vida à espera de um sujeito que vai embora e se deixa massacrar por elefantes. Esse tipo, esse Otterclogs, não serve para você. Você precisa de alguém em quem possa confiar e que esteja por perto. Como eu.

— O nome dele é Otterbury, e eu estaria completamente maluca se fosse confiar em você.

— Pelo menos eu tenho a decência de evitar ser triturado por elefantes.

— Aposto que nem mesmo um elefante seria capaz de triturar você! E pare com essa história, pois Phillip não foi pisoteado por elefante nenhum!

— Como pode ter tanta certeza? — Gideon pôs-se a caminhar, praticamente arrastando-a atrás de si.

— Se um elefante tivesse pisoteado meu noivo, a mãe dele teria me avisado. Caso não saiba, ela é nossa vizinha em Norfolk.

— Ah, então vai ver que foi o tigre que o pegou.

— Um tigre não... Quer parar com isso, sim?

— Foi você quem trouxe Otterbottom à conversa. De minha parte, acho uma perda de tempo ficar falando de um sujeito estúpido que foi viver no meio de elefantes. Ele não deve ser muito bom da cabeça. Se você fosse minha, Prudence, eu jamais a abandonaria. Não seria capaz disso.

Por um instante, ela mal conseguiu respirar. Aquelas palavras eram tão sedutoras, a voz dele, profunda e suave, soava tão sincera... Olhando ao redor, Prudence quase deu um grito. Enquanto conversavam, lorde Carradice dera um jeito de arrastá-la até uma alcova isolada sem que ela nem ao menos percebesse aonde ia. Cortinas drapeadas cor de vinho ocupavam uma das paredes do pequeno aposento; os ruídos que vinham do salão eram pouco mais do que um som meio etéreo e bastante abafado.

Prudence ofegou. Minutos depois de dizer que isso jamais tornaria a acontecer, estava outra vez sozinha na companhia de Gideon Carradice. Ansiosa, aflita e subitamente indecisa, olhou para ele. Os olhos castanhos, quentes e impenetráveis, pareciam agasalhá-la em sua profundidade de veludo. Gideon se curvou e, no mesmo instante, Prudence soube que ele iria beijá-la. Num gesto instintivo, levou as mãos ao peito largo no intuito de afastá-lo, mas, por algum motivo, apenas apoiou-as de encontro à camisa acetinada. Quase no mesmo instante, ele a tomou pela cintura e a trouxe para junto de si. Oh, Céus... Onde estava a carteira que ganhara de Grace quando mais precisava dela?, pensou Prudence. Por que tivera de trazer a bolsinha de cetim?

— Lorde Carradice...

— Gideon — ele a corrigiu, antes de se apoderar da boca tão próxima da sua.

A ponta da língua ávida contornou os lábios de Prudence como a brincar, a sondar, a provocar, depois lhe invadiu os recônditos da boca num beijo apaixonado. Ela sentiu-se a ponto de derreter ao ímpeto da carícia. Imaginara que já sabia como era ser beijada por aquele homem, mas a verdade era que estava redondamente enganada.

Um demorado e delicioso tremor percorreu-lhe o corpo. Prudence arfou, e ele lhe assaltou a boca plenamente, misturando-se nela, imprimindo seu sabor, arrebatando-lhe os sentidos. Tomada por intensa onda de excitação, ela sentiu a pernas bambearem. O gosto de Gideon era único. E recendia a desejo. Um desejo que se refletia na crescente urgência do beijo e ainda no modo sôfrego como ele a estreitava em seus braços. Um desejo que ameaçava consumi-la também.

Foi então que a mão afoita e firme insinuou-se para dentro do decote de seu vestido.

Prudence sentiu-se gelar. E lembrou-se de quem era. E de suas obrigações.

— Não — disse baixinho.

Gideon afastou-se o suficiente para olhá-la nos olhos e, com a respiração entrecortada, passou as costas dos dedos meio trêmulos pelo rosto dela até lhe contornar a linha do queixo. Prudence fez força para não desmontar à meiguice da suave carícia. Para não se atirar ao fogo dos olhos intensos e absorvedores, turvos pelo desejo. Para não se deixar levar pelo sorriso, ao mesmo tempo doce e malicioso, que se insinuava nos lábios bem-feitos dele.

— Não está certo — ouviu-se murmurar.

— O que não está certo? — ele indagou numa voz terna.

— Você me provocar dessa maneira. Brincar comigo, com meus sentimentos.

Gideon fez menção de falar, mas ela não lhe deu tempo:

— Já lhe disse mais de uma dezena de vezes que não sou livre, mas você não quer ouvir. Sei que me julga uma mentirosa e...

— Você não faz a menor idéia do que penso a seu respeito. Pouco me importa aquela lorota que contou a seu tio-avô, aliás, creio que você tinha um bom motivo para fazê-lo. No mais, considero-a uma raridade numa cidade como Londres, pois você é uma mulher realmente honesta. Naquela manhã, na casa de meu primo, você poderia ter me colocado em maus lençóis, alegando que eu a desonrara, pedindo uma reparação. Não por minha causa, mas pela minha fortuna e pelo meu título.

— Eu nunca...

— Eu sei. Você me jurou que tudo aquilo não era nenhuma cilada e manteve sua palavra. Não conheço nenhuma outra mulher que me faria acreditar na palavra dela, srta. Imprue.

— Então, por favor, não faça esses joguinhos de sedução comigo. Sei que se trata de um péssimo hábito seu, mas, sinceramente, não suporto isso. Não sou parte do seu mundo. Não sei como se joga esse passatempo, tampouco sei como... — Prudence calou-se. Por pouco não admitira que não sabia como resistir a ele.

Após pensar por um instante, Gideon indagou:

— O que a faz pensar que se trata de um jogo?

— Não pode ser outra coisa. Você disse que acreditava em mim, por isso sabe que estou prometida a Phillip Otterbury.

Ele não respondeu. No entanto, um leve vinco formou-se entre suas sobrancelhas.

Prudence então tirou do decote a corrente de ouro que sempre usava. Nela estava preso um anel antiquado, incrustado com uma grande gema vermelha.

— Este é o anel de noivado da bisavó de Phillip, que é dado à primeira noiva de cada geração da família. Ele representa a promessa que fiz a meu noivo, uma promessa que não irei quebrar, por mais que você me constranja com seus jogos de astúcia e sedução. Estou ligada a Phillip de outras maneiras, mas este é o símbolo concreto. Faz quatro anos e meio que o uso, nunca o tirei de junto de mim. Será que pode entender isso, lorde Carradice? Pode respeitar este anel?

— Posso tentar. Embora seja possível, é preciso confessar, que meus péssimos hábitos falem mais alto.

Prudence deixou escapar um suspiro. Ele não se emendava.

— Amigos? — ela indagou, num tom de heróica determinação.

— Se não há outro jeito... Mas devo avisá-la de que minha reputação estará arruinada se espalhar por aí que o que nos une é apenas uma amizade sincera.

— Ah, a fama de namorador!...

— Mas nosso noivado de mentirinha continua em pé, evidentemente, ainda que, fora do âmbito familiar, prossiga como o mais solene dos segredos. Agora é melhor retornarmos ao salão antes que dêem pela nossa falta. A menos que...

— Não. Vamos andando.

Perto do círculo de pessoas que rodeavam Charity, Prudence observava lorde Carradice, que, aliás, já havia trocado palavrinhas, risinhos e pequenos toques nos braços com várias mulheres presentes ao sarau, conversar com uma dama cujo nome era sra. Crowther. Mesmo sem simpatizar nem um pouco com a tal senhora ou suas amigas, Prudence era grata a todas elas por obrigarem-na a ter em mente uma verdade da qual às vezes teimava em esquecer: lorde Carradice era um experiente sedutor, um frívolo. Não que ela o condenasse por isso, que cada um fosse como era. Problema seria levar um namorador a sério. Ou confiar nele.

Gideon deu graças aos Céus quando Theresa Crowther finalmente resolveu deixá-lo em paz. Onde estava com a cabeça que chegara a achar alguma graça na companhia de uma pessoa vazia, insípida e enfadonha como Theresa? Ou das amigas dela? Que mulheres fúteis, santo Deus!

Circular um pouco pelo salão o ajudara a prestar atenção em Prudence sem ser notado. O modo maternal como ela tratava a irmã era encantador. E ele também pudera perceber que... Uma voz às suas costas interrompeu-lhe os pensamentos.

— Minhas sinceras condolências, Carradice.

Gideon virou-se, surpreso, estranhando ainda mais ver sir Oswald com uma expressão tão consternada.

— Condolências? Por quê?

— A pergunta correta seria *por quem*, não acha? Vocês, jovens, ainda vão acabar com nosso idioma. — Examinado o traje escuro e austero que Gideon usava naquela noite, tio Oswald comentou: — Pelo menos teve a decência de não vir ao sarau com roupas coloridas... De qualquer modo, que não se pense que eu discorde de que os desejos de um morto devam ser respeitados.

Atarantado, Gideon coçou o queixo. Desejos de um morto? Que morto? Quem tinha morrido? Ah, seu velho amigo devia estar falando de Brummell, o sujeito que havia introduzido o uso do preto nos trajes de noite e que pouco tempo atrás sumira da sociedade londrina.

— A bem da verdade, nunca uso trajes coloridos em eventos noturnos — ele explicou. — Mas essa pessoa não morreu, sir Oswald. Foi viver no continente, não me lembro em qual país. Fugindo das dívidas, veja só.

— Fugindo das dívidas? — Sir Oswald franziu a testa. — E desde quando se fica de luto por alguém que foge das dívidas, Carradice? Então é isso o que as pessoas vão fazer no País de Gales? É bom que eu saiba!

Meio desnortado, Gideon resolveu ignorar à bizarra referência ao país vizinho.

— Eu falava de Beau Brummell, sir Oswald.

— Brummell? E o que é que ele tem a ver com isso? Por que raios você trouxe o nome de Brummell à conversa?

— O senhor não falou que ele tinha morrido?

— Não diga! Brummell morreu? Bem, não posso dizer que isso me surpreende. Viver num país estranho é sempre um negócio arriscado. Digo isso por mim mesmo, pois morei muitos anos no exterior. Quem diria, o velho Brummell... Mas o que foi que acabou com ele? A bebida, aposto.

Sir Oswald então dirigiu um olhar de censura à taça de champanhe que Gideon tinha na mão. E Gideon, com a nítida sensação de que aquele diálogo se desenrolava num manicômio, assinalou num tom extremamente cauteloso:

— Eu não disse que ele tinha morrido. Ou melhor, até onde sei, Brummell está vivo e mora no continente.

— Com a breca! Bem que eu desconfiei!... Isso é lá brincadeira que se faça? E justamente com o pobre Brummell? Você não tem jeito mesmo!

Gideon esvaziou a taça e olhou ao redor à procura de algum criado. Precisava de uma bebida um pouco mais forte do que champanhe para conseguir dar conta daquela conversa. E não podia ser conhaque, pois conhaque o velhinho abominava.

— Peço-lhe desculpas, sir Oswald. Escute, por que não começamos tudo outra vez? Quem foi que morreu?

— Sua tia-avó, é claro!

— Minha tia-avó?

— Lamentei muito a notícia, Carradice. Meus pêsames. Eu não a conhecia pessoalmente, mas estou certo de que se trata de uma grande perda. Quando foi o funeral?

Gideon chegou a abrir a boca para explicar que, até onde sabia, sua tia-avó Estelle achava-se no momento no exterior, escandalizando boa parte dos parentes por viajar sozinha na companhia de um conde italiano. No entanto, tornou a fechá-la assim que uma figura esguia veio colocar-se entre ele e o tio-avô Oswald: a srta. Prudence Merridew em pessoa, meio esbaforida e toda corada, linda como sempre e com uma expressão que era só culpa. Claro, claro. A partir do momento em que a conversa deixara de fazer sentido, ele devia ter imaginado que a srta. Imprudence tinha algo a ver com tudo aquilo.

Sorrindo para ela, Gideon tomou-lhe o braço e cruzou-o ao seu, depois fez sinal ao criado que passava para que lhes trouxessem algo para tomar.

— Prudence, querida, eu tinha acabado de perguntar a Carradice sobre o funeral. Suponho que tenha sido no País de Gales, não, Carradice? Você sabia que nunca fui a um sepultamento galês?

Ela se apressou em dizer:

— Foi uma cerimônia muito simples e reservada, creio eu, não foi, lorde Carradice? — E olhou para ele com um ar suplicante.

Gideon fez que sim.

— E verdade, sir Oswald. Uma cerimônia bastante pequena. Tão pequena que foi como se não tivesse existido. — O beliscão em seu braço o fez acrescentar: — Coisas do País de Gales, o senhor pode imaginar.

— E que tia-avó era essa? Por um instante, pensei que pudesse ser Estelle. Cheguei a ficar passado. Mas então Prudence disse que não. E eu não sabia que você tinha parentes em Gales.

— Ela tinha uma vida reclusa — comentou Prudence, servindo-se da bandeja que o criado lhes estendia.

— Ah, muito reclusa — Gideon concordou antes de apanhar sua taça. — A família nem sabia que ela estava lá.

Sir Oswald ergueu as espessas sobrancelhas brancas.

— Oh, ela era meio esquisita, é? Fez as malas e sumiu para o País de Gales, foi? Agora entendo por que tudo transcorreu na surdina... Não se preocupe, Carradice, não tornarei a falar desse assunto. Prudence, querida, você não está pensando em se envenenar com essa porcaria, está? Ora, Carradice, pensei que você tivesse pedido limonada para ela! — Depois de olhar feio para o champanhe que Gideon havia requisitado, tio Oswald tirou a taça da mão da sobrinha-neta. — Preciso mandar uma de minhas garrafas de tônico de ruibarbo para lady Ostwith... Fiquem aqui enquanto vou buscar algo decente para vocês tomarem. Ruibarbo é excelente para o sangue!

Assim que ele se afastou, Prudence, com a testa franzida e os lábios ligeiramente premidos, virou-se para Gideon. Ele, louco de vontade de beijá-la outra vez, pôs-se a examiná-la com redobrada atenção. A srta. Imprudence era de fato irresistível. E as covinhas nos cantos dos lábios que se esforçavam para não sorrir deixavam-na ainda mais encantadora...

Num impulso, Gideon aproximou-se um pouco mais, dando a entender que pretendia beijá-la. No mesmo instante, Prudence ergueu a bolsinha de cetim no ar. Ele suspirou em sinal de desalento.

— Srta. Imprue, você não tem o menor espírito de aventura, não é mesmo?

— Quer parar de me chamar assim? E também não se atreva a tomar nenhuma atitude incorreta!

Encolhendo os ombros, Gideon sugeriu:

— Agora que nosso querido tio Oswald foi buscar algum tônico nauseante, digo, delicioso para você tomar, por que não me conta o motivo pelo qual eu precisava de uma tia-avó falecida recentemente no País de Gales? Não que eu sofra de algum tipo de curiosidade doentia, mas já que acabo de ganhar uma parenta morta assim sem mais nem menos...

— Ah, não, não me venha com ironias! Sei que agi mal e que deveria ter lhe falado dessa história anteriormente, mas... Bem, acontece que tio Oswald queria colocar um anúncio do nosso noivado no *Morning Post*, e a única idéia que me ocorreu para impedi-lo foi alegar que você estava de luto. Lamento muito.

— Não, você fez bem. Quer dizer então que estou de luto?

— Sim, só que não precisa vestir-se de preto, porque eu disse que sua tia-avó tinha aversão a essa cor e por isso pediu aos parentes que continuassem com seus

trajes habituais. E com bailes, festas e tudo o mais.

— Confesso que o *tudo o mais já* me deixa bastante aliviado... Mas você é realmente um bocado criativa, Prudence!

— Deve estar pensando que sou uma mentirosa de mão cheia, mas...

— De modo algum! Nós já conversamos a esse respeito, lembra-se? Além do mais, a criatividade e a rapidez de pensamento são atributos admiráveis.

Ela mordeu o lábio.

— Seja como for, a verdade é que você causou danos ao meu bom nome, srta. Imprue, e agora terá de me ressarcir por isso.

— Causei danos ao seu nome? Não creio que isso seria possível.

— Como pode dizer uma coisa dessas? — Fingindo-se ofendido, Gideon tomou a mão dela. — Primeiro me retrata como um pretendente frio e mal-intencionado... Logo eu, que tenho aversão à indiferença e um peito repleto das melhores intenções! Depois parte o coração de meu alfaiate ao atirar ao fogo os *billets doux* dele, então mata sem dó nem piedade meus parentes e ainda se recusa a permitir que eu use trajes de luto...

— Aquilo eram contas, não cartas de amor!

— Para um alfaiate, dá no mesmo. Pois bem, deixe-me acompanhá-la à mesa onde estão as tortinhas de caranguejo, as perdizes e os franguinhos e as tortas de limão e, quem sabe?, eu não acabe por tomar sua boa vontade como uma reparação ao prejuízo cometido contra minha reputação.

Prudence olhou para ele com desconfiança.

— Você não falou que seríamos bons amigos? — Gideon insistiu.

— Sim, só que a maneira como você e eu entendemos o comportamento entre dois amigos difere como giz e queijo.

— Então é preciso que você me explique essa diferença agora mesmo, antes que eu caia no erro de me comportar mal outra vez. — Após colocar a mão de Prudence sobre seu braço, ele a guiou em direção à sala de refeições. — Enquanto você me ilustra com as regras de etiqueta da amizade, irei apresentá-la às tortinhas de caranguejo, que são um prato dos anjos. Você nutrirá minha mente, eu alimentarei seu corpo.

Como ele conseguia? Gideon Carradice não apenas dominara a resistência dela em acompanhá-lo à ceia como também a fazia rir das bobagens que ele dizia.

Prudence via a irmã a deslizar pelo salão com um orgulho imenso. Nem uma semana havia se passado desde que Charity comparecera pela primeira vez a uma reunião social e agora, no primeiro baile de que participava, a bela jovem já fazia grande sucesso.

Decididas a não deixar transparecer as mocinhas do campo que de fato eram, as irmãs tinham se esforçado como nunca nas aulas de dança no transcorrer dos dias que antecederam o baile, praticando e treinando até aprenderem todos os passos de cor. Todo esse esforço valera a pena: de tanto dançar, infelizmente com alguns moços não tão aplicados quanto elas, no momento Prudence tinha o franzido da barra do vestido novo todo pisoteado.

A música chegou ao fim, e o parceiro de Charity a conduziu para fora do espaço

reservado à dança. No mesmo instante, um enxame de cavalheiros aproximou-se para oferecer refresco à juvenzinha que, apesar de tudo, não se mostrava intimidada por tamanha atenção. Prudence não conteve um suspiro. Sua irmã era como uma rosa que, mesmo tendo passado boa parte da existência num ambiente frio e sombrio, surgia ao sol para expor pétalas perfeitas e delicadas que não traziam máculas das vicissitudes do passado.

Por observá-la tão atentamente, Prudence não teve como não notar a transformação ocorrida com Charity no momento em que o duque de Dinstable adentrou o salão: se antes já estava contente, ela agora se mostrava radiante, o rosto de súbito corado por uma luz que parecia vir do mais íntimo de seu ser. Prudence nunca vira a irmã assim, a ponto de estourar de alegria. E o duque... O duque olhava da mesma maneira para ela. Ambos pareciam absortos numa espécie de transe, como se não houvesse mais ninguém ali. Teria sido amor à primeira vista?

Ao reparar no sorriso extasiado com que Charity presenteou o duque assim que ele curvou-se sobre sua mão, Prudence fechou os olhos por um instante, pedindo aos Céus que aquele sentimento fosse verdadeiro e duradouro. Quando tornou a abri-los, Edward conduzia sua irmã em direção ao terraço, e no rosto dele era evidente a determinação de cuidar e de proteger a juvenzinha contra tudo e contra todos.

Ainda suspirando, Prudence foi à procura da sala destinada ao descanso das damas com a idéia de colocar alguns alfinetes no barrado do vestido. Para seu azar, lá se encontrava a sra. Crowther, a dama com quem lorde Carradice conversara no sarau dos Ostwithers. Num sofisticado vestido vermelho, a mulher, com quem Prudence não simpatizara nem um pouco, ergueu-se de uma poltrona para ir ao encontro dela e, depois de estudá-la de cima a baixo com um olhar desdenhoso, declarou num tom arrogante:

— Você foi vista várias vezes na companhia de lorde Carradice, por isso é melhor eu avisá-la de que ele e eu somos amigos... Amigos íntimos, se é que você me entende.

Erguendo as sobrancelhas, Prudence observou:

— A senhora é casada, não é?

A sra. Crowther não pareceu ofender-se com o comentário, entretanto evitou respondê-lo para dizer:

— Você deve saber que Gideon não tem nenhuma intenção de casar-se. E como ele também nunca demonstrou qualquer interesse por debutantes, certamente seria uma grande tolice você alimentar expectativas que jamais virão a se concretizar.

— Expectativas? Com relação a lorde Carradice? Que idéia! — Prudence virou-se em direção à porta. — Fique descansada, sra. Crowther, pois não tenho expectativa nenhuma em relação a lorde Carradice!

Indignada, ela deixou a sala íntima... para quase chocar-se com Gideon no corredor.

— Srta. Merridew!

Prudence perguntou-se o quanto ele teria ouvido.

— Sir Oswald e sua irmã estão à sua procura — disse Gideon, o tom meio duro. — Você deveria ser mais cuidadosa com suas companhias, srta. Merridew, caso...

Theresa Crowther escolheu aquele instante para sair ao corredor. Curvando-se numa mesura, Gideon pediu-lhe educadamente:

— Poderia nos dar licença, sra. Crowther?

A mulher deixou escapar uma risadinha, então comentou:

— Ah, isto é muito, muito divertido: o namorado Carradice, fazendo-se passar por zelosa dama de companhia. Se eu contasse, ninguém iria acreditar! — E com isso ela se afastou, mas não sem antes correr a ponta dos dedos pelo braço dele.

— O que significa tudo isso? Por que você conversava com aquela mulher? — Tomando o cotovelo de Prudence, Gideon a fez entrar de volta na sala e fechou a porta às costas de ambos.

Num desafio sem palavras, Prudence sustentou por alguns momentos o olhar firme que ele lhe dirigia. Em seguida, porém, esbravejou:

— O que lhe interessa com quem converso ou deixo de conversar? Apesar das insinuações da sra. Crowther, você não é minha aia!

— Aquela mulher não é companhia para você!

— Por quê? Porque é sua amiga íntima?

— Sim... não... não mais. Ao diabo com o passado, Prudence, não vim aqui para discutir esse assunto! Você é inocente, mas acredite quando lhe digo que a sra. Crowther não é companhia para... Aonde vai?

Prudence tentou passar rumo à porta, mas ele usou do corpo para lhe bloquear o caminho.

— Quer sair da minha frente, por favor? Se a sra. Crowther e as amigas dela não são companhia para mim, o que dizer de você, lorde Carradice? Você é companhia adequada para mim?

Gideon fez menção de falar, mas ela não lhe deu tempo:

— Não preciso de proteção, tampouco sou a inocente por quem me toma. E você não tem o direito de decidir com quem posso conversar.

— Comparada àquelazinha, qualquer mulher decente é uma inocente.

Mas o que ele queria dizer com aquilo? Estaria a compará-la com suas amantes de trajes exuberantes como forma de insinuar que uma mulher decente como ela seria, no fundo, insípida e enfadonha? Ah, mas lorde Carradice bem que merecia uma lição!

Sem pensar duas vezes, Prudence passou os braços pelo pescoço dele e, puxando-o para junto de si, beijou-lhe a boca. A pressa e o mau jeito produziram um efeito pouco impressionante, por isso ela não hesitou em tornar a beijá-lo, dessa vez tendo em mente todos os outros beijos que já haviam trocado.

Em pouco tempo, os deliciosos arrepios de pura excitação que começava a conhecer tão bem começaram a lhe percorrer a espinha enquanto Gideon a beijava de volta, saboreando seus lábios e o interior de sua boca com a ousadia e os movimentos que só ele sabia fazer. Prudence segurou o rosto másculo entre as mãos para deixar que suas línguas se enrascassem numa carícia lenta, ritmada, insinuante. Ele tinha gosto de vinho... de paixão... de Gideon... Ela não conseguiu reprimir um suspiro.

Com um gemido abafado, Gideon enlaçou-a pela cintura e, colando o corpo ao dela, pôs-se a lhe acariciar as costas enquanto a fazia experimentar a plena rigidez de sua

masculinidade de encontro ao ventre. Prudence não demorou a perceber que seus joelhos pareciam não mais lhe sustentar o peso do corpo, e essa sensação a fez constatar que se aproximava do ponto do qual não haveria retorno. Reunindo a pouca força de vontade que ainda lhe restava, interrompeu o beijo e, afastando os braços de Gideon de sua cintura, deu um passo para trás.

Ofegantes, ficaram a olhar um para o outro por um longo tempo. O tom brincalhão tinha sumido dos olhos que agora a fitavam com uma expressão admirada. Prudence ficou bastante satisfeita: dessa vez não era apenas ela a atordoada pelo beijo que haviam trocado; Gideon parecia meio aparvalhado.

Ele estendeu a mão para alcançá-la. Prudence deu outro passo atrás e, alisando o vestido com mãos um tanto trêmulas, esclareceu:

— Não. Eu só queria mostrar que não sou a inocente que você imagina.

Nos olhos, a surpresa deu lugar a um brilho indecifrável.

— Engana-se, srta. Imprudence, se pensa que essa suposta demonstração me convenceu de que você teria lugar no círculo social de Theresa Crowther. Esses beijos não provaram nada... a não ser sua inocência.

— Oh, você é impossível!

— Não precisa se aborrecer, pois achei seus beijos deliciosos. Mas se pretende aprimorar suas táticas, é com prazer que a convido a praticar comigo. Afinal, estamos noivos.

— Se bem se lembra, trata-se de um noivado de mentira. O que, aliás, vem bem a calhar, já que até um cego pode ver que nós dois não combinamos, que vivemos brigando como cão e gato.

— Eu não chamaria nossos desentendimentos de briga. Mas se prefere fazê-lo, saiba que brigas não são necessariamente um sinal de incompatibilidade. Às vezes, brigas podem ser sinal de... paixão.

— Meus pais nunca trocaram palavras ásperas. Phillip e eu também não.

— Se não estou enganado, você não troca palavra alguma com Otterboots faz muito tempo.

— O nome dele é Otterbury.

— Que seja. O fato é que esse Otterqualquercoisa parece ser um sujeito tedioso e sem imaginação. Afinal, é você mesma quem diz que ele não é capaz nem sequer de provocar uma boa discussão.

De repente, Prudence deu-se conta de que ele estava certo: Phillip não costumava defender seus pontos de vista. Lorde Carradice, pelo contrário, sabia como dobrá-la. Ou melhor, nem precisava romper as barreiras com que ela tentava defender-se, apenas as utilizava em seu próprio benefício. Isso era... era quase inacreditável. Ela nunca permitira tal coisa a nenhum outro homem; na única vez em que rompera suas defesas, Phillip usara da força masculina para fazê-lo. Gideon, pelo contrário, sequer necessitava da força física, seus meios eram insidiosos. Como despertar os instintos mais primitivos dela...

Confusa demais com pensamentos tão eloqüentes, Prudence declarou:

— Não vou mais falar de Phillip com você. E, como gentilmente assinalou, no

futuro serei mais cuidadosa com as companhias que escolho. Agora, se me dá licença, preciso voltar para junto de minha irmã. — Com isso, passou por ele e, abrindo a porta de um só golpe, deixou a sala de descanso com o queixo erguido e uma expressão empedernida.

Gideon não retornou ao baile. De imediato, deixou-se cair na poltrona a seu lado e pôs-se a refletir sobre tudo o que acabara de acontecer. Por um lado, tratava-se de um cenário que lhe era bastante familiar: alguns beijos roubados, umas poucas carícias num aposento isolado durante um baile ou uma festa. Por outro... Deus do Céu! Quem acreditaria que um homem com sua experiência se veria completamente desnortado por um par de beijos desajeitados de uma jovem irada?

Pois que tratassem de acreditar, já que era assim mesmo que ele se sentia. Aqueles doces e atrapalhados beijos haviam lhe trazido duas constatações estarrecedoras: a compreensão de que não desejava um falso noivado e a certeza de que queria Prudence. Não como sua amante, mas como a mulher a quem amar. De verdade. Um problema para o qual ele via uma única solução.

Após mais alguns minutos, Gideon levantou-se e deixou a sala. Como que entorpecido, perambulou pelo salão de baile apinhado de gente com a sensação de que estava irremediavelmente perdido. Seu plano de vida virara de ponta-cabeça.

Desistindo do baile, saiu para as ruas escuras e começou a caminhar sem destino. Muito tempo depois, viu-se diante da porta da residência do primo em Londres sem nem ao menos saber como fora parar ali. Mas que diferença isso fazia quando a premissa fundamental que sempre ordenara toda a sua vida desfizera-se no ar de um instante para outro?

Na noite seguinte, Gideon usou um modo um tanto oblíquo para abordar o assunto junto ao primo.

— Já encontrou alguém de seu agrado, Edward?

O duque, que tinha o olhar fixo num ponto qualquer da parede à sua frente, pareceu levar um susto. Gideon explicou-se melhor:

— Eu me referia à sua busca por uma noiva que lhe seja conveniente, ainda que conveniente talvez não seja a palavra mais indicada. Não deve ser fácil, não é mesmo? Afinal, nossos pais se casaram calculando que tomavam a atitude correta, e nós bem sabemos como tudo terminou.

— De fato. Mesmo assim, decidi que não nos resta outra coisa senão fazer o que eles fizeram: casar e apostar na sorte.

— Como assim? O que quer dizer com isso?

Edward deu um sorriso tímido.

— Que encontrei a noiva que buscava, Gideon.

— É mesmo? E quem é ela? Alguém que conheço?

— Se não se importar, eu preferia não mencionar o nome da jovem até falar com ela e saber se serei aceito.

— Ora, primo, até parece que eu sairia contando a novidade pela cidade inteira! Diga-me apenas se eu a conheço, então.

— Sim. Você já se encontrou várias vezes com ela.

— E ela é exatamente como você a queria? Pouco vistosa, calada, enfadonha... digo, dócil? O tipo de mulher que não desperta emoções turbulentas?

— Bem, eu não a descreveria assim, mas... Mas ela é a noiva ideal para mim.

— Ótimo. Uma jovem sem atrativos, porém agradável?

— Posso dizer que você não se encantou com a formosura dela.

Uma mulher bastante feia, concluiu Gideon, que se considerava um profundo conhecedor da beleza feminina. Agitando o vinho do Porto no interior do cálice que tinha entre os dedos, ele estudou a chama do candelabro através da bebida cor de rubi enquanto tentava se lembrar de todas as moças feias que tinham debutado na sociedade naquele ano. Como ninguém em especial lhe ocorresse, resolveu mudar de assunto.

— Quais são seus planos para amanhã, Edward? Ir falar com o pai da jovem?

— Não. Fiquei de acompanhar as srtas. Merridew ao anfiteatro Astley à tarde e combinei de jantar com os Feather-stonehaugh...

— O anfiteatro Astley? O que vão fazer lá?

— Alguém mencionou o lugar numa conversa na semana passada, e as jovens damas demonstraram grande interesse em conhecê-lo. Elas ainda não visitaram os pontos turísticos da cidade, e as srtas. Faith e Hope em particular gostariam muito de ver as damas amazonas. Assim sendo, ofereci-me para acompanhá-las.

— A... A srta. Prudence também vai?

— Creio que sim.

— Não acha que é um grupo muito grande para você supervisionar sozinho? Por acaso não gostaria que eu fosse junto, para ajudar a cuidar de tantas mocinhas irrequietas?

— Agradeço muito sua gentileza, Gideon, mas não precisa se preocupar com isso. Como sabe, as irmãs Merridew não são tão irrequietas assim. Obrigado, primo, mas é melhor você se ater aos seus planos.

— Ah, não há nada que não possa ser adiado. Além do mais, não seria justo eu deixar que você se encarregasse de tudo sozinho. Pode deixar, eu vou também.

O duque observou-o por alguns instantes, depois declarou num tom irônico:

— Fico tocado com a grandeza de suas intenções, primo. Obrigor-se a tamanho sacrifício por minha causa...

Endireitando-se sobre a poltrona, Gideon deixou o cálice sobre a mesa e passou ambas as mãos pelos cabelos num gesto exasperado.

— Mil raios me partam, Edward, pois a verdade é que simplesmente não sei o que fazer! Sinto-me entre a cruz e a espada... Você nem imagina a situação em que me encontro!

— Pois saiba que eu o compreendo, primo. E que a minha situação não é melhor do que a sua.

— Está se referindo à sua escolha sensata e sem atrativos?

— Ela não é feia, se foi isso o que quis dizer! Na verdade, trata-se da jovem mais linda que esta cidade já viu! E eu... eu estou perdidamente apaixonado por ela. Sequer sei explicar como isso foi acontecer...

— Meu bom Deus! — Apanhando a garrafa que estava sobre a mesa, Gideon encheu os cálices de ambos até a borda.

— E pensar que nós dois juramos não permitir que isso viesse a acontecer... O que foi que houve, Gideon? Depois de todos esses anos, de todos os cuidados... Num minuto eu estava feliz, seguro, sereno; no outro, meu mundo de tranquilidade e certezas tinha virado de pernas para o ar!

— Eu sei, eu sei. É exatamente assim: afogar-se nos olhos dela... e sentir-se exultante. Comigo também foi dessa maneira. E olhe que eu ainda lutei! Mas agora... Fui derrotado.

Após um suspiro profundo, Edward anunciou:

— Vou marcar uma entrevista com o tio-avô dela para depois de amanhã.

— Sim, faça... Mas o que significa isso?! — Gideon pôs-se em pé num salto. — O tio-avô dela, foi isso o que você disse? Mas que inferno, Edward, não é possível que você também esteja apaixonado por Prudence! Porque, se estiver...

— Sente-se e trate de se acalmar, primo. Não estou apaixonado por Prudence. Foi Charity quem roubou meu coração.

Tomado por um alívio colossal, Gideon largou-se sobre a poltrona.

— Charity? Não pode ser... A irmã dela?

Edward fez que sim, depois concluiu num tom abatido:

— Os mexericos irão vicejar. A história se repete. Não teremos um instante de sossego quando a notícia se espalhar. E você sabe que odeio espalhafato!

Capítulo VI

Foi a coisa mais empolgante que já vi na vida! — anunciou Hope, assim que a carruagem deteve-se diante da residência do tio-avô Oswald. — A música, o espetáculo, as amazonas... e o modo como aquele homem cavalgou em pé ao lombo do cavalo, então? Ah, como eu queria ser capaz de fazer aquilo!

— E ele nem se segurava nas rédeas! — comentou sua irmã gêmea. — Além do quê, ele era bem bonito, vocês não acham?

A porta da carruagem se abriu, Gideon saltou e pôs-se a ajudar as juvenzinhas a descer. As gêmeas foram as primeiras, depois veio Prudence que, mesmo aceitando a mão que ele lhe oferecia, recusou-se a olhá-lo nos olhos. Se bem conhecia o comportamento feminino, Gideon podia jurar que ela estava morta de vergonha por tê-lo beijado no baile. Desde aquele beijo, a srta. Imprudence passara a tratá-lo com certa reserva e desmedida formalidade. Aliás, só faltava fingir que não o conhecia.

Enquanto ela, já na calçada, alisava as saias do vestido, uma criada deixou o requintado sobrado e se aproximou, meio esbaforida, para lhe entregar uma folha de papel. Gideon, por seu lado, preparava-se para ajudar a próxima jovem quando Edward tomou-lhe o lugar.

— Srta. Charity — murmurou o duque, visivelmente encabulado.

Charity entregou-lhe a mão coberta pela luva acetinada, depois saltou para o pavimento. Ao ver que os dois se punham a trocar impressões a respeito do espetáculo, Gideon virou-se para assistir Grace, mas a menina já tinha descido do veículo para, cruzando o braço ao dele, comentar com grande animação:

— Do que mais gostei foram as cenas de batalha... Toda aquela fumaça e os canhões e os soldados tão fortes e corajosos em seus uniformes!

No entanto Gideon tinha a atenção voltada para Prudence, cujo rosto perdera toda a cor de um instante para outro. A folha de papel tremia na mão dela, os olhos tinham perdido a expressão. Com a impressão de que sua Imprudence estava a ponto de desmaiar, ele correu a enlaçá-la pela cintura.

— O que houve, Prue? — perguntou-lhe com suavidade. — Más notícias? Não se sente bem?

Como se nem percebesse que ele a chamava pelo apelido e tinha o braço ao redor do corpo dela, Prudence respondeu num sopro de voz:

— A carta... é da sra. Burton.

A despreocupada alegria que reinava entre as outras jovens evaporou-se. As gêmeas se aproximaram com um ar consternado, Grace ficou tão pálida quanto Prudence, Charity, mordendo o lábio, deixou a companhia do duque para reunir-se às irmãs. Era como se uma borrasca pairasse sobre suas cabeças.

Gideon trocou olhares com Edward, então ambos também se aproximaram. Prudence explicava às irmãs mais novas:

— A sra. Burton não sabe como ele descobriu, apenas desconfia de que o novo criado da casa possa ter deixado escapar algum comentário. Mas quando ela escreveu esta mensagem — Prudence verificou algo no papel —, que foi anteontem, ele havia ordenado que preparassem o coche para uma viagem longa. Ele está vindo para Londres à nossa procura. A sra. Burton pediu a um dos rapazes da cocheira que levasse esta carta ao serviço postal.

Em pânico, as jovenzinhas olharam ao redor como se *e/e*, fosse quem fosse, pudesse estar por ali. Após engolir em seco, Prudence tentou tranquilizá-las:

— Está tudo bem. Nós também ficaremos bem. Prometo a vocês.

— Vamos ter de fugir, não é, Prue? — indagou Charity com infinita tristeza.

Prudence pensou por um breve instante antes de confessar:

— Não vejo outra alternativa.

— Tio Oswald não pode nos ajudar? — quis saber Grace.

— Ele vai tentar, estou certa disso, querida. — Prudence, entretanto, mal conseguia dissimular a aflição. — Mas acontece que ele depende financeiramente do vovô e, por mais que seja solidário ao nosso problema, não creio que esteja em condições de arriscar a perder seu meio de subsistência.

— Além do mais, tio Oswald foi passar o dia fora, e vovô pode chegar a qualquer momento — observou Charity.

Ao ver todas elas tão assustadas, Gideon não se conteve:

— O que está acontecendo, Prudence?

— Nós precisamos ir embora daqui... imediatamente — ela respondeu num tom agora mais firme. — Graças ao aviso da sra. Burton, estaremos longe quando vovô chegar.

Ele ainda tentou argumentar, mas Prudence só tinha olhos para as irmãs. Como uma loba que cuidasse dos filhotes ameaçados, ela se pôs a empurrá-las em direção aos degraus diante do sobrado.

— Depressa, meninas, reúnam seus pertences o mais rápido possível. Peguem as minhas coisas também. Hope, traga aquele meu estojo para baixo, sim? Vou preparar uma mensagem para tio Oswald, explicando o que aconteceu. Agora vamos, depressa! Se ele nos pegar aqui, estaremos perdidas!

Antes que Gideon ou o duque pudessem dizer uma só palavra, Charity, Faith, Hope e a pequena Grace desapareceram pelo interior do casarão. Gideon então segurou Prudence pelo braço, obrigando-a a encará-lo.

— Que raios está se passando? Já entendi que seu avô está vindo para Londres, mas por que todas vocês têm tanto medo dele?

— Desculpe-me, mas não tenho tempo para explicar. — Ela puxou o braço para si.

— Precisamos ir embora, e eu ainda tenho de arrumar um pouco de dinheiro e uma carruagem. E também escrever uma mensagem a meu tio-avô.

— Mas por que...

— Pelo amor de Deus, precisamos nos ir deste lugar! Por favor, vá embora você também. Agradeço seu interesse, lorde Carradice, mas nós temos de...

— Ao inferno com meu interesse! Não arredarei pé daqui! Você imaginou, ainda que por um só segundo, que eu seria capaz de deixá-la nesse estado de apreensão? Seja qual for o problema, saiba que vou ajudá-la. Por isso, agora me diga o que quer que eu faça.

— Você... está falando sério? — Prudence mal conseguia acreditar no que acabara de ouvir. — Está disposto a nos ajudar?

— Ora, Imprue, que pergunta!... — Gideon afastou uma mecha encaracolada do rosto dela. — Vamos, por que não me diz o que devo fazer para tirá-las desta situação?

Lutando contra as lágrimas, Prudence deixou os ombros caírem. Desde que era uma menininha, ninguém falava com ela naquele tom tão doce nem se preocupava sinceramente com o que de mal pudesse vir a lhe ocorrer.

— Não, não vá chorar agora. — Ele lhe afagou o rosto. — Saiba que estarei a seu lado em quaisquer circunstâncias, srta. Imprudence. E tente me afastar de você num momento como este para ver só o que lhe acontece!

— Eu também gostaria de lhe oferecer meus préstimos — o duque acrescentou.

Não foi fácil, mas ela conseguiu vencer a forte emoção que a acometia.

— Muito obrigada. Eu ficaria imensamente grata se pudessem me arranjar uma

carruagem. Precisamos ir embora daqui o mais breve possível, e tio Oswald está usando a carruagem dele para visitar amigos em Richmond.

— Que tipo de carruagem? — perguntou Gideon. — Para onde pretende ir?

— Eu... não sei. Nunca havia pensado nesta possibilidade... Temos de sair de Londres...

— O que acha da velha carruagem de viagem de sua mãe?

— Gideon sugeriu ao duque. — É um pouco antiquada, mas também é firme e robusta e tem como acomodar cinco jovens damas e seus pertences. E se você tiver como me enviar meu faetonte, cuidarei das demais providências.

— Bem pensado — concordou o duque. — Irei para casa cuidar disso imediatamente.

— Ah, Edward, diga também aos nossos criados que preparem duas valises com mudas de roupas para nós. E traga um pouco de dinheiro, sim? Não custa nada estarmos preparados para qualquer eventualidade.

— Excelente idéia — murmurou o duque, antes de correr a cuidar dos preparativos,

Evitando pensar no quanto lhe doía ver aquela aflita amargura a turvar os olhos de que tanto gostava, Gideon acompanhou Prudence ao hall do sobrado e, após fechar a porta às costas de ambos, levou-a até a sala.

— Vai ficar tudo bem, você verá. — Ele forçou-se a sorrir.

— Agora me diga o que mais posso fazer. Estou ao seu dispor. O sorriso dela parecia ainda mais constrangido.

— Você já fez até demais. Nem sei como lhe agradecer.

— Prudence, o que faz uma menina como Grace tremer de medo? — Gideon passou a ponta do dedo pelos lábios dela.

— O que faz com que minha corajosa srta. Imprudence fuja da cidade envolta numa aura de aflição e ansiedade?

Estremecendo, ela fechou os olhos. E só voltou a abri-los após dizer:

— Meu avô é muito severo.

— Ele surra todas nós — disse Hope, que descia a escadaria.

— Com violência, quase sempre e sem o menor motivo. Ele bate em Faith porque ela assobia e bate em mim porque sou canhota. Em Prudence, ele dá sovas de tirar sangue. E ultimamente começou a fazer o mesmo com Grace. Eu o odeio! Tome, Prue, aqui está seu estojo. Faith quer saber se podemos levar nossos xales de *cashmere* novos.

Seguiu-se um momento de profundo silêncio, no qual Gideon sentiu o sangue ferver nas veias e não soube como reagir. Só pensar que alguém, parente ou não parente, tinha espancado Prudence o deixava fora de si.

Tornando a estremecer como se saísse de um transe, ela tomou o velho estojo de madeira que a irmã lhe estendia.

— Obrigada, Hope. Sim, fiquem com os xales; são quentes e aconchegantes, talvez vocês precisem deles na viagem. Mas levem somente o que couber nos baús de vocês. Agora vá apressar suas irmãs!

Enquanto Hope sumia escada acima, Prudence foi até a mesa num canto da sala e ali se sentou para redigir uma mensagem ao tio-avô. Mesmo sem olhar para lorde Carradice, sabia que ele tinha os olhos fixos nela. Por certo as revelações de sua irmã o tinham chocado, mas... De que adiantariam explicações quando a verdade fora exposta em toda a sua crueza? Além do mais, não havia tempo para justificativas. Não naquele momento.

Pobre tio Oswald! Naquela manhã, deixara um lar repleto do riso de jovenzinhas felizes; quando retornasse, iria encontrá-lo vazio. E, ao ler a nota que ela preparava, ficaria sabendo das mentiras e dos embustes de que fora vítima. Sem falar que teria de enfrentar a ira do irmão mais velho... Mesmo envergonhada pelo pífio gesto de agradecimento com o qual retribuía a generosidade com que ele as acolhera, Prudence jurava a si mesmo que, um dia desses, haveria de recompensar a bondade do tio-avô tão querido.

Olhos fixos na pena e no papel, ela continuou a escrever, e um bom tempo se passou até que lorde Carradice enfim deixasse sua imobilidade e seu mutismo. Caminhando devagar até a mesa, ele levou as mãos aos ombros de Prudence e, com delicadeza, a fez virar-se em sua direção.

— Ele espancava você? — A voz profunda, mesmo suave e contida, trazia uma seriedade e um ódio dos quais ela nunca imaginara que Gideon fosse capaz. — Por que ele a espancava? E por que ninguém nunca o impediu?

— Esqueça tudo isso, sim?

— Por favor, eu preciso saber.

— Não era nada de mais, apenas uma idéia tola a respeito de... Vovô imagina que o tom avermelhado dos meus cabelos é um sinal de que o demônio habita dentro de mim. Um sinal de que sou perversa... e leviana.

Temendo que pudesse haver algo de verdadeiro nas alegações delirantes do avô, Prudence baixou o olhar à carta que escrevia. Quase no mesmo instante, ouviu Gideon respirar profundamente para logo em seguida lhe apertar os ombros num gesto entre possessivo e reconfortante.

— Seus cabelos são lindos, Prudence — disse ele num murmúrio. — São magníficos. Como o sol numa floresta outonal. Como anéis de cobre recém-saídos de uma fornalha. Nunca vi cabelos mais bonitos em toda a minha vida.

As palavras diante dos olhos de Prudence tornaram-se borrões cintilantes esparramados sobre o papel de tom amarelado. Certamente ele dissera tudo aquilo para confortá-la, mesmo assim... talvez a admirasse, ainda que só um pouquinho, caso contrário não buscaria expressões tão significativas com que lhe apaziguar o coração.

Mas o coração dela, no fundo, tinha por que se atormentar. Mesmo que o avô não tivesse o direito moral de surrá-la, o fato era que... ela não era uma inocente. Não como Grace e as demais irmãs. Quatro anos e meio atrás, suas atitudes haviam quebrado regras que ela sabia que o avô considerava sagradas. Tais atitudes tinham feito com que o velho senhor fosse da severidade habitual a uma crueldade extrema e deliberada. As surras que ela levava talvez pudessem ser entendidas como uma forma de expiação, mas que Grace também fosse espancada... Não, isso era inadmissível.

Colocando-se ao lado de Prudence, Gideon esperou por um olhar. Como não o recebesse, ajoelhou-se junto dela.

— Prudence... Minha Prudence...

Com medo de que as lágrimas lhe escapassem pelo rosto, ela cerrou as pálpebras. Quando tornou a abri-las, viu-se mergulhar no castanho profundo e insondável dos olhos dele. E ali não havia lampejo de provocação nem vestígios de troça.

— Ninguém mais irá tocar num só fio de seus cabelos, minha Prudence, nem fará mal algum a suas irmãs. Não enquanto eu tiver forças para impedir.

As lágrimas enfim escapuliram. Principalmente porque ela reconhecia que não merecia tantos cuidados, não era digna de tal carinho. E pertencia a Phillip, não havia como fugir disso.

— Oh, Céus... — Profundamente embaraçada, Prudence pôs-se a secar o rosto com as mãos. — Eu nunca choro... Além do mais, este não é o momento indicado para eu me descontrolar. Minhas irmãs precisam de mim...

— Eu sei, eu sei. — Com o lenço que tirara do bolso, Gideon cuidou de lhe enxugar as faces. — Você é forte, mas, nestas circunstâncias, cabe a mim protegê-la... O que posso fazer pelo resto da vida, se você assim o desejar.

Prudence sacudiu a cabeça num gesto aflito.

— Não se preocupe, querida, não me esqueci de Otterqualquercoisa. Mas quero que saiba que você não está mais sozinha nesta ou em qualquer outra dificuldade que tiver de enfrentar. — Tomando-lhe a mão, ele a beijou com candura.

Sem forças para se mover, Prudence assoou o nariz como forma de ganhar tempo e se recompor. Gideon então se ergueu e, num tom totalmente diferente, declarou:

— Não vá desdenhar da proteção de um pilantra todo amarrotado e com a barba por fazer ou de um duque não muito alto com tendência ao sobrepeso. Afinal, podemos ser sujeitos formidáveis quando nos damos a esse trabalho. — Acariciando-lhe o ombro, ele concluiu: — Enxugue os olhos, srta. Imprudence. Temos uma carta para terminar, roupas para guardar, dragões de que escapar!

Ela lhe endereçou um sorriso meio trêmulo. Contar com a ajuda de alguém jovem, forte e independente da influência do avô já era em si bastante estimulante.

— Algo me diz que sir Oswald não sabe de nada — observou Gideon. — Estou certo?

— Sim. Nós o enganamos. — Prudence explicou como tinham ido parar em Londres e os problemas jurídicos que enfrentavam em decorrência da idade dela e da tutela do vovô Theodore.

— Mas por que não solicitam o apoio de sir Oswald até que você atinja a maioridade?

— Não posso pedir uma coisa dessas ao meu tio-avô. Vovô não hesitaria em deitar suas mãos violentas sobre tio Oswald, ainda tendo em vista que ele quase matou um criado por causa de um erro com um cavalo.

— Eu jamais permitiria que ele fizesse mal a sir Oswald.

— Agradeço muito, mas a questão não se resume a isso. Por ser o irmão caçula, tio Oswald depende da boa vontade do vovô para se manter. E eu não iria suportar vê-

lo na pobreza por ter nos ajudado.

— Mas...

— Tio Oswald por certo iria desafiar o vovô e, como não possui renda própria, não teria como nos manter; e embora eu venha a conseguir um pouco de dinheiro com a venda de algumas jóias, não seria o suficiente para que tio Oswald continuasse a viver do modo como vive. Como já deve ter percebido, ele é um homem muito extravagante.

— Ainda assim, por que...

— Não, o melhor é nós sumirmos das vistas do vovô até que eu faça vinte e um anos. E se Charity... Bem, seu primo disse que iria nos ajudar, e um duque, sob certos aspectos, pode ser bastante poderoso, não é mesmo?

— Sim, assim como os primos dos duques. — Ela sorriu, e Gideon continuou: — Pois bem, faremos uma viagem. Para onde quer ir?

— Ainda não pensei nisso. O que eu tinha em mente era sumir daqui antes que... Ah, antes que me esqueça: vou precisar vender algumas jóias, ou então não terei como...

— Não, não quero que venda seus pertences. Vou lhe emprestar o que for preciso.

— Sinto muito, mas não irei aceitar seu dinheiro. Seu auxílio é mais do que bem-vindo, lorde Carradice, e eu tomarei a carruagem emprestada de seu primo de bom grado, mas você sabe que seria indecoroso da minha parte aceitar ajuda financeira de você.

— Bobagem! Indecoroso seria...

— Por favor. Eu trouxe algumas jóias comigo para uma eventualidade como esta, e lhe seria muito grata se você me ajudasse a vendê-las, pois a verdade é que nem sei por onde começar. Olhe, não é que eu não esteja agradecida por...

— Eu entendo, e peço desculpas por ter insistido. Irei ajudá-la a vender o que for preciso, sim. Termine sua carta, minha querida, e não se preocupe mais com isso. Tenho a impressão de ter ouvido a voz de meu primo no hall, o que significa que a carruagem já está à espera de vocês.

Gideon foi cuidar dos últimos preparativos junto ao duque enquanto Prudence se ocupava da mensagem. Tão logo a terminou, ela guardou a folha de papel num envelope, lacrou-o com cera e, depois de escrever nele o nome do tio-avô, foi deixá-lo sobre a cornija da lareira da sala de estar. Então correu escadaria acima para guardar seus pertences, mas Lily, sua dama de companhia, já havia se encarregado dessa tarefa.

Os baús foram acomodados na antiga, porém espaçosa, carruagem de viagem do duque de Dinstable. Junto a esse veículo estava também o vistoso faetonte de lorde Carradice, uma carruagem aberta de quatro rodas puxada por dois belos cavalos de pelagem cinza.

— A srta. Merridew e eu temos um assunto a tratar na cidade — ele anunciou. — Iremos no faetonte, depois seguiremos ao encalço de vocês.

Desgostosa com a idéia de que mais alguém testemunhasse sua humilhação por ter de vender as jóias da mãe, Prudence concordou com que Lily seguisse na companhia de suas irmãs e do duque. Ao perceber que James, o fiel criado das jovens Merridew, assistia às últimas providências para a partida fazendo o possível para

demonstrar indiferença, Prudence lhe disse:

— James, nós jamais o deixaríamos para trás. Por favor, venha conosco. Isto é, se for isso o que você quer.

— Oh, obrigado, senhorita! Eu quero, sim.

Enquanto o criado corria a buscar suas coisas, ela explicou para Gideon:

— James arriscou seu emprego inúmeras vezes para nos ajudar... Grace, em particular. Não seria correto deixá-lo aqui para enfrentar sozinho a ira de meu avô.

— Não, claro que não — ele respondeu com suavidade. — Lealdade é o seu segundo nome, não é mesmo, srta. Imprue?

James não demorou a reaparecer, agora com uma trouxa na mão. Após atirá-la ao teto da grande carruagem, o moço foi se acomodar ao lado do condutor. Aliviada por saber que suas irmãs teriam mais alguém para protegê-las, Prudence então tratou de esclarecer a um desconfiado Niblett, o mordomo de tio Oswald, que ninguém as estava raptando.

— Fomos chamadas às pressas devido a um problema familiar. Deixei uma carta para tio Oswald, na qual esclareço tudo o que se passou. Por favor, cuide para que ele não deixe de lê-la assim que regressar do passeio. E diga-lhe que voltarei a escrever quando chegarmos ao nosso destino.

— E qual seria esse destino, senhorita? — indagou o mordomo.

Ao perceber que ela se via em palpos de aranha, Gideon cuidou de acudi-la:

— Inicialmente seguiremos para minha residência temporária, pois há algo que preciso deixar lá, depois iremos para minha casa em Derbyshire e de lá rumaremos para o Norte, para a propriedade de meu primo, que fica a uma boa distância além da fronteira com a Escócia. — Com o intuito de garantir a descrição do mordomo, ele estendeu-lhe uma cédula.

Curvando-se numa mesura, Niblett apanhou a nota e colocou-a no bolso sem pestanejar.

Depois de se certificar de que estava tudo pronto, Gideon assistiu Prudence a subir no faetonte. Ela lhe disse baixinho:

— Você não devia ter confiado nele. Niblett não hesitará em dar com a língua nos dentes se alguém pagá-lo melhor.

— Não se preocupe; aposto que ele fará exatamente o que queremos. — Saltando para o veículo, Gideon apertou a mão dela. — Acredite, tenho um dom todo especial para julgar o caráter de uma pessoa.

Após calçar suas luvas para conduzir e tomar as rédeas do faetonte, ele acenou para o primo. Edward acenou de volta, e a grande carruagem colocou-se em movimento, deslizando pesadamente sobre as pedras redondas da pavimentação. Sem perda de tempo, Gideon fez sinal a seu aio, que soltou a cabeça de um dos cavalos antes de saltar à parte traseira do faetonte.

E enquanto os dois veículos deixavam a rua Providence Court, Niblett fechava a porta da residência de sir Oswald com os lábios estreitados num sorriso malicioso.

Uma estranha inquietação provocada pelo ruído do atrito das rodas do faetonte de encontro às pedras do calçamento fez Prudence levar a mão ao peito, onde o anel

que ganhara de noivado repousava junto ao seu coração. O certo seria que fosse Phillip a ajudá-la num momento como aquele, não lorde Carradice. O certo seria que fosse Phillip a se apossar de seus sonhos à noite e de seus pensamentos no decorrer do dia... não lorde Carradice.

A medida que a pequena carruagem avançava por um emaranhado de ruelas e becos, a iluminação a gás no alto dos postes delineava o perfil de Gideon em clarões momentâneos. Como as principais vias públicas tivessem ficado para trás, a região em que agora se encontravam achava-se banhada por uma quietude quase sinistra. E embora a noite estivesse quente, imaginar-se praticamente sozinha junto a lorde Carradice naquele canto sombrio da cidade provocou em Prudence um profundo estremecimento.

Procurando se controlar, ela ajeitou-se melhor sobre o assento. Quem haveria de dizer que o notório namorador viria a ser sua grande fonte de encorajamento e consolo? Se antes já não era fácil resistir aos carinhos e às palavras lisonjeiras dele, agora então...

— Ainda está longe? — ela perguntou.

— A loja do comerciante de jóias? — Gideon olhou-a de lado. — Não, estamos quase lá. Na verdade, é logo depois daquela esquina.

Os cavalos cinzentos diminuíram a marcha e viraram numa ruazinha estreita onde os prédios pareciam amontoar-se uns aos outros. Ali não havia iluminação pública e, se não fosse pelas lanternas do faetonte, a escuridão seria completa, já que nenhuma das casas tinha uma só lamparina acesa.

Assim que Gideon deteve os animais diante de uma construção alta e estreita, Prudence apertou o estojo entre as mãos. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, as circunstâncias acabariam por obrigá-la a se desfazer das jóias da mãe; no entanto, agora que esse momento havia chegado, uma dor aguda parecia lhe partir o coração em mil pedaços.

Com muita calma, Gideon saltou para o chão, prendeu os cavalos a uma viga e depois estendeu a mão para ela. Mas quando Prudence colocou a mão sobre a dele, apenas beijou-lhe os dedos antes de apertá-los com suavidade.

— É melhor que eu vá procurar Sitch sozinho. Dê-me o estojo, e eu farei o que deve ser feito.

Mordendo o lábio, ela abriu a tampa do pequeno baú de madeira e de lá tirou um punhado de lenços rendados antes de explicar:

— O fundo é falso. Precisei usar desse artifício para que vovô não tirasse tudo de mim.

— Entendo. Não gostaria de ficar com uma ou duas peças para você?

Com os olhos marejados, Prudence tirou a base falsa do estojo. Seus dedos trêmulos acariciaram pela última vez as doces lembranças herdadas da mãe e do pai: o conjunto de colar e brincos de safiras, a gargantilha de pérolas, o bracelete cravejado de rubis, as pulseiras de ouro, os anéis, o *pendentif* com diamantes, os brincos e pingentes, o medalhão com o retrato em miniatura dos pais.

— Não, não há nada... — começou a dizer, mas a voz lhe faltou. Então, respirando

fundo, murmurou: — Tente conseguir um bom preço.

Com a sensação de que desmoronaria por dentro se a visse mais um só segundo assim sofrida e agoniada, Gideon quase lhe arrancou o estojo das mãos. E de tanta força que usou para tocar a sineta junto à porta, o ruído áspero foi se espalhar com dissonante estridência por todo o piso térreo da casa.

Após alguns instantes, uma janela se abriu no segundo piso da construção para que o velho Sitch, com uma touca de dormir na cabeça, espiasse pela rua.

— Quem é? — perguntou o homem, a voz vacilante.

— Carradice — Gideon quase gritou. Resmungando, o velho ourives sumiu da janela e, pouco depois, ressurgia pela fresta da porta que acabara de destrancar.

— Isto são horas de vir acordar um trabalhador, meu lorde? Gideon entrou na loja, encostou a porta e colocou o estojo nas mãos do homem.

— Cuide bem dessas jóias. Limpe, dê polimento, restaure o que estiver quebrado, faça o que for preciso para que fiquem como novas.

— Limpar e restaurar? — O velho Sitch abriu o baú e, admirado com as belas peças, coçou a cabeça por cima da touca. — Você veio aqui a esta hora para me pedir que faça uma boa limpeza nestas jóias?

— E restaure o que tiver de ser restaurado. Tenho de deixar a cidade ainda esta noite, mas quero tudo pronto o mais depressa possível.

— Por acaso vai fugir do país, meu lorde?

— Fugir do país? Por Deus, não! Eu... Recebi um chamado urgente e preciso me ausentar da cidade por algum tempo, mas...

— Não se preocupe, meu lorde, deixarei as jóias reluzentes e novinhas em folha para a jovem dama. — Sitch deu uma piscadela, indicando com a cabeça o faetonte parado à porta da loja.

De volta ao veículo, Gideon teve de fazer um esforço sobre-humano para não tomar Prudence nos braços e beijá-la até lhe domar a agitação. Controlando-se, tornou a se acomodar ao lado dela e lhe entregou o grosso maço de cédulas que apanhara no bolso interno do casaco.

— Aqui está. Espero que seja suficiente para suprir suas necessidades.

A quantia fez Prudence arregalar os olhos.

— A avaliação em Londres deve ser bem mais generosa do que em outros lugares — ela comentou. — Você conseguiu bem mais do que eu havia imaginado. Nem sei como lhe agradecer.

— Já faz anos que negocio com Sitch, por isso sabia que ele não iria nos decepcionar. Agora é melhor nos apressarmos, ou custaremos a alcançar Edward e suas irmãs. — Gideon tomou das rédeas. — Pretende levar esse dinheiro na mão por toda a viagem? Não tem um lugar seguro onde guardá-lo?

— Ah, tenho, sim. — Separando algumas notas, ela as guardou na carteira. — Será que poderia se virar por alguns instantes?

Sem se esquecer de que Boyle, seu criado de quarto, viajava na parte traseira do faetonte, Gideon disse ao rapaz que fechasse os olhos e virou-se o quanto o estreito assento lhe permitiu. Pena ser um autêntico cavalheiro, caso contrário não perderia a

oportunidade de espiá-la à furtiva...

Os ruídos que ouvia lhe indicavam que Imprue devia estar escondendo o restante do dinheiro no corpete do vestido. Mais alguns instantes se passaram até que uma onda formada pela capa de veludo e pelas saias do traje de musselina fosse parar no colo dele. Desse modo, não foi preciso muita imaginação para concluir que ela escondia outra parte da quantia no alto da meia.

— Posso me virar?

— Sim.

Reprimindo um sorriso, ele se ajeitou no assento e assobiou ao criado, em seguida colocou a parelha de cavalos em movimento. Não demorou a perceber que Prudence, talvez por agora contar com recursos para cuidar de si e das irmãs, parecia um pouco mais relaxada. Aos poucos, a tensão que a atormentava ia se dissipando; prova disso era que o corpo de curvas suaves e apetitosas, antes empertigado e todo rígido, passara a acompanhar os movimentos do veículo em perfeita sincronia com o dele. Bom sinal.

Pouco a pouco, as luzes de Londres foram ficando para trás. Numa marcha ligeira, a pequena carruagem cruzou vários vilarejos adormecidos, iluminada somente por suas próprias lanternas e pelo brilho do luar. O barulho dos cascos dos cavalos incomodava alguns cachorros aqui e acolá, porém seus latidos logo se perdiam na distância.

Um pouco alarmada com a velocidade do faetonte, Prudence tentava distrair-se olhando as estrelas quando, de súbito, deu-se conta de que algo estava errado.

— Lorde Carradice, estamos seguindo na direção oposta à da lua!

— Estamos? — Ele não parecia muito preocupado.

— Sim, a lua nasce no Leste! E Derbyshire fica no Norte!

— Você está correta, sita. Merridew, o que mostra que deve ter se dedicado com afinco aos seus deveres de geografia. Eu também aprecio bastante essa matéria. Você sabia que há uma localidade na Escócia chamada Queda do Bode? Veja só, isso nos faz pensar que algum pobre cabrito possa ter...

— Mas você disse a Niblett que iríamos para Derbyshire! Por que estamos viajando rumo ao Oeste e não para o Norte?

Com um sorriso maroto, Gideon virou o rosto para olhá-la.

— Meu primo enviou um criado à nossa frente para reservar quartos e uma ceia tardia para todos nós no Blue Pelican, em Maidenhead. Como estou faminto, e suponho que você também esteja, é melhor não perdermos tempo pelo caminho. — Com isso, ele apressou a marcha dos cavalos.

— É um grande alívio saber que o duque e minhas irmãs também seguiram para Maidenhead, mas não foi isso o que lhe perguntei! — Prudence segurou na manga do casaco dele equilibrando-se melhor. — Além do mais, Maidenhead fica a uma distância enorme de Derbyshire!

— E verdade.

— No entanto você disse a Niblett que iríamos para Derbyshire. E ainda pagou-o regimento para que não contasse isso a ninguém.

— Bem que eu lhe falei que era para acreditar na minha excelente capacidade

para julgar as pessoas, mas não, você nunca me dá ouvidos!

— Quer dizer então... Você mentiu para Niblett por presumir que não podia confiar nele.

— Mas é claro que confio nele! Confiei que ele fosse passar adiante a informação que lhe forneci no instante em que lhe déssemos as costas.

— Oh!...

— Você está segura a meu lado, minha Imprue. Seu avô pode persegui-la, mas não irá encontrá-la. E se encontrar, não lhe encostará um só dedo. Nem em você, nem nas suas irmãs.

Aquelas palavras, proferidas numa voz firme e tranqüila, encheram Prudence de segurança. E mesmo sabendo que devia largar o braço de lorde Carradice, ela não se obrigou a fazê-lo. No fundo, o que queria era deitar o rosto junto ao ombro dele, fechar os olhos, deixar que ele cuidasse de tudo e que a protegesse do mundo. Mas isso, evidentemente, era impossível.

Embora seus sentimentos tivessem se transformado, ainda que o que antes sentia por Phillip fosse agora uma pálida sombra do que temia estar sentindo por Gideon Carradice, não podia trair os anos de lealdade que dedicara ao noivo. Ela e Phillip estavam unidos, mesmo que não fosse aos olhos da sociedade e da lei.

Trocaram de cavalos em Brentford, mas os novos animais, ainda que descansados, não eram ligeiros nem bem adestrados como a parelha de lorde Carradice. Alguns quilômetros adiante da parada, quando o terreno abriu-se diante deles como um deserto de prata e sombras entorpecido sob a claridade do luar, Gideon anunciou:

— Hounslow Heath.

— Esta região tem a fama de ser perigosa, não tem? — perguntou Prudence, ainda agarrada ao braço dele e dizendo-se que assim se sentia mais calma.

— Sim, por causa dos assaltos. Mas não se preocupe com isso, srta. Imprue, pois o problema foi praticamente debelado desde que o governo organizou a Patrulha Montada.

— Na Itália, quando eu e minhas irmãs éramos pequenas, muito se ouvia falar dos bandidos. Em algumas regiões do país, onde as pessoas viviam na pobreza por gerações e gerações, o banditismo era uma espécie de meio de vida para várias famílias.

— Verdade? E você gostava de viver na Itália? Bandidos à parte, obviamente.

— Ah, sim. Era maravilhoso. Fomos tão felizes lá! Todos os lugares pareciam sempre repletos de sol, de flores, de riso, de cantoria. As pessoas cantavam o tempo inteiro. Bem, talvez não fosse bem assim, mas o fato era que pareciam cantar. Mamãe e papai adoravam música, e nós, as crianças, os presenteávamos com uma apresentação de canto todas as noites de quarta-feira.

— Apesar de ser apenas uma menininha, você se lembra bastante bem do tempo em que viveu lá, não é mesmo?

— É, sim. Eu tinha onze anos quando viemos para a Inglaterra, mas me recordo perfeitamente bem de minha infância. E lembrar dos momentos felizes da vida nos fortalece, não é verdade? — Gideon confirmou com um sorriso largo, então ela sugeriu: — Por que não fala de sua infância? Como eram seus pais?

Retesando o corpo, ele deu a impressão de que não iria responder. Ao cabo de alguns instantes, porém, confessou:

— Meus primeiros anos de vida foram bastante felizes. Uma infância normal, creio eu, com babás, pajens, tutores e tudo o mais. Aprendia a ler, a escrever, a montar, a atirar... Depois, aos oito anos, fui mandado para o internato.

Sem perceber, Prudence franziu a testa. Nada daquilo lhe soava como o retrato de uma infância venturosa.

— Você gostava da escola?

— Quem é feliz num internato? Mas, pensando bem, não era de todo mau, uma vez que Edward também estava lá... Ele e eu temos a mesma idade.

— Então deve ter sido bom, já que um tinha a companhia do outro. E seus pais?

— Infelizes. Casaram com a pessoa errada. — Após um sorriso meio irônico, Gideon ficou calado por alguns momentos. — Já que Edward e sua irmã parecem gostar tanto um do outro, talvez seja melhor que você saiba de toda a história pela minha boca e não pelos mexericos de pessoas mal-intencionadas. — Depois de encher os pulmões de ar, ele afirmou num tom ameno, como se aquilo não mais importasse: — Minha mãe fugiu com meu tio Frederick, pai de Edward, quando meu primo e eu tínhamos quatorze anos.

Prudence logo se deu conta de que deixara escapar uma expressão da mais pura surpresa, pois ele não perdeu tempo em emendar:

— Sim, foi um choque tremendo. E um escândalo sem precedentes. A mãe de Edward e a minha eram irmãs, o que tornou tudo ainda pior.

— Uma dupla traição... Deus, deve ter sido terrível para você e seu primo.

Gideon deu de ombros, mas nada disse. Ela então arriscou perguntar:

— E seu pai, como enfrentou tamanha decepção?

— A princípio, partiu ao encalço deles, mas os dois se perderam pelo continente. Meu pai era louco pela minha mãe, sabe? Pode-se dizer que ele a amava mais do que tudo na vida. Quando voltou para casa, já não era o mesmo homem. Tornou-se um recluso... E terminou por se matar com um tiro.

Não havia palavras para comentar uma história tão triste. De qualquer forma, Prudence julgou que devia lhe demonstrar seu pesar e sua solidariedade e, sem hesitar, passou os braços pelo corpo dele transmitindo um pouco de conforto. Sentiu-o enrijecer-se ainda mais, os músculos sobrecarregados e endurecidos, mas pouco depois ele começava a relaxar.

Prosseguiram viagem em completo silêncio por mais alguns quilômetros, Prudence aninhada junto ao peito dele, Gideon a lhe enlaçar os ombros com um dos braços. Quando essa falsa calma tornou-se constrangedora, ela viu-se na obrigação de dizer alguma coisa:

— Deve ter sido terrível para você e seu primo, mas também para sua tia.

— Sim, minha tia ficou bastante deprimida por um bom período de tempo, mas então, quando soube que os dois haviam morrido no continente...

— Ambos morreram? Sua mãe e o pai do duque?

— Afogaram-se no acidente com um barco no lago Genebra, cerca de seis meses

após terem fugido. Na verdade, foi esse o motivo que levou meu pai a tirar a própria vida: a certeza de que não havia mais esperança de ter minha mãe de volta. Eu o julgava um homem forte, mas...

— Ele era forte, sim. Só que precisava de sua mãe. — Prudence ergueu os olhos para ele. — Todos nós precisamos de amor, e isso não é uma fraqueza. O amor nos faz melhores.

— Mas você não se deixou desmoronar quando seus pais faleceram.

— Porque era uma criança e nem fazia idéia do quanto minha vida iria mudar. Além disso, eu tinha minhas irmãs para cuidar.

— Bem, talvez Edward tenha sido mais atingido do que eu por toda aquela tragédia. Os mexericos e as insinuações pareciam ter o poder de arrasá-lo. Na escola, os outros garotos não nos deixavam em paz... Meu primo sofreu muito. E a mãe dele, desesperada, ficou quase um ano sem sair da cama.

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual o ruído dos cascos dos cavalos e das rodas do faetonte pela estrada deserta parecia assumir as proporções de um estrépito ensurdecedor. Num dado instante, Gideon meneou a cabeça num gesto desanimado e comentou:

— Quando fui para o internato, papai, mamãe e os criados estavam ali para despedirem-se de mim; quando voltei para casa, meu pai, minha mãe e tio Frederick... estavam mortos. E os criados me chamavam por senhor... Sem falar de tudo o que havia para resolver, já que a propriedade tinha ficado ao deus-dará durante o tempo em que meu pai estivera atrás de minha mãe.

Prudence viu-se profundamente tocada por tais revelações. Como era possível que um juvenzinho de quatorze anos devastado pela dor pudesse se transformar num homem alegre, confiante, irreverente, determinado a mostrar ao mundo que nada seria capaz de lhe fazer mal? De onde ele tirava tamanha força, onde fora buscar tão ferrenha autoconfiança? De dentro de si, seguramente. Isso fazia de Gideon Carradice um ser humano admirável.

— Depois dos funerais, passei meses sem ver Edward. Ele não retornou ao internato nem foi estudar em Oxford; preferiu terminar sua educação formal em particular, longe das línguas maliciosas e dos sussurros acusatórios. Enterrou-se na propriedade mais isolada da família, numa região despovoada da Escócia. Durante um tempo, ele foi o ermitão que você me acusou de ser naquela manhã. — A voz de Gideon de repente se suavizou. — Aquela manhã... Parece que faz tanto tempo... Ah, olhe lá! Está vendo aquele moinho? Estamos a menos de um quilômetro de Cranford Bridge e a cerca de cinco de Maidenhead... Ora, o que estou dizendo? Com todo o seu talento para a geografia, por certo você já está farta de saber disso!

Prudence entendeu que ele tentava mudar de assunto, no entanto ainda havia algo que queria saber.

— A mãe do duque está viva?

— Ah, sim, ela sobreviveu. E na última vez em que estive em Londres, transformando a residência da família naquele pesadelo que você viu, conheceu um norte-americano riquíssimo, que a tomou por esposa e a levou para morar em Boston.

Agora os dois estão lá: ele, feliz da vida por se casar com uma duquesa; ela, feliz da vida por deixar o velho escândalo para trás e começar tudo de novo.

Passaram por Longford e em Colnbrook acordaram com o encarregado por uma estrebaria para trocar a dupla de cavalos. A noite seguia calma e quente e, embora estivesse extremamente cansada tanto pela viagem quanto pelo adiantado da hora, Prudence tinha a mente num torvelinho de pensamentos. Num curto espaço de tempo, havia chegado a uma enorme compreensão da vida e da essência de Gideon Carradice... e isso virara seu coração de pernas para o ar.

Capítulo VII

— Ali adiante é Salt Hill — Gideon disse baixinho. — Maidenhead fica logo depois. Apesar desta colina íngreme, em menos de uma hora deveremos estar no Blue Pelican. Prudence endireitou-se e, bocejando, afastou-se um pouco dele.

— Ah, ainda bem! Estou exausta. Nem sei como ainda não... Um súbito alarido de patas de montadas emergiu das profundezas da escuridão.

— Mas o que...?

Dois cavaleiros irromperam na estrada bem à frente deles, bloqueando o avanço do faetonte. Devido à inclinação do caminho e ao susto que seus cavalos haviam levado, tudo o que Gideon conseguiu fazer foi tentar manter os dois animais sob controle.

— Com mil demônios, o que pensam que estão...

— Controle os animais, depois solte as rédeas! — gritou um dos homens.

Na confusão, os cavalos ainda levaram algum tempo relinchando e ameaçando empinar-se. Tempo suficiente para que Gideon pudesse ver com clareza que o homem diante deles tinha um cachecol escuro enrolado na parte inferior do rosto e uma pistola, refulgente à luz da lua, apontada para Prudence.

Sua Imprue.

O coração dele gelou.

Murmurando pragas, Gideon ainda cuidava de acalmar a parelha de cavalos quando, às suas costas, sentiu os movimentos meio furtivos de seu aio.

— Não, Boyle — disse baixinho. — Não é preciso você descer daí.

— Estarei à espera de um sinal, senhor — sussurrou de volta o criado.

Gideon teve certeza de que Boyle compreendera a mensagem, uma vez que o rapaz estava farto de saber que havia duas armas sob o assento traseiro para o caso de emergências como aquela. E pela resposta que o criado lhe dera, também estava claro que Boyle só esperava por um gesto para fazer uso delas.

Em outras circunstâncias, Gideon já estaria avaliando a possibilidade de um confronto, mas a presença de Prudence, imóvel e silente ao lado dele, obrigava-o a agir com redobrada cautela. Um dos cavaleiros posicionara-se à lateral do faetonte; o outro continuava à frente do veículo, bem no meio da estrada.

— Que pensa fazer? — ele indagou ao homem que estava à sua direita. — Há uma aldeia logo adiante. Se você atirar, todos ouvirão o disparo.

— Pode ser, só que meu amigo e eu não estamos nem um pouco preocupados com isso — respondeu o ladrão de estrada. — Você, ponha as mãos onde eu possa ver; e a mocinha... trate de entregar tudo o que os dois carregam.

Com uma das mãos nas rédeas, Gideon levou a outra ao joelho de Prudence. Ela, porém, não se moveu; sentada com a coluna muito ereta, tinha uma das mãos a envolver a carteira e a outra oculta pelas dobras da capa de veludo.

— Não discuta com ele, Imprue. Sua vida vale muito mais do que o dinheiro que você traz nessa carteira — observou Gideon, alto o suficiente para o bandido ouvir.

Prudence olhou para ele, porém não disse nada. Gideon começava a exasperar-se. Por que aquela teimosa não entregava de vez as poucas notas que havia separado, se o grosso da soma que trazia consigo estava oculto na meia sob suas saias?

— Vamos, irmãzinha, sei que se trata de todo o dinheiro que conseguiu juntar nos últimos tempos, mas... Seja razoável. Depois você junta mais — ele insistiu, apertando-lhe o joelho.

— Isso, entregue já essa droga de dinheiro — disse o salteador. — Minha paciência está se esgotando. E você também, trate de me dar o que tem no bolso.

Com um suspiro, Gideon deu ao homem a carteira que trazia no bolso externo do casaco e que não continha mais do que uns poucos trocados; como sua Imprudence, ele também tomara o cuidado de proteger a maior parte da soma que carregava, ocultando-a num bolso secreto do paletó. Olhando feio para o bandido, ela lhe entregou a carteira.

— Muito bem, mocinha. Agora pode me dar também essa corrente que está no seu lindo pescocinho.

Percebendo que as feições dela se enrijeciam ainda mais, por pouco Gideon não se desesperou. Santo Deus, agora aquela cabeça-dura se arriscava a tomar um tiro por causa daquela porcaria do anel de Otterbury!

— Será que não está vendo que há uma pistola apontada para o seu coração, mocinha? Ande, me entregue essa droga dessa corrente! Ou será que eu mesmo terei de tirá-la do seu pescoço?

— Faça como preferir — foi a resposta que ela deu ao ladrão.

O salteador não perdeu tempo e, aproximando seu cavalo do faetonte, esticou o braço no intuito de alcançar a corrente. Era a chance por que Gideon esperava: depois de empurrar Prudence contra o encosto do assento, protegendo-a, ele saltou sobre o bandido.

Só que algo lhe atingiu o ombro e, em vez de acertar o alvo, Gideon foi parar no chão. Algo se chocou contra sua cabeça.

Vários disparos ecoaram pelo ar. As pessoas gritavam. Os cavalos se agitaram, o

que fez com que a pequena carruagem fosse para a frente e para trás. Confuso e por algum motivo incapaz de pôr-se em pé, Gideon rolou pelo chão na tentativa de escapar das rodas, e ao rolar de encontro à terra batida foi que sentiu uma dor viva e lancinante no ombro. Após um jorro de pragas e impropérios, seguiu-se o estrépito de patas de cavalos. Depois veio o silêncio.

— Acalme esses animais ou eles irão machucar seu patrão! — ele ouviu Prudence gritar.

Boyle respondeu alguma coisa que ele não conseguiu entender. Gideon tentou falar, mas sua língua, grossa e seca demais, não se movia. Então ouviu o ruje-ruje do vestido de musselina e, no instante seguinte, viu-se envolvido pelo cheiro acre de pólvora e por um delicioso aroma de gardênia. O perfume de Prudence. Mas assim que ela se debruçou sobre seu rosto, tudo escureceu.

Prudence observava lorde Carradice com o coração na garganta. Ele estava ainda muito pálido, porém não tão pálido como quando Boyle e alguns sonolentos empregados de estrebria o tinham deixado sobre um divã no saguão da hospedaria Blue Pelican, em Maidenhead, na noite anterior. Naquela oportunidade, ele estava da cor da morte. Agora, acomodado na cama de um dos quartos da hospedaria, com uma atadura ao redor da cabeça e outra sobre o ombro, pelo menos tinha um aspecto sereno.

Lembrando que o médico que o atendera havia alertado para o perigo de uma febre, Prudence tocou-lhe de leve o peito nu. Pareceu-lhe cálido, mas não quente demais. Nem úmido. Num impulso, ela deitou a palma da mão de encontro à pele macia, recoberta de macios pêlos quase negros. A sensação era tão boa, tão...

Ele abriu os olhos.

— Oh, Gid... lorde Carradice, graças a Deus! — Prudence levou a mão ao braço dele. — Eu estava tão preocupada... Como se sente?

O sorriso que aflorou aos lábios de Gideon não foi forçado.

— Agora bem melhor, já que estou olhando para você, minha Prudence.

— Sinto tanto pelo que aconteceu! Não era minha intenção que você acabasse ferido. Acredite, eu não poderia estar mais arrependida. Juro que daria tudo para que não...

Colocando a mão sobre a dela, Gideon tentou acalmá-la:

— Não foi nada. Mais um pouco e certamente estarei novo em folha.

— Oh, por que não me deu um sinal? Por que não me avisou? Se eu soubesse que você iria avançar contra aquele homem, teria sido mais cuidadosa com a minha pontaria!

Ele franziu as sobrancelhas.

— Sua... pontaria? Mas do que é que você está falando?

— Fui eu quem o atingiu. Tentei mirar o bandido, mas você...

— Você atirou em mim? Mas como seria possível...? Se Boyle lhe deu uma das pistolas, irei...

— Não, eu o atingi com a pistola da minha mãe.

— A pistola da sua...

— A arma estava escondida sob minha capa. É bem pequena e fácil de manejar...

Veja. — Tirando uma pistola prateada do interior de uma cesta ao lado da cama, Prudence estendeu-a para ele.

Gideon encolheu-se de encontro aos travesseiros.

— Não se preocupe, está descarregada e eu até já a limpei — ela o tranqüilizou.

— Mamãe e papai costumavam levá-la nas nossas viagens pela Itália. Lembra-se de que lhe falei dos *banditti*?

Empurrando a pistola para longe, ele deixou escapar um gemido.

— Não se sente bem? — indagou Prudence, antes de correr a devolver a arma à cesta.

— Não, não. Estou ótimo.

— Pois então, a pistola estava na minha carteira. Assim que os ladrões de estrada investiram contra nós, consegui tirá-la da carteira e escondê-la sob a capa que... Você está rindo?

— Quem, eu? Como poderia rir de uma situação destas? Atingido por um tiro disparado pela mulher a quem eu pretendia defender! E já me imaginando um bravo e galante cavalheiro, ferido enquanto tentava proteger uma dama indefesa!

— Juro que não era minha intenção machucá-lo, juro! Eu pretendia acertar no braço com que o salteador segurava a arma. Foi por isso que o provoquei, para fazê-lo aproximar-se um pouco mais e...

— Aquela pequena insanidade que você cometeu de recusar-se a entregar sua corrente a um assaltante era um plano para fazê-lo chegar mais perto para que tentasse acertar o braço dele? E eu tomei um tiro por causa disso?

Morta de vergonha e arrependimento, Prudence não sabia o que dizer.

— Ainda bem que tudo não passou de mais um de seus atos de imprudência. Fico aliviado. Afinal, eu já começava a pensar se você não teria vindo aos meus aposentos no propósito de dar cabo de mim de uma vez por todas!

— Se não parar com essa ironia, é exatamente isso o que vou fazer.

— Diga-me uma coisa: a atadura que está na minha cabeça é obra sua também?

— Não, claro que não. Quando eu...

— Atirou em mim.

— Eu sei, não precisa ficar repetindo. Bem, você caiu da carruagem, mas não sabemos se foi a queda ou os cavalos que, assustados, acabaram por...

— Os cavalos também? Todos participaram da festa, pelo que estou vendo.

— Não é nada disso! Nós quase morreremos de preocupação com...

— Até os cavalos?

— Principalmente os cavalos!

Uma idéia cortou os pensamentos de Gideon e, no mesmo instante, ele ficou extremamente sério.

— Você não se feriu, não é? Agora me lembro de ter ouvido tiros...

— Não, não. — Prudence tentou ignorar que ele lhe segurava o pulso com força. —

Foi Boyle quem disparou contra os ladrões. E eles ficaram tão apavorados que fugiram sem nem ao menos olhar para trás! Aliás, o bandido que nos abordou levou tamanho susto com meu tiro que deixou cair no chão a carteira que havia tomado de mim. Viu? Até que tivemos sorte.

— Ah, muita sorte. Mas... quer dizer então que você não arriscou sua vida por causa daquele maldito anel que Otterqualquercoisa lhe deu?

— Eu não poderia nos colocar em perigo por conta de um anel, independentemente de ser uma jóia de família dos Otterbury. Phillip iria entender isso. Afinal de contas, a promessa é que é sagrada, não o anel. E o anel... Bem, ele não estava mais na corrente, e sim dentro da minha carteira.

— Você o tirou da corrente?

— Sim. Enquanto você foi falar com o senhor que comprou minhas jóias.

Mesmo imaginando que aquele gesto devesse ter algum significado, Gideon não fez perguntas. Apenas cedeu ao desejo que o importunava desde que abrisse os olhos e a vira ali: simplesmente trouxe-a para junto de si e a beijou.

Prudence não fez menção de se afastar. Hesitou por um instante, mas logo a seguir ele sentiu-a relaxar de encontro ao seu peito enquanto lhe tomava o rosto entre as mãos para retribuir o beijo. Uma dor bastante forte se alastrou pelo ombro ferido, porém Gideon decidiu ignorá-la, escolhendo continuar a saborear os lábios macios como se quisesse devorá-los. Deus, Prudence era tão doce... Jamais se fartaria de beijá-la.

Nenhuma outra mulher o fizera sentir-se tão poderoso e, ao mesmo tempo, tão... sem ação. Sua Imprue lhe roubava o poder de pensar com clareza, ainda assim ele sabia que devia se contentar em beijá-la, em abraçá-la... e lutar contra o desejo de possuí-la. Ainda que estivessem numa cama, aquele não era o momento, e ele precisava aceitar e respeitar as circunstâncias. Mas afinal, o que seria uma breve espera diante da vida inteira que teriam juntos? Pois era exatamente isso o que queria, era por isso que iria lutar: passar o restante de seus dias ao lado daquela mulher adorável.

Quando o beijo chegou ao fim, ela correu a se recompor e, ajeitando as cobertas da cama, disse baixinho:

— Nós... não devíamos ter feito isso.

Gideon não conteve um sorriso ao ver o rosto tão lindo tingido de rubor.

— Por que não?

— Porque não sou livre.

— É isso mesmo o que preocupa você? Seus olhos são dois poços de cristal que refletem seus sentimentos e suas emoções, e eles me parecem nublados por algum tipo de melancolia.

No mesmo instante, Prudence baixou o olhar a um ponto qualquer no colchão. Não era exatamente o fato de não ser livre que a incomodava; era o fato de não ser livre para amar Gideon Carradice. Certas coisas no mundo não podiam ser mudadas. O que estava feito estava feito. Por um momento, chegou a pensar em contar tudo a ele. Mas então, voltando a fitá-lo, percebeu que não teria coragem para tanto.

— Você é meu coração, Prudence. — Tomando-lhe a mão, Gideon a beijou. —

Nossos corações batem num só compasso. Eu, que nunca acreditei nessas coisas, sei disso. E você também sabe. Por isso, fique certa de que estarei à sua espera.

Ela sentiu os olhos se umedecerem. Não podia mais continuar com aquilo. Não era justo para com nenhum dos dois.

— Olhe, há certas coisas que você precisa saber... — E antes que perdesse a coragem, emendou: — Não são apenas as recordações de adolescência, além da promessa de casamento e do anel, que me ligam a Phillip Otterbury. Quando ele partiu às pressas para a Índia...

— Ninguém parte às pressas para a Índia, Imprue. Chegar até lá não é o mesmo que tomar uma carruagem e ir para Londres. Uma viagem para a Índia leva meses e há uma série de providências que a antecedem: a reserva de passagens, o preparo de roupas apropriadas, a aquisição de certos itens para o decorrer da viagem, a compra de remédios contra moléstias tropicais... A lista é grande.

Como se não prestasse atenção ao que ele dizia porque tinha a mente focalizada num outro assunto, Prudence prosseguiu:

— E então aconteceu que...

— Como está passando nosso herói ferido? — uma voz perguntou pela fresta da porta.

Gideon quase deixou escapar um impropério.

— É Charity! — exclamou Prudence, desconcertada pela súbita interrupção. — Eu... Não contei a eles que fui eu quem atirou em você. Eles imaginam que tenha sido o ladrão.

— Não se preocupe, não revelarei suas tendências sanguinárias a ninguém. — Gideon forçou-se a sorrir, embora se perguntasse por que cargas d'água aquela loirinha tinha de aparecer justamente quando Prudence parecia prestes a lhe revelar o motivo pelo qual se sentia tão comprometida com o maldito Otterbury.

Pondo-se em pé num salto, Prudence correu a abrir a porta. Com uma bandeja na mão, Charity entrou no aposento na pontinha dos pés.

— Ele já acordou?

— Estou acordado, sim, srta. Charity — respondeu Gideon.

— Ele está acordado! — ecoou um coro feminino à entrada do quarto, momentos antes que a cama fosse rodeada pelas cinco irmãs Merridew e o duque de Dinstable.

Enquanto Prudence cuidava de levar as cobertas até o queixo dele no propósito de esconder o peito nu dos olhares curiosos das juvenzinhas, Charity foi deixar a bandeja sobre a mesinha-de-cabeceira.

— Você foi muito corajoso, senhor — comentou Faith.

— Dói muito? — perguntou Hope.

— Claro que dói — retrucou Grace. — Ele sangrou por todos os cantos, você não viu o divã da dona da hospedaria como ficou? E bem possível que ela tenha de jogá-lo fora, já que...

— Pronto, pronto, Grace, querida — Prudence interrompeu a menina. — Nós não queremos que lorde Carradice se canse demais, não é mesmo?

— Oh, lorde Carradice não se importa... — murmurou Gideon.

— Sente-se melhor, primo? — quis saber Edward, a quem ele respondeu com uma piscadela.

As visitas demoraram-se por cerca de dez minutos, tempo em que Prudence aproveitou para fazê-lo engolir uma interminável seqüência de colheradas da sopa que Charity trouxera. Por fim, quando todos já haviam se retirado após os votos de pronto restabelecimento, ela lhe passou a mão pela testa.

— Agora é melhor você dormir um pouco.

Agarrando a mão dela, Gideon passou-a pelo próprio rosto.

— Não me importa qual seja o seu segredo. Aposto que o que julga escandaloso ou imperdoável, mas creia que não soará assim tão terrível aos meus ouvidos. Esperarei por você. Esperarei o tempo que tiver de esperar, pois sei que você será minha. Minha Prudence.

Prudence deixou o quarto com vontade de explodir de alegria e morrer de chorar.

A cidade de Bath se erguia de um luxuriante vale muito verde, sobre o qual o sol da tarde derramava seu dourado pelas casas que, construídas lado a lado pelas encostas, formavam um conjunto que fazia lembrar os vários níveis de um anfiteatro.

— Eu não imaginava que Bath fosse tão bonita! — exclamou Prudence.

Ela e Grace espiavam pelas janelas numa lateral da carruagem, Hope e Faith espiavam pelo outro lado. Entre elas, lorde Carradice, esparramado junto ao encosto do assento, apontava os vários pontos interessantes do caminho, o paletó solto sobre os ombros a dissimular a atadura sobre o ferimento quase curado.

— Vocês sabiam que, desde os tempos remotos, as pessoas viajavam quilômetros e mais quilômetros até aqui só para saborear e banhar-se nas águas minerais da região? Até mesmo os antigos romanos valorizavam este lugar, tanto que erigiram uma bela cidade nele.

Tão logo ele se sentira apto a viajar, o percurso final fora cumprido com poucas paradas e mais um pernoite em Hunger-ford antes da partida para Bath, naquela manhã. Prudence e Gideon seguiam na carruagem da mãe do duque com as meninas e Lily e James no topo do veículo, enquanto Edward conduzia o faetonte do primo, Charity ao lado dele e Boyle no assento traseiro. Aquela última etapa da viagem, tranqüila e sem incidentes, mais parecia uma excursão de passeio em que todos riam, cantavam e contavam histórias do que uma fuga improvisada às pressas.

Enquanto a carruagem seguia caminho pelas ruas íngremes de Bath, as garotas, boquiabertas, admiravam os cenários elegantes da estância de águas medicinais. A bordo do leve e ligeiro faetonte, Edward e Charity estavam horas à frente deles e certamente já teriam chegado havia um bom tempinho.

Dependuradas nas janelas, as meninas comentavam a vista quando Hope exclamou:

— Virgem Santa, não pode ser!... Prudence, olhe lá! É Phillip!

— Phillip?

— Phillip Otterbury, Prue! Que outro Phillip nós conhecemos?

— Deixe de história, Hope. Phillip está na Índia.

— Estava, pois é evidente que regressou. Olhe ali, o rapaz de casaco marrom e chapéu de aba ondulada caminhando em direção à esquina! É ele!

Assim como as demais, Prudence também colocou a cabeça pela janela.

— Onde? Não estou vendo nenhum rapaz de casaco marrom.

— Lá, perto do... Ah, ele dobrou a esquina! Por que demoraram tanto a olhar?

— Você deve ter se confundido. — Prudence tornou a endireitar-se no assento, alisando as saias como forma de dissimular um leve mal-estar.

— Como pode ter tanta certeza de que se tratava mesmo de Phillip? — indagou Faith. — Após todos estes anos, acho que eu não seria capaz de reconhecê-lo.

— Sei que era ele! — insistiu Hope. — Um pouco mais velho e mais magro, mas bonito como antes.

— Hope, querida, até eu tenho certa dificuldade em me lembrar com perfeita clareza das feições de Phillip — observou Prudence.

— É mesmo? — provocou Gideon. — Que interessante. Prudence decidiu ignorá-lo.

— Olhe, faz somente seis semanas que deixamos Dereham Court, e se Phillip tivesse mandado notícias de que estava para chegar, a sra. Otterbury por certo teria dado um jeito de nos avisar. Você sabe como ela é, Hope; em questão de minutos, Norfolk inteira estaria sabendo da novidade.

— Talvez... — Hope suspirou. — Vai ver eu me enganei. Além do mais, o que Phillip estaria fazendo em Bath?... Se bem que, se ele de fato se achasse por aqui, estaríamos todas salvas!

— Pois eu prefiro ser salva por lorde Carradice! — interveio Grace.

Após agradecer à menina com um sorriso largo, Gideon encontrou uma maneira de mudar de assunto.

— Vejam, minhas jovens damas, à nossa esquerda está a Milson Street, rua em que se encontram as lojas mais elegantes da cidade.

Enquanto suas irmãs voltavam a se debruçar pelas janelas da carruagem, Prudence sentia-se ruborizar. Sem o saber, Grace dera voz aos pensamentos dela. Por que ela também preferia que Gideon Carradice, e não seu próprio noivo, a salvasse de seus problemas...

— Chegamos — disse Gideon, assim que a carruagem deteve-se diante de uma longa fileira de mansões avarandadas construídas num aclave, todas em pedras claras, dispostas num enorme arco ao redor de um parque circular protegido por grades de ferro.

— Qual delas é a sua, lorde Carradice? — perguntou Grace.

Sabendo que jamais poderiam hospedar-se sozinhas na residência de um homem solteiro, fosse ele ou o duque, Prudence preparou-se para lhe pedir que as levasse a uma hospedaria:

— Não creio que nós...

— As três casas com portas amarelas nos pertencem — Gideon interrompeu-a, respondendo à pergunta de Grace. — Aquela à esquerda é a minha, a outra à direita é a de meu primo, a do meio é onde mora tia Augusta. Ela está à nossa espera, pois, quando estava acamado, mandei-lhe uma mensagem para avisá-la que viríamos para cá. Vocês irão adorar tia Gussie, aposto. Ela morava na Argentina, veio para Bath faz pouco tempo e ainda não se acostumou com a tranquilidade de uma estância hidromineral; um

pouco de agitação irá lhe fazer muito bem.

— Quer dizer então que ficaremos com sua tia? — Prudence mal conseguia disfarçar o alívio. — E não com você ou com o duque?

Gideon esperou que as juvenzinhas descessem da carruagem para responder:

— Ficar comigo ou com o duque? — Ele fingiu indignar-se. — Estou chocado ante tal presunção, srta. Impruue, chocado. Posso ser um namorado, mas jamais deixei de observar as regras da decência e do comportamento honrado. Além do mais, você não agüentaria ficar na residência do duque um só minuto; a febre da moda egípcia que acometeu a mãe dele passou por aqui também, e agora a casa está em estilo romano por fora, estilo Cleópatra por dentro. Quem mais além de Edward e o finado Marco Antônio conseguiriam suportar aquele lugar?

Prudence não respondeu, apenas esperou que ele saltasse da carruagem e a assistisse ao chão. Não sabia o que dizer. Então Gideon já havia tomado as providências para hospedá-las na companhia da tia dele? Quem haveria de entender a lógica daquele homem?

Enquanto todos subiam os degraus diante da mansão, a porta amarela se escancarou para dar passagem a uma senhora baixinha e bastante rechonchuda vestida em seda violeta e dourada.

— Damas, quero lhes apresentar minha tia, lady Augusta Montigua dei Fuego. Tia Gussie, estas são as srtas. Merridew...

— Depois, depois; está frio demais aqui fora para formalidades — a tia o interrompeu. — Venham, minhas queridas, entrem. Vocês devem estar famintas!

Assim que as meninas chegaram à soleira da porta, tia Gussie juntou-as todas como uma galinha faria com seus pintinhos e as empurrou para dentro da mansão.

— Venham, queridas, por aqui, por aqui... Oh, Gideon, por que não escreveu que todas eram lindas? Sim, meninas, dêem suas peliças e seus chapéus para Stonebridge, ele cuida disso... Stonebridge, chá e biscoitos para as meninas imediatamente!

Gideon, mas o que é isso no seu ombro, querido? Sirva-nos no salão nos fundos da casa, Stonebridge. Lá é bem mais aconchegante, queridas. Alguma de vocês precisa ir ao toalete? Não? Ah, como é bom ser jovem!...

Lady Augusta fez uma pausa, mas antes que alguém pudesse dizer um "A", retomou a palavra:

— Agora, queridas, quem de vocês é Prudence? Ah, deve ser ela... Vejam que olhos lindos! Gideon, meu querido, você é mesmo um menino levado... — Após envolver Prudence num abraço perfumado, ela olhou para o sobrinho. — Estou esperando você me explicar direitinho como foi o tal ferimento no seu ombro!

Antes que ela desatasse a falar novamente, Gideon tratou de fazer as apresentações e explicou em breves palavras o incidente de que saíra ferido, com o cuidado de omitir o autor do disparo que lhe acertara o ombro. E quando tia Gussie fez um ar horrorizado, tomou-a num abraço apertado para depois rapidamente sugerir:

— Por que não nos sentamos para conversar com calma?

Acomodaram-se na espaçosa sala de estar em que lady Augusta pedira que fosse

servido o chá, onde ele correu a sentar-se ao lado de Prudence num sofá de veludo carmim. Com a mesma pressa, ela se afastou para o lado. Sem se dar por vencido, Gideon cruzou uma perna sobre a outra como forma de encostar na coxa dela. Ajeitando-se melhor, Prudence colocou sua bolsa no meio dos dois. Ele deu um suspiro exasperado.

Alheia ao que se passava entre ambos, tia Gussie, após distribuir elogios à beleza das irmãs, explicou:

— Edward e Charity chegaram algumas horas atrás, mas foram passear pela cidade. Ah, estou tão contente que vocês tenham vindo! Finalmente meus sobrinhos fizeram algo digno de nota! — Abraçando Grace, que se sentara ao lado dela, a velha dama prosseguiu:— Que lindos cabelos você e sua irmã possuem, meu bem. Eu sempre quis ter cabelos um pouco avermelhados!

No mesmo instante, quatro pares de olhos foram se fixar na profusão de cachos castanho-alaranjados cuidadosamente presos no alto da cabeça de lady Augusta. Ela riu, ajeitando-os com a ponta dos dedos.

— Ora, então não perceberam que esta cor não é natural? É como sempre digo: se a natureza não nos favorece, que um bom cabeleireiro faça a sua parte, não é mesmo? Bem, queridas, deixem-me lhes dizer que Edward já me adiantou um pouco da história de vocês, pobrezinhas!... Seja como for, mais tarde vocês contarão tudo com calma, está bem? Afinal, seremos uma só família, não é verdade?

Família? Prudence quase se pôs em pé. Seria possível que Gideon tivesse dito à tia que ambos estavam noivos? Mas como ele seria capaz de tal insânia, se haviam combinado que aquele era um compromisso de fachada? Reconhecendo que não seria correto aceitar a generosidade da dama em circunstâncias que envolvessem uma falsidade, ela buscou esclarecer:

— Família? Lady Augusta, creio que a senhora deve saber que...

— Tia Gussie estava se referindo ao noivado ainda não oficializado entre Edward e sua irmã, evidentemente — interveio Gideon, impassível. — Ela é irmã da minha mãe e da mãe do meu primo.

— Oh — fez Prudence, desejando que o chão a engolisse. Por sorte a porta que se abria chamou a atenção de todos reunidos ali. Na companhia de dois outros criados, Stonebridge, o mordomo, serviu-lhes chá, bolo de aveia e outros petiscos cobertos de geléia ou creme, o que deu tempo a Prudence para concluir que de fato não havia por que fingir para a tia de Gideon que existia um compromisso entre ambos. Mais um pouco ela atingiria a maioridade, e agora que Charity estava prestes a ficar noiva, os problemas estavam em via de solucionar-se, portanto não havia motivos para insistir na farsa. E lorde Carradice estaria livre para retomar seus assuntos da forma que lhe aprouvesse.

O problema... O problema era que a vida de Prudence, antes tão triste e tão difícil, havia se transformado desde que ela conhecera Gideon Carradice. Ao lado dele, as dificuldades pareciam sumir. Ao fitar aqueles olhos castanhos, ela tinha a impressão que nada nem ninguém poderia lhe fazer mal.

O problema era que precisava dele e ele não precisava dela.

Observando Prudence saborear o lanche no mais absoluto silêncio, Gideon logo percebeu que algo a preocupava. Maldição. Depois de passar a vida toda fazendo com que todos o tomassem por um homem frívolo, incapaz de levar o que quer que fosse a sério, agora, justamente quando mais precisava que sua Imprue acreditasse em suas palavras, ela não acreditava. O que teria de fazer para convencê-la de seu amor?

A porta voltou a se abrir, dessa vez para que Charity e Edward entrassem na sala com uma expressão radiante.

— Queridos! Que bom que vocês chegaram bem na hora do chá! — exclamou lady Augusta. — Traga mais duas xícaras, Stonebridge.

Ao reparar que o primo parecia um outro homem, agora bastante satisfeito e seguro de si, Gideon perguntou:

— Por onde vocês andaram?

Edward trocou um olhar apaixonado com Charity antes de anunciar:

— Acabamos de falar com o bispo.

— O bispo de Bath e Wells? — indagou tia Gussie. — Charity, minha querida, por que não conta o que está acontecendo?

Muito corada, a jovenzinha explicou:

— Nós... conseguimos uma licença para nos casarmos sem ter de esperar pela publicação dos proclamas.

Ao inesperado anúncio seguiu-se um verdadeiro pandemônio. As quatro irmãs, e mais lady Augusta, puseram-se em pé e correram para junto de Charity, cobrindo-a de abraços e disparando perguntas em meio a exclamações da mais sincera alegria. Gideon foi para junto do duque que, naquele instante, fora posto de lado pelas eufóricas irmãs.

— Parabéns, primo. Acho que ela o fará muito feliz.

— Nunca pensei que, depois de tudo o que nos aconteceu, eu fosse capaz de dar esse passo. — Edward baixou a voz para indagar: — E você, Gid? Não me parece que também tenha resolvido sua vida.

Gideon fez menção de responder, mas então a pergunta de tia Gussie o obrigou a permanecer calado.

— Edward, meu menino, quando será o casamento?

— Marcamos na igreja para quarta-feira que vem — disse ele, um sorriso de orelha a orelha. — Charity faz questão de que seja uma cerimônia pequena e reservada.

— Quarta-feira! Daqui a uma semana, então? — Lady Augusta ficou pensativa. — Venham, meninas, há muito que fazer. Uma cerimônia familiar também precisa ser preparada com cuidado. Charity será uma duquesa e vocês serão cunhadas de um duque, e se isso não for um bom motivo para irmos às compras, não sei o que mais haveria de ser! — Com isso, ela deixou a sala empurrando Grace e as gêmeas à sua frente.

Com um olhar na direção de Edward e Charity, Gideon disse a Prudence:

— Parece-me que os dois gostariam de ficar a sós, você não acha? Venha, vamos lhes dar um pouco de privacidade.

Fortemente emocionada com o iminente casamento da irmã, Prudence deixou-se conduzir ao corredor e dali para uma saleta toda decorada em azul e dourado. Antes que se desse conta, estava sentada num pequeno divã, envolta num abraço firme e irresistível.

— Oh, não devíamos... — tentou protestar, sem muita convicção.

— Shhh... — Gideon estreitou-a junto ao peito. — Deixe-me abraçá-la por alguns instantes. Ninguém está vendo, e eu prometo ser a personificação da boa conduta.

Prudence permitiu-se desfrutar daquele momento de ternura e apoio mútuos. Quando percebeu, já ia dizendo:

— Mamãe e papai fugiram para a Itália porque todos eram contra a união deles, sabe? E mesmo assim foram tão felizes! Todos nós éramos muito felizes, mas então... então eles morreram...

— Como foi?

— Uma febre os levou. Adoeceram numa cidade no interior do país, onde tinham ido assistir ao matrimônio de um casal de amigos. Papai morreu depressa, lá mesmo. E quando mamãe retornou com a notícia tão terrível, era evidente que também estava muito doente. — Prudence estremeceu. — Ao reconhecerem a moléstia, todos os criados da nossa casa fugiram. Então pedi a Concetta, nossa pajem, que levasse o bebê e as meninas com ela com a finalidade de salvá-las.

— E você ficou sozinha para cuidar de sua mãe? — Gideon apertou-a ainda mais forte entre os braços.

— Mas não adiantou. Ela se foi do mesmo jeito... — Enxugando as lágrimas com as costas das mãos, Prudence respirou fundo. — Antes de morrer, mamãe me garantiu que, não importava o que acontecesse em nossas vidas, no fim todas nós encontraríamos um grande amor e a felicidade. Por isso, quando fomos viver com o vovô e a vida tornou-se um inferno, eu costumava consolar minhas irmãs com a promessa de que um dia seríamos tão felizes como tínhamos sido na Itália. Com sol, alegria, amor e felicidade. E agora... agora Charity é a primeira delas a encontrar o amor e a felicidade. Isso me deixa tão comovida!

Afastando-lhe um cacho de cabelos do rosto, Gideon quis saber:

— Por que fala como se não fosse uma delas?

— Porque... Porque pensei que tivesse...

— Pensou que tivesse encontrado o amor quando tinha dezesseis anos de idade, mas depois viu que havia se enganado, que Otterqualquercoisa não passa de um ídolo com pés de barro que não a merece?

— Sim... Não! — Prudence se endireitou, afastando-se um pouco. — Não quero mais falar desse assunto.

Olhando no fundo dos olhos cinzentos, Gideon disse com firmeza:

— Ele a deixou, Imprue. Abandonou-a ao destino e à mercê de um avô que, segundo suas irmãs, espanca você. Esse sujeito sabia das surras?

Prudence baixou o olhar ao chão.

— Ele sabia, o miserável! E mesmo assim teve coragem de abandoná-la aos...

— Não foi assim. As surras não eram tão violentas antes que... que Phillip

partisse.

— E o que aconteceu depois que ele foi para a Índia? O que fez seu avô começar a surrá-la impiedosamente?

— Eu soube... Descobri que...

— Prudence, por favor... Meu amor, você sabe que pode confiar em mim.

— Eu descobri... — Ela fechou os olhos por um instante e, ao tornar a abri-los, conteve um soluço. — Descobri que estava grávida. É isso o que me prende a Phillip, não simplesmente a promessa de esperá-lo.

Na verdade, quem fizera a descoberta tinha sido o avô Theodore, ao reparar nos enjôos constantes e demais sintomas que ela nem sabia como reconhecer. Fora o avô quem lhe comunicara que ela, a vadia que ele sempre soubera ser, esperava um bastardo. Aquele tinha sido o pior dia da sua vida. Até hoje, e à exceção de Phillip, ela não havia contado nada a ninguém, nem mesmo às irmãs... Mas agora acabara de revelar seu segredo a Gideon.

Com medo da reação dele, Prudence saiu correndo dali.

Capítulo VIII

Com o coração num torvelinho de aflição, Prudence disparou pela escadaria. Como lorde Carradice a veria agora? Como uma qualquer? Não, ele não era uma pessoa amarga e perversa como o vovô Theodore. Era um homem bom, compreensivo, tolerante, que por certo não a espezinharia por causa de seu segredo.

Ou estaria enganada?

Abrindo todas as portas que via pelo corredor, na terceira tentativa ela encontrou o aposento que tinha seu baú ao pé da cama e seu chapéu estrategicamente colocado no meio do leito. Entrou, fechou a porta e, com as pernas de súbito frouxas, foi sentar-se na beirada do colchão. Se não tivesse perdido o bebê, por certo não estaria ali naquele momento...

Escrevera a Phillip para falar da perda, três vezes em seguida, mas infelizmente ele não recebera nenhuma das cartas, já que não as tinha respondido. A ela restara então chorar pelo pequenino que nem bem chegara a nascer. E suportar a fúria cada vez mais descontrolada do avô.

Mas agora... Agora que Gideon sabia de tudo, que outras dores teria de enfrentar?

Uma criança! Gideon estava estupefato. Se antes confiava em seu amor e suas habilidades para tirá-la de Otterbury, agora precisava repensar seus planos. Não

tinha como competir com uma criança, ainda mais se Prudence imaginava ser esse o elo que a prendia ao noivo para sempre.

Um assomo de raiva o fez cerrar os dentes. Que tipo de canalha era esse sujeito que engravidara uma garota inocente para depois abandoná-la e partir para a realização de seus próprios interesses? E a criança, pobrezinha? Seria um menino ou uma menina? Onde estaria, já que Prudence jamais iria largá-la com o avô insano em Norfolk e fugir para Londres? Bem, por certo ela deixara o filho aos cuidados de alguma pessoa de confiança nas imediações. Ou então fora obrigada pelo avô a entregar a criança logo após o nascimento.

Que criatura admirável era Prudence Merridew! Leal e complacente até a alma, não se revoltara contra o homem que a deixara enfrentar, sozinha, as conseqüências de um rompante de desejo dele... Mas se alguém tivesse lhe tirado o filho ainda tão pequeno, isso não podia ficar assim. Ah, não, isso era intolerável.

Decidido, Gideon se levantou. Precisava falar com ela.

— Que coisa, tia Gussie, ela se recusa a falar comigo. Já faz dias que não encontro um meio de ficar a sós com ela, nem que seja por um só instante.

— E o que esperava, seu menino desmiolado? Não viu como estamos todas muito atarefadas? Ou você esqueceu que a irmã dela e o meu sobrinho casam-se depois de amanhã?

— Mas o que eu tenho a dizer a ela é muito importante.

— Tolice! Vocês dois terão todo o tempo do mundo para conversar depois do casamento.

— Além do quê, não sei para que tantos preparativos. Não bastam o noivo, a noiva, um padre e um par de testemunhas? Mas, não! Charity está feliz da vida, Edward está nas nuvens, todos correm de um lado para outro, só que eu preciso desesperadamente falar com Prudence e ela faz tudo para me evitar!

— Esse é o homem que havia jurado nunca se casar!... Sei que você está perdidamente apaixonado por ela, meu menino, mas esse é um assunto que só vocês dois podem resolver.

— Como, se ela não quer falar comigo?

— Gideon, meu querido, não posso cuidar de tudo ao mesmo tempo, posso? Primeiro, o casamento! — Com isso, lady Augusta deixou a sala num farfalhar de seda e babados.

— E esta renda? — perguntou a dona da loja de tecidos e aviamentos. — O tom de azul combina com o vestido?

— Talvez uma cor mais próxima do lilás... — Faith olhou pelo interior do grande estojo acetinado. — O que acha dessa aqui, Charity?

Ao ver a jovem noiva morder o lábio em sinal de indecisão, Prudence sugeriu:

— Vamos levar as amostras para perto da vitrine e compará-las à claridade da luz do sol.

As irmãs então se encaminharam para junto da ampla janela com vista para a rua e puseram-se a estudar as amostras de renda, colocando-as ao lado de um recorte do cetim azul bem clarinho que Charity havia escolhido para o vestido de noiva, que estava quase pronto.

— Não sei, parece que o azul mais escuro vai melhor com... — ela começou.

— Olhem! Olhem lá! — gritou Hope. — Agora é ele de verdade! É Phillip! Eu não disse que ele estava aqui?

Ao olhar na direção que a irmã apontava, Prudence sentiu-se gelar. Phillip. Ali, em Bath. Caminhando despreocupadamente pela rua. Mas então... Então ele não se encontrava na Índia? Como isso era possível?

— Ande, Prue, vá falar com ele! — Hope começou a empurrá-la para a porta da loja.

O susto deixou Prudence meio tonta, e uma forte náusea lhe retorceu o estômago. Quando ele havia regressado? Por que não mandara avisá-la?

— Que surpresa maravilhosa para vocês dois, Prue! — comentou Charity com a meiguice que lhe era peculiar. — Depressa, vá ao encontro dele! Phillip ficará encantado em vê-la aqui.

Mas ela não conseguia se mover.

— O que foi que deu em você? — Com medo de que o perdessem de vista mais uma vez, Hope acenou-lhe enquanto o chamava: — Ei, Phillip! Phillip Otterbury!

O homem que caminhava impávido pela calçada oposta, detendo-se aqui e ali diante de alguma vitrine para observá-la através de seu pincenê, parou de repente e virou-se para as jovens à porta do elegante armário. Boquiaberto, tirou os pequenos óculos do rosto e só após espiar rapidamente em todas as direções fixou os olhos em Prudence.

Ela retribuiu o olhar. Como Hope havia dito, Phillip estava de fato mais magro e sua pele tinha agora um tom amorenado. Continuava bonito, mais bonito até do que ela se lembrava, os cabelos ondulados, loiros e lustrosos, penteados com cuidado. Trajava-se como ditava a moda, com calções em pálido amarelo à altura dos joelhos, botas de cano alto marrons, camisa branca com colarinho rendado e um paletó verde-garrafa com ombreiras, fechado por grandes botões prateados; nas mãos, o pincenê, uma bengala envernizada e um chapéu de copa alta.

Então era verdade... Phillip tinha retornado à Inglaterra.

As irmãs a empurravam e, como saída de um transe, Prudence foi ao encontro dele. Por que Phillip não se movia? O que significa aquela expressão estranha no rosto dele?

Ao alcançá-lo, deu-se conta de que simplesmente não sabia o que fazer. Nem o que dizer. Atrapalhada, estendeu-lhe a mão.

— Phillip.

Após um rápido olhar ao redor, ele lhe apertou a mão por um breve instante.

— Prudence, minha querida, então é mesmo você! Pensei que estivesse enganado. O que faz em Bath?

Prudence pestanejou. Nos últimos quatro anos e meio, havia imaginado aquele

momento centenas de vezes. Mas nem na mais absurda das hipóteses chegara a conceber que pudesse ser daquela maneira.

— Minhas irmãs e eu estamos visitando alguns amigos na cidade. E você, o que faz em Bath?

— Ah, eu também, eu também. — Ele tornou a olhar à sua volta. — Visitando amigos... Suas irmãs cresceram um bocado, não?

— Faz mais de quatro anos que você não as via.

— Ora, quatro anos! O tempo realmente voa! — Ele deu uma risada nervosa. — É muito bom vê-la novamente. Pena que tenhamos nos encontrado assim, num espaço público...

Como se não soubesse muito bem o que fazer, Phillip acenou às juvenzinhas em frente à loja. Em resposta, as garotas correram para atravessar a rua e juntarem-se aos dois e, sem perda de tempo, puseram em palavras as perguntas que Prudence, atordoada, não conseguia fazer.

Ele retornara à Inglaterra fazia um par de meses. Sim, sua mãe estava bem. Sim, ele fora a Norfolk e ficara imensamente surpreso por não encontrá-las ali, o que fora uma pena, tendo em vista o quão belas estavam as netas de sir Theodore... Como? Elas o quê? Tinham fugido de Dereham Court?!

Phillip virou-se para Prudence:

— Ficou maluca, Prudence? Fugir de seu tutor? Cinco moças solteiras? — Erguendo a mão para silenciar o coro de justificativas e explicações, ele indagou: — Posso saber quem a ajudou a colocar em prática esse plano absurdo que só serve para acabar com a reputação de todas vocês?

A nova enxurrada de justificativas e explicações foi outra vez interrompida, dessa vez por Prudence:

— As meninas estão exagerando, Phillip. Passamos algum tempo na casa de nosso tio-avô, sir Oswald Merridew, em Londres, e depois viemos para Bath na companhia do futuro marido de Charity, o duque de Dinstable.

— Ela vai se casar com um duque, é? Quem diria... Ignorando o comentário, Prudence concluiu:

— Estamos hospedadas na casa da tia do duque, lady Augusta Montigua del Fuego e, como pôde ver, nada nem ninguém causou prejuízo algum à nossa boa reputação.

— Meninas, por que não damos uma espiada pelas vitrines das lojas? — interveio Charity. — Vamos deixar Phillip e Prue conversarem a sós, depois ela nos alcança.

Assim que elas se afastaram, ele voltou à carga:

— Essa história toda me pareceu um tanto esquisita, Prudence. Escarlatina, ladrões de estrada, esses tais amigos que as auxiliam e depois hospedam vocês... Nunca ouvi falar desse tal Carradice, mas não creio que ele agiu bem em ajudá-las a fugir de Londres. Onde está seu tio-avô? E essa tal lady Montigua não-sei-de-quê, isso lá é nome que se apresente?

— Lady Augusta Montigua del Fuego é inglesa, casou-se pela segunda vez com um argentino e, depois de enviuar, regressou definitivamente à Inglaterra. Ela tem nos tratado, a mim e a minhas irmãs, com extremado respeito e carinho, Phillip, por isso

não posso permitir que o nome dela seja enxovalhado.

— Sei. Bem, se ela é tia de um duque...

— E o meio da rua não é lugar mais apropriado para esse ou os outros assuntos que temos de discutir. Por favor, procure-me na residência de lady Augusta esta tarde. — Prudence escreveu o endereço de tia Gussie num pedaço de papel e o colocou na mão dele. — Duas horas seria um horário bastante conveniente, Phillip.

— Está bem, às duas.

— Até lá, então.

Prudence afastou-se com o coração contrito. Em vez de estar eufórica com o regresso do noivo, sentia-se traída por ele ter retornado à Inglaterra sem se dar o trabalho de avisá-la, ainda que fosse por intermédio de terceiros. E aquela cena na rua... Quem haveria de dizer que se tratava de um casal de namorados afastados havia tanto tempo que voltava a se reencontrar por um acaso do destino?

Ambos estavam mudados, isso era evidente. Ele não parecia o mesmo Phillip que ela conhecera. E ela... Ela não conseguia sentir absolutamente nada por aquele homem que, mais de quatro anos atrás, plantara as sementes de um filho em seu ventre.

Decidido a casar-se com Prudence e adotar como sua a criança que ela tivera, Gideon passara a última meia hora andando de um lado para o outro da grande sala de estar, à espera de que as irmãs Merridew retornassem das compras. Assim, tão logo as ouviu entrar em casa, esperou mais quinze minutos dando a Prudence tempo para se refrescar, em seguida mandou avisá-la de que a aguardava ali. E que não aceitaria uma negativa como resposta.

Prudence deteve-se diante da porta. Ajeitou os cabelos, alisou as saias e, inspirando profundamente, bateu de leve a fim de se anunciar para depois entrar na sala no mais completo silêncio. Havia muito não se sentia tão nervosa. Primeiro, o encontro com Phillip na rua, agora...

— Você está branca como cera! — Gideon aproximou-se dela. — O que houve?

— Não foi nada. — Prudence deu um passo para trás.

— Culpa minha, não é? Oh, Prudence, desculpe-me por pressioná-la a falar de seu passado, por... Olhe, não faz mal, não importa o que...

— Importa, sim.

— Sim, eu sei. O que quero dizer é que não faz diferença para mim. — Tornando a se aproximar, Gideon lhe segurou os ombros. — Quero você. Deixe-me cuidar de você. Deixe-me protegê-la. Eu...

Ainda que fosse exatamente isso o que mais quisesse na vida, a palavra empenhada a Phillip obrigou-a a declarar:

— Enquanto eu estiver noiva, não tenho como lhe responder.

— Você não gosta de Otterqualquercoisa! Não o ama! Não pode amar um sujeito que a abandonou naquele estado para...

— Phillip voltou.

— Voltou? Quando? Onde ele está?

— Está aqui, em Bath. E chegará a esta casa dentro de... — Prudence olhou no relógio sobre a moldura da lareira. — Vinte minutos.

Mas Gideon logo se recuperou da surpresa.

— Prudence, não há como retomar as coisas de onde elas pararam. Você não o vê desde os dezesseis anos e se chegou a pensar que o amava, isso por certo não passava de um arrebatamento de menina. Se sua vida tivesse sido diferente, duvido de que você olhasse para aquele sujeito mais do que uma vez. Otterboots não passa de um rato, e você sabe bem disso.

— Otterbury... Phillip não é um rato.

— Somente um rato seria capaz de abandoná-la com uma criança no ventre à ira de seu avô, Imprue.

— Acontece que... Bem, ele... — Prudence não sabia como justificar as atitudes do noivo. — Ele não podia ter agido de outra maneira. As circunstâncias...

— Podia, sim. Ele podia ter agido como um homem de verdade.

Após hesitar por um instante, ela disse baixinho:

— Por favor, eu lhe imploro, não quero mais falar desse assunto. Estou à espera de Phillip e, até lá, simplesmente não consigo pensar em mais nada.

Gideon sentiu-se enregelar. Não podia permitir que o tal Otterbury surgisse do nada para lhe roubar sua Imprudence. Num gesto desesperado, tomou as mãos dela entre as suas, apertando-as com força.

— Esqueça Otterboots. Venha para mim. Seja meu amor para sempre. Seu filho poderá viver conosco e...

Prudence soltou as mãos das dele num gesto aflito.

— Creio não ter me expressado bem, lorde Carradice. Não há criança alguma. Meu bebê... Meu bebê nasceu morto, bem antes do tempo.

— Mas...

— Pelo amor de Deus, chega de falar nisso. Por favor, deixe-me sozinha. Phillip está para chegar.

Ele respirou fundo.

— Nunca senti por nenhuma outra mulher o que sinto por você. Preciso tê-la junto de mim, Imprue. Preciso de você mais do que tudo no mundo.

Sentindo que seu coração se esfacelava em mil pedacinhos, Prudence deixou a sala correndo.

As palavras de Gideon ainda ressoavam no coração de Prudence, fazendo-a perguntar-se se ele de fato a queria tanto quanto ela o desejava, quando o carrilhão da sala de estar anunciou as duas horas da tarde.

Deixando o corredor no alto da escadaria, ela desceu os degraus devagarzinho enquanto Stonebridge, o mordomo, cuidava de atender a campainha que acabara de soar. A pontualidade era uma das virtudes de Phillip.

Ele havia trocado de roupas e agora vestia um traje escuro, discreto na cor, porém espalhafatoso no estilo; seus cabelos continuavam cuidadosa e elegantemente penteados com pomada. Stonebridge conduziu-o à sala de visitas, onde Prudence, um tanto trêmula foi encontrá-lo.

— Minha querida Prue! — Tomando-a de surpresa, Phillip aproximou-se para lhe beijar as faces. — Ah, você cresceu!...

Confusa ante a forma efusiva com que ele a cumprimentava, Prudence tratou de colocar certa distância entre ambos.

— Você não costumava ser tão acanhada assim, lembra?

— O que houve entre nós aconteceu uma única vez, Phillip. E as conseqüências daquele ato impensado... Desculpe-me, não quis ser grosseira. Mas acontece que muita coisa mudou. Nem você nem eu somos mais os mesmos.

— De certo modo, isso é verdade.

Ela então lhe estendeu a mão em que segurava o anel de noivado.

— Sinto muito, mas não posso mais ficar com este anel. Tampouco posso me casar com você.

— Está rompendo nosso noivado? — Mesmo surpreso, ele tomou o anel da mão dela para enfiá-lo no bolso. — Após todo esse tempo? Por quê?

Envergonhada, Prudence manteve-se calada. Aquela era a primeira vez que quebrava uma promessa, que faltava com a palavra empenhada.

— Olhe, Prue, eu avisei que o serviço postal indiano era terrível e que era possível que muitas de nossas cartas se perdessem pelo caminho. Assim, se aconteceu algo de que eu não esteja sabendo...

— Você sabia do bebê, sim! Não minta! Não teria sido possível que...

— Shh. Não é preciso ficar falando de assuntos tão delicados. O que aconteceu foi uma fatalidade, sem dúvida, mas também é verdade que há males que vêm para bem.

Profundamente magoada, ela foi até a janela. Phillip recebera as notícias. Mas então... ? Oh, Céus. E pensar que sonhara contar com o apoio do noivo, com que ele a consolasse pela perda do bebê...

— Além do mais, você nem imagina as dificuldades, as privações que tive de enfrentar na Índia no esforço de constituir meu patrimônio.

— Você só pensa em dinheiro e posição social, não é? Será que sempre foi assim, Phillip? Será que eu estava cega?

— Vocês, mulheres, são muito sentimentais e nada práticas. Mas nós, homens, temos de ter a visão voltada para o futuro. Sentimentos não enchem a barriga de ninguém, essa é que é a verdade.

Prudence sentiu-se nauseada. Como pudera imaginar que aquela criatura vaidosa, interesseira e cheia de pose fosse o amor de sua vida? Como não enxergara o que ele realmente era? Agora tinha certeza de que Phillip recebera, sim, todas as cartas que ela lhe enviara; o que acontecera era que ele não se dera ao trabalho de responder ao que não lhe interessava.

— Essas pessoas que estão hospedando você... Ora, Prudence, faça-me o favor! Andei fazendo minhas averiguações, é bom que você saiba. Disseram-me que essa lady Augusta dei Estrangeiro pinta o rosto e tem os cabelos de uma dançarina de opereta, e que o tal duque sobrinho dela, com quem Charity vai se casar, não passa de um ermitão que, apesar do título, vive escondido nos confins da Escócia.

— Não é nada disso! Eles são ótimas pessoas, dignos e respeitáveis!

— Lady, duque... Hoje em dia é muito fácil comprar um título, você sabia? As

peessoas na casa de quem estou hospedado, muito ricas e bem relacionadas, disseram-me que esse tal lorde Carradice não passa de um notório namorador, um pilantra, um vigarista que...

— Ele pode ter tido vários casos, sim, mas conosco sempre foi um homem bom, generoso e muito decente!

— Já vi que esse tipo conseguiu tocar sua sensibilidade de mulher.

— Lorde Carradice realmente me conquistou, se é isso o que você está insinuando. Tanto que vou me casar com ele!

Mesmo tendo levado um baque com a novidade, Phillip não perdeu os modos empolados:

— Então é esse o cerne da questão... Ah, minha pobre e iludida Prudence! Pilantras como Carradice não se casam; seduzem jovens sem malícia e depois as abandonam.

— Assim como você fez comigo?

— Foi diferente. Eu lhe dei um anel.

— E o seu anel reparou tudo, não foi?

— Não seja irônica. Tampouco imagine que Carradice irá casar-se com você, porque isso certamente não é parte dos planos dele. Por acaso você lhe falou... daquele assunto indelicado?

Prudence ergueu a cabeça para afirmar:

— Falei. Contei a ele a respeito do bebê, sim.

— Isso explica tudo. Agora que sabe que você não é mais pura, ele pode ir direto ao ponto sem se preocupar com as aparências. É como se diz por aí: para que comprar a vaca quando se pode ter o leite de graça?

— Você é vulgar, é... repulsivo!

— Não pense que ele é melhor.

Desgostosa, ela virou-se para a janela. Por expressarem seus próprios temores com relação às intenções de lorde Carradice, os argumentos de Phillip continuavam a lhe ecoar pela mente. Gideon não a pedira em casamento; *Venha para junto de mim. Seja meu amor para sempre*, fora o que ele dissera. Oh, Deus... O que aquilo realmente significava?

— Seja como for, você me trocou por um vigarista e eu não quero ser motivo de chacota por isso. Assim sendo, e como irei permanecer em Bath por mais uma semana, peço-lhe que faça a delicadeza de evitar que sejamos vistos juntos em público.

Prudence tornou a olhá-lo.

— Que bobagem é essa? Ninguém sabia do nosso noivado.

— Sei o que é melhor para nós, Prudence. E também não quero ser associado a essas pessoas desagradáveis e mal-afamadas com quem você fez amizade.

— Desagradáveis e mal-afamadas? Como ousa insultar as pessoas mais doces e generosas que...

— Carradice não é companhia para você e suas irmãs. Tampouco o são esse falso duque e essa tia dançarina de opereta.

— Dançarina de opereta, eu? — perguntou lady Augusta, envolta numa nuvem de

seda lilás, à soleira da porta. — Ora, quem me dera! Bem que eu gostaria de ter passado minha juventude a dançar!

Phillip retesou a espinha, mas logo a seguir curvou-se numa mesura para a senhora que acabava de entrar. Após examiná-lo da cabeça aos pés, tia Gussie fez uma careta e foi se sentar no sofá.

— Presumo que você seja o tal sr. Otterclogs de quem já ouvimos falar.

— Meu nome é Otterbury, madame.

— Por que não se senta? O desaparecido noivo da srta. Merridew não precisa fazer cerimônia.

— Obrigado, eu já estava de saída. E quanto ao noivado... A srta. Merridew e eu acabamos de rompê-lo.

— Oh, que bom, Prudence! Meus parabéns! Você será imensamente feliz longe do sr. Otterbanks. — Lady Augusta bateu palmas. — Isso quer dizer que o senhor já deveria ter ido embora faz tempo, sr. Ottersosh. Não se preocupe, Stonebridge irá lhe mostrar o caminho da rua. — Ela então tocou a sineta que estava sobre a mesa.

— Vou, sim, madame, uma vez que a senhora parece desconhecer as regras do convívio em sociedade. E meu nome é Otterbury. — Virando-se para Prudence, ele disse num tom mais baixo: — Faça o favor de não me prejudicar. E... No fundo, você deveria retornar para Dereham Court o mais depressa possível; uma ou outra surra nunca matou ninguém.

O mordomo pigarreou à entrada da sala, e Phillip, com uma leve mesura em direção a ambas, deixou o recinto pisando duro. Prudence trocou um significativo olhar com lady Augusta, depois, com um suspiro desanimado, lançou-se à poltrona mais próxima. Precisava explicar à sua generosa anfitriã o que acabara de se passar ali.

Ao ver Charity radiante no seu traje azul celestial com aplicações de rendas ainda mais clarinhas, Prudence lamentou profundamente ter vendido as jóias da mãe, que agora cairiam à perfeição para ornar a linda noiva. Contudo, logo tratou de afastar esses pensamentos tristes. Se não tivesse se desfeito das jóias, por certo o futuro de suas irmãs, e o dela também, correria sérios riscos.

Mas ela não demoraria a descobrir que seu arrependimento não tinha o menor fundamento. Após presentear Charity com a mantilha branca toda rendada com que se casara na Argentina, lady Augusta entregou um estojo aveludado à noiva.

— Meu sobrinho Gideon pediu que eu lhe desse isto — explicou tia Gussie. — Ele disse que Prudence gostaria de ver a irmã usando estas peças no dia de seu casamento.

Prudence ficou olhando para o conjunto de colar e brincos de safira como se não acreditasse no que via.

— Mas essas são... são...

— As safiras da mamãe — completou Charity, emocionada. — As jóias que ela ganhou do papai e com as quais se casou. Quanta gentileza de lorde Carradice!... Foi você quem pediu a ele que mandasse buscá-las, Prue?

Prudence apenas meneou a cabeça, surpresa e confusa demais para conseguir falar.

— Venham, meninas, a carruagem já está à espera para nos levar à abadia! — exclamou lady Augusta, empurrando todas elas em direção à porta. — Nada de deixar o noivo de castigo ao pé do altar!

A abadia de Bath resplandecia à luz do sol. No altar, junto ao bispo em suas vestes bordadas, Edward, bastante pálido, esperava pela noiva com uma expressão ansiosa. Ao lado dele, Gideon era a personificação do tédio e da calma.

As grandes portas se abriram e a música emanada do órgão cresceu em volume, criando uma atmosfera de grandeza que se elevava à enorme abóbada da igreja, porém nem o noivo nem seu padrinho o perceberam. Ambos só tinham olhos para suas amadas.

O olhar de Prudence não demorou a se fixar em Gideon. Ela queria lhe agradecer o gesto que tanto significara, porém logo a cerimônia teve início e a ocasião se perdeu. Ainda assim, era tão difícil desviar os olhos dos dele...

O bispo abriu a celebração com uma longa divagação sobre os compromissos solenes implícitos no matrimônio, e o sermão, um emaranhado de considerações sem muita relevância, prosseguiu por mais de meia hora até que ele fizesse a pergunta de praxe:

— Quem entrega esta mulher para casar-se com este homem? Por ser a irmã mais velha, e na ausência de parentes do sexo masculino, a incumbência cabia a Prudence. Mas quando ela estava a ponto de se manifestar, ouviu-se uma voz retumbante à entrada da igreja:

— Eu o faço!

No mesmo instante, todos se voltaram para ele.

— Tio Oswald!

Enquanto sir Oswald, num bonito, elegante e vistoso terno preto, avançava pela nave da abadia distribuindo sorrisos, Prudence olhou para Gideon como a perguntar se fora ele quem o avisara do casamento. Gideon fez que não, e parecia tão surpreso quanto os demais.

Assim que o tio-avô alcançou o altar e postou-se ao lado dela, Prudence correu a perguntar:

— Vovô também...?

— Não, ele já foi de volta para Dereham Court — explicou sir Oswald num sussurro. — E nem imagina que... Deus Todo-Poderoso! Aquela é Gussie Manningham? Pensei que ela estivesse na Argentina.

— Creio que sim... Isto é, se o senhor está se referindo à tia de Edward e Gideon, lady Augusta Montigua del Fuego, que enviuvou no ano passado e regressou à Inglaterra alguns meses atrás. Mas, tio Oswald, como o senhor soube do casamento de Charity? Como nos localizou aqui em Bath?

— Ela está viúva, é? — Tio Oswald então ergueu a voz: — Prossiga, Chuffy. Agora que eu já disse que entrego minha sobrinha-neta, termine de uma vez por todas com esse seu blablablá.

— Se você parar de cochichar, Ozzie, é o que pretendo fazer — respondeu o nobre bispo no mesmo tom provocador. — Afinal, eu já estava cansado de falar sem parar para dar tempo de você chegar até aqui.

Prudence pestanejou. Chuffy? Ozzie? Então fora o bispo quem mandara avisar tio Oswald do casamento? Bem, até que enfim algo começava a fazer sentido...

— Até mais! Até mais!

Repleta de bagagem, a carruagem pôs-se a deslizar rua abaixo com o duque e a duquesa de Dinstable a acenar as janelas. Enquanto Prudence, as gêmeas e Grace gritavam as últimas despedidas e os votos de felicidade da calçada e tio Oswald e lady Augusta davam adeus à soleira da porta, Gideon assistia à partida do casal em lua-de-mel da varanda diante de sua residência.

Tão logo o veículo sumiu na distância, Prudence olhou para ele. Ainda não tivera como agradecer pelas jóias, já que mal haviam se falado durante a cerimônia e a súbita decisão do duque de partir imediatamente para a Escócia mantivera todos ocupados com os preparativos para a viagem. E não era só uma questão de agradecimento, também precisava pagá-lo.

Mas antes que Prudence pudesse ir falar com Gideon, tio Oswald requisitou a atenção dela.

— Agora, mocinha, creio que você me deve algumas explicações. Venha, vamos entrar e tomar um chá enquanto você esclarece por que não me contou que havia fugido de Dereham Court na companhia de suas irmãs!

Deixando cair os ombros, Prudence cuidou de ir ao encontro do tio-avô.

— Você pretendia proteger a mim? — Tio Oswald não disfarçava a surpresa. — Mas de onde foi tirar a idéia de que dependo financeiramente de meu irmão?

— Ora, eu... — Prudence mordeu o lábio. — Ele vivia reclamando que lhe custava uma verdadeira fortuna sustentar o senhor... e seus hábitos extravagantes.

— Aquele um é a criatura mais muquirana que conheço quando se trata de gastar com as coisas boas da vida! E também não tem o menor tino para os negócios. Dez anos atrás, quando dividimos a companhia de comércio, a parte que ficou com ele quase foi à bancarrota. Se não fosse eu tê-lo socorrido, seu avô teria dado com os burros n'água, aquele ingrato. Não, minha querida, eu não dependo dele nem de ninguém! E não se trata somente da parte que tenho nos negócios, há também que se falar dos inestimáveis serviços que prestei à Coroa, os quais me conferiram o título de nobreza que posso ostentar com muito orgulho.

— Eu não imaginava que...

— Ah, você e suas irmãzinhas, preocupadas com meu bem-estar... — ele a interrompeu. — É pensar que minha vida andava tão tristonha e sem atrativos antes de vocês aparecerem lá em casa... — Tirando um fino lenço de cambraia do bolso, tio Oswald assoou o nariz ruidosamente.

— Então o senhor não depende do vovô?

— Claro que não. Se alguém depende da caridade de alguém, esse alguém é Theodore. E foi isso o que eu disse a ele, quando seu avô apareceu bufando em minha casa na semana passada. Fique sabendo que o mandei de volta a Dereham Court com a certeza de que, caso ele voltasse a perder as estribeiras, eu o deixaria sem um tostão! Afinal, a parte dele na companhia não anda às mil maravilhas. Aquele miserável! Como ousou levantar a mão para você e suas irmãs? Umas meninas tão boas, tão doces, tão

comportadas... Pobrezinhas!

O alívio que tomava conta de Prudence era tão intenso que a impedia de falar. Esperava que o avô pudesse aparecer a qualquer instante, no entanto ele voltara para Dereham Court com a ordem de não sair de lá. Charity estava casada. O futuro, após tanto tempo, parecia verdadeiramente promissor. Antes que as lágrimas lhe aflorassem aos olhos, escolheu um assunto mais ameno sobre o que conversar:

— Não imagina o susto que tomei quando o vi entrar na abadia esta manhã, tio Oswald. Ou será que devo chamá-lo por tio Ozzie?

— Ah, foi uma surpresa, não foi? — Ele riu. — Frequentei a escola com o velho Chuffy, você sabia? Agora, o que eu jamais poderia supor era que ele acabasse bispo. Mas o fato foi que, quando Dinstable e a jovem Charity foram procurá-lo para lhe pedir a dispensa dos proclamas, Chuffy ficou meio desconfiado e, como reconhecesse nosso sobrenome, sem perda de tempo mandou me avisar do ocorrido. E eu vim o mais depressa que pude, evidentemente. Como iria perder o casamento de uma de minhas meninas?

— O senhor nem calcula como todas nós ficamos felizes com a sua presença!

— Ah, você é mesmo um amor! Quando for a vez de casarmos você com Carradice, faremos uma festa inesquecível, espere só para ver. Tudo em grande estilo! A cerimônia será na igreja de St. George, na praça Hannover, e vamos pedir a Chuffy que a celebre... Ele fica bem naquelas vestes púrpura, você não gostou? Mas antes, é claro, daremos um baile para oficializar o noivado. Quando foi mesmo que aquela tia galesa morreu? Até quando Carradice estará de luto?

Prudence engoliu em seco. Enfim havia chegado o momento de confessar que o noivado com Gideon não passara de uma farsa com o propósito de ajudar suas irmãs. Além do mais, ele não a pedira em casamento; a situação entre ambos estava completamente indefinida, assim não havia por que continuar com a mentira.

— Lorde Carradice e eu brigamos, tio Oswald. Não creio que haverá cerimônia alguma. — Pronto. Não era toda a verdade, entretanto bastava pelo momento.

— Bobagem, querida! Briguinha de namorados! — Como a descartar o assunto, sir Oswald agitou o lenço de cambraia no ar.

— Não, não se trata disso.

— Ora, claro que foi um desentendimento passageiro, minha querida! Basta ver a maneira apaixonada como ele olha para você! E você, então? Quando Carradice está por perto, seu rosto se ilumina!

Ela quase ofegou. Então seus sentimentos eram assim tão óbvios? Mas quanto a Gideon... Bem, isso não contava, visto que Gideon tinha aquele jeito de olhar para uma mulher como se ela fosse a última das mulheres sobre a face da Terra.

Sentindo-se incapaz de lidar com tudo aquilo naquele momento, Prudence levantou-se, agradeceu ao tio-avô por tudo o que ele fizera por ela e suas irmãs e, após lhe beijar o rosto corado, alegou uma repentina dor de cabeça como desculpa para subir ao seu quarto. Precisava pensar. Ou então simplesmente tentar não pensar em mais nada.

— Fomos convidados por minha velha amiga Maudie, lady Gosforth, para uma

pequena reunião esta noite — anunciou lady Augusta, mostrando a mensagem que acabara de receber. Passara-se um dia desde o casamento e, à exceção de Gideon, ocupado com um compromisso qualquer, estavam todos reunidos na sala de estar para o chá do fim da tarde.

— Conheci Maudie antes de ir para a Argentina, mas faz muito tempo que não a vejo. Na mensagem ela diz que chegou a Bath dois dias atrás e que acabou de saber que eu estava aqui. Oswald, você conhece lady Gosforth, não conhece?

— Ah, como haveria de não conhecer? O mundo inteiro conhece Maudie.

— Oh, é verdade! — exclamou lady Augusta. — Apressem-se, meninas, quero todas vocês prontas às oito em ponto. Oswald, você nos acompanha, não é mesmo?

— Será um prazer, Gussie. Um prazer. E, se me der licença, eu também vou cuidar de me vestir adequadamente à ocasião — disse ele, que vinha ocupando a casa do duque.

Sir Oswald deixou a sala na companhia de Faith e Hope que, eufóricas com a novidade, já se punham a trocar idéias sobre o vestido que pretendiam usar. Sem a mesma animação, Prudence seguiu logo atrás deles.

— Você está linda, minha Prudence — saudou-a uma voz profunda, assim que ela terminou de descer a escadaria. — Aliás, como sempre.

— Obrigada — murmurou Prudence. — Eu não sabia que você iria conosco.

— Não faça essa carinha preocupada, por favor. Não é minha intenção importuná-la ainda mais, esta noite. Se eu lhe prometer uma trégua, você promete que se alegra um pouquinho?

Retribuindo o olhar com que ele a estudava, Prudence sentiu um nó na garganta. Como perguntar a um homem: *Naquele outro dia você me pediu em casamento ou estava apenas sugerindo que eu me tornasse sua amante?*

Tomando a capa prateada que ela trazia no braço, Gideon colocou-a sobre os ombros que percebia trêmulos. Incomodada com a proximidade do corpo dele, Prudence quase ia em direção à porta quando se lembrou: as jóias.

— Gostaria de lhe agradecer pelo conjunto com as safiras que enviou para Charity. Não sei como você fez para reavê-lo, nem por que foi escolher justamente aquelas peças entre todas as que vendi, mas... Bem, a verdade é que quero pagá-lo pela despesa que...

Naquele instante, as gêmeas puseram-se a descer os degraus, já chamando por Gideon e pedindo que ele as admirasse. Atencioso como sempre, ele elogiou-lhes os vestidos e os penteados e, uma vez mais, Prudence sentiu a garganta fechar. Aquele era Gideon: encantador, carinhoso... irresistível.

Assim que lady Augusta e sir Oswald uniram-se ao grupo, a pequena comitiva partiu a caminho da residência de lady Gosforth, que ficava nas imediações.

Apesar do horário fora de moda, a festa já se achava bastante animada. Maudie recebeu a todos sem a menor formalidade, prometendo apresentá-los aos demais convidados tão logo trocasse *alguns segredinhos* com sua velha amiga Gussie. Lady Augusta, que adorou a idéia, apressou-se em pedir a seus acompanhantes que esperassem por ela no salão.

A reunião de pequena não tinha nada. Enquanto o pequeno grupo abria caminho por entre as dezenas de pessoas que se aglomeravam no saguão de entrada, tio Oswald ficou para trás. Segurando no cotovelo de Prudence, Gideon respondia com acenos aos cumprimentos que recebia de cavalheiros e damas dos quais já não se lembrava do nome. Por fim, detiveram-se num dos aposentos que lhes pareceu o menos apinhado, onde havia algumas cadeiras vazias e grandes portas-balcão abriam-se para uma ampla varanda.

— Por favor, esperem aqui enquanto vou buscar algo para tomarmos — disse ele.
— Champanhe para a srta. Prudence e, lamento muito, refresco para as meninas.

Não demorou a que vários rapazes se aproximassem no in-disfarçável propósito de disputar a atenção de Faith e Hope. Afastando-se alguns metros, Prudence ficou a observar com imenso orgulho o primeiro sucesso social das irmãs. Parecia mentira que, seis meses atrás, as pobrezinhas estivessem trancadas em Dereham Court, sujeitas à impulsiva truculência do avô. Ela suspirou. Dentro de alguns dias seria seu aniversário, quando então...

— Prudence, mas o que é que está fazendo aqui?

Ela se virou. Era Phillip. Com uma expressão apavorada.

— Eu não mandei que você evitasse se encontrar comigo em lugares públicos?

— Antes de qualquer coisa, você não manda em mim — retrucou Prudence, no mesmo tom agressivo que ele usara. — Não vim aqui para lhe criar uma situação embaraçosa, e sim porque aceitei o convite de lady Augusta para acompanhá-la a esta festa. Que mal há nisso?

— Você tem de ir embora daqui imediatamente!

— De jeito nenhum! Controle-se, Phillip. Será que não vê que está exagerando? Ninguém aqui sabe de... do nosso passado.

— Acredite em mim, Prudence, você tem de ir embora. — Ele lançou um olhar aflito ao redor. — Não imagina o mal que pode me fazer se for vista aqui... com aquela mulher.

— Que bobagem! Além de ser uma pessoa respeitabilíssima, ela é muito amiga de lady Gosforth. E eu não vou embora justamente agora, quando minhas irmãs estão aproveitando tanto.

— Deus, não! Ela não pode ser amiga de lady Gosforth! Olhe, vá embora agora mesmo ou eu...

— Com licença, por favor. Aqui está seu champanhe, srta. Merridew. — Sem a menor cerimônia, Gideon colocou-se entre os dois e, após entregar uma taça alta a Prudence, indagou-lhe: — Não vai nos apresentar?

— Lorde Carradice, sr. Otterbury — ela disse secamente. Afetando um sobressalto, Gideon examinou Phillip de cima a baixo enquanto lhe tomava a mão para sacudi-la com força.

— Deixe-me ser o primeiro a cumprimentá-lo pela maneira estupenda com que conseguiu safar-se, sr. Ottershanks.

Phillip curvou-se levemente.

— Meu nome é Otterbury. Posso perguntar ao que se referia quando disse que

consegui me safar?

— Ora, ao tigre, é lógico. — Gideon tomou um longo gole da taça que tinha entre os dedos.

— Creio não ter compreendido, meu lorde.

— Então foi o elefante? — Gideon franziu as sobrancelhas. — Pois me permita observar que sua recuperação foi realmente fantástica. Ninguém diz que um elefante sentou em cima de você.

Prudence, que fazia um esforço sobre-humano para não rir, quase explodiu numa gargalhada. Phillip, porém, empertigou-se um pouco mais para declarar:

— Sinto muito, mas não sei do que está falando.

— Ouvi rumores de que você tivesse sido comido por um tigre ou esmagado por um elefante, e eis que o encontro aqui, inteirinho. — Colocando a mão de Prudence sobre seu braço, ele continuou a olhar para Phillip como que fascinado. — Por que não nos conta como foi que conseguiu escapar, sr. Otterclock?

— Meu nome é Otterbury, e eu...

— Ah, aí estão vocês, Prudence, Carradice! — exclamou sir Oswald, juntando-se aos três. — Acabei de perguntar às meninas onde vocês... — Ao se aperceber da presença de Phillip, ele o cumprimentou com um leve aceno de cabeça.

Phillip retribuiu a cortesia e preparava-se para se afastar quando Prudence, por pura provocação, apresentou-o ao tio-avô como um cavalheiro que acabava de regressar da Índia.

— Índia, é? Eu também tenho negócios por lá — observou sir Oswald. — Mas o que é que você fazia na Índia, jovem Otterbury? Ah, Maudie, Gussie, que bom que vieram para cá!

— Ele esperou que as duas se aproximassem para completar:

— Por que não me fazem companhia, enquanto Prudence e Carradice vão dançar?

— Oh, não — Prudence recusou a idéia de pronto. — Nós não estamos com vontade de...

— Claro que vocês querem dançar! — insistiu o velho nobre. — Que casal de noivos desperdiçaria uma oportunidade dessas?

— Noivos? — exclamou lady Gosforth. — Carradice está noivo?

— Noivos! — ecoou Phillip, abismado.

— Não, não! — Prudence apavorou-se. — Tio Oswald, eu disse que o noivado estava desfeito e que...

— Tolice! — retrucou o tio-avô. — Um casal apaixonado como vocês dois não desfaz um noivado por causa de uma briguinha de amor!

— Parece que sir Oswald não quer ver a sobrinha-neta descompromissada... — observou Phillip baixinho, olhando diretamente para Prudence.

— O que foi que disse, Otterboots? — Gideon o interpelou.

— Por que não fala alto? Por acaso não gostou de saber que Prudence está noiva de mim?

— Eu não estou noiva de você — ela negou num choramingo.

— Claro que está! — retorquiu sir Oswald, que depois esclareceu aos demais: — E

não é de agora. Já faz semanas que Carradice foi me procurar em seu traje de fazer a corte para pedir minha permissão. Só não fizemos o anúncio oficial do noivado por causa da tia galesa dele, evidentemente.

— Tia galesa? Que tia galesa é essa? — quis saber lady Augusta.

— Tia Angharad — anunciou Gideon, após um breve vacilo.

— Tia... — Lady Augusta pensou por um instante antes de declarar: — Mas você não tem nenhuma tia Angharad!

— Não, não tenho — Gideon confirmou numa voz pesarosa. — Ela morreu.

Percebendo que a conversa caminhava a passos largos para o completo desvario, Prudence tomou a palavra para aclarar de vez a situação:

— Lorde Carradice e eu não estamos nem nunca estivemos noivos. Tudo não passou de um terrível mal-entendido, não é verdade, lorde Carradice? — Mas quando ele não respondeu e continuou a olhá-la com um sorriso provocador, Prudence perdeu as estribeiras: — O único homem de quem já estive noiva é Phillip Otterbury!

— Otterboots?! — explodiu tio Oswald. — Mas você acabou de conhecer esse sujeito!

— Oh, não acredito que você teria coragem de trocar Carradice por esse... moço — observou lady Gosforth.

— Ah, aqui está você, querido! — Uma dama numa túnica azul meio cintilante uniu-se a eles e, com muita naturalidade, cruzou o braço ao braço de Phillip. — Já terminei meu refresco, mas agora estou morrendo de fome. Será que vai demorar a servirem o jantar?

Ao olhar para Prudence, Gideon logo concluiu que ela também não conhecia a moça, cujo traje não dissimulava uma gravidez bastante adiantada.

— Bem... Venha, eu... Vou levá-la até a sala de refeições agora mesmo — Phillip murmurou à moça, antes de fazer menção de se afastar dali.

Gideon segurou-o pela manga do casaco.

— Um instante, Otterclogs. Não vai nos apresentar à sua acompanhante?

Virando-se para ele, a moça explicou com um sorriso:

— O nome é Otterbury, que, reconheço não é mesmo muito fácil de lembrar. — Sem deixar de sorrir, ela ficou à espera de que Phillip fizesse as apresentações. Mas como isso não acontecia, a fome obrigou-a a adiantar-se: — Eu sou a sra. Otterbury. Prudence ficou branca como cera, o que levou Gideon a lhe apertar a mão. Ainda mais confusos, tio Oswald, lady Augusta e lady Gosforth se entreolharam.

— Minhas felicitações — disse Gideon com frieza. — Casaram-se em segredo, Otterbury?

— Céus, claro que não! — respondeu a esposa de Phillip, acariciando a volumosa barriga. — Nós nos casamos faz mais de seis meses. Na Índia.

Com dois suspiros e um ciciar de seda, Prudence desabou desmaiada.

Capítulo IX

Gideon não perdeu tempo: correu a tomá-la nos braços. Por um breve momento, chegou a pensar que ela pudesse estar fingindo como da outra vez, mas logo constatou que não. Prudence realmente havia desfalecido.

— Deite-a naquele sofá, ela precisa de ar! — instruiu lady Augusta, agoniada. — Vou pedir a governanta de Maudie que providencie sais aromáticos.

Os sais fizeram Prudence voltar a si rapidamente e, quando ela abriu os olhos, o casal Otterbury não se achava mais ali por perto.

— Que canalha! — comentou tia Gussie. — Eu sabia que ele estava escondendo alguma coisa.

Antes que todos comessem a falar do acontecido, Prudence pôs-se em pé.

— Se não se importam, eu gostaria de ir para casa, já que estou com uma dor de cabeça terrível. Tio Oswald, lady Augusta, posso deixar as meninas com vocês? Elas estão gostando tanto da festa...

— Claro, claro, minha querida — afirmou o tio-avô.

— Quer que eu vá com você, Prue, querida? — ofereceu tia Gussie.

— Não é preciso — interveio Gideon. — Eu a acompanharei.

— Não, não... — Prudence não sabia como recusar a oferta. — James pode...

— Faça questão — Gideon insistiu. — Não há o que discutir.

Temendo que uma discussão pudesse chamar ainda mais a atenção das pessoas reunidas ali, Prudence meneou a cabeça em sinal de concordância.

Caminharam em silêncio pelo calçamento, Gideon segurando no cotovelo dela, Prudence meio cabisbaixa, James a escoltá-los a respeitosa distância. Apesar de tudo, ela não se sentia triste. Livrara-se de seu vínculo com um homem sem caráter, estava prestes a completar vinte e um anos, achava-se liberta do draconiano domínio do avô e o casamento de Charity possibilitaria às irmãs tomar posse da herança dos pais. Pela primeira vez na vida, era dona de seu nariz e começava a sentir-se preparada para tomar decisões baseada na razão, e não no medo, na culpa ou no dever.

Já no interior da residência de lady Augusta, Gideon assistiu-a acomodar-se no amplo sofá da sala de estar, depois se sentou ao lado dela. Então lhe estudou o rosto ainda um pouco pálido e, convencendo-se de que ela estava plenamente recuperada, decidiu tocar no assunto:

— Aquilo foi terrível, eu sei. Mas, creia-me, lamento muito pela canalhice de Otterbury, Prue.

— Pois eu não lamento nem um pouco. Até já havia rompido o noivado com ele.

Surpreso, Gideon não soube o que responder.

— Foi naquele dia que você pediu que eu fosse ao seu encontro para conversarmos

— Prudence explicou. — Eu lhe disse que Phillip estava para chegar, lembra-se? E nem conversei direito com você, já que estava um tanto nervosa porque me decidira a romper o noivado.

— Você rompeu com ele naquele dia?

— Sim. Eu não podia me casar com Phillip, e até agora não compreendo como fui capaz de imaginar que amasse aquele homem. Ele nunca se preocupou com o bebê, Gideon. Nunca lamentou a perda que tivemos.

— Ah, meu amor!... — Ele lhe afagou o rosto. — E depois você veio a descobrir que aquele miserável não só estava casado como a esposa dele espera um filho...

— Foi um choque, reconheço, e confesso que, por um instante, a situação me magoou profundamente. Não entendo por que Phillip não colocou tudo em pratos limpos, afinal eu já tinha dito a ele que não iríamos nos casar. Vai ver ele teve medo que a esposa descobrisse... — Ela suspirou. — Você tinha razão: meu amor por Phillip era pura imaginação. Mas é que eu tinha apenas dezesseis anos, não havia mais ninguém a quem me apegar... Naquela época, eu não sabia o que era o amor. O amor de verdade.

— E agora sabe?

— Sei. Sei, sim.

Ele prendeu a respiração.

— Você disse que me queria... — Prudence continuou. — E eu queria que soubesse que também quero você praticamente desde o momento em que nos conhecemos. Por conta do meu compromisso com Phillip, fiz de tudo para resistir... Mas não consegui. Meu coração foi mais forte do que meus pensamentos.

Gideon fez menção de falar, mas ela se antecipou:

— Você pediu para eu viver a seu lado e ser seu amor. A oferta ainda está de pé?

— Você sabe que sim. — Ele enfim engoliu o nó que lhe apertava a garganta. — Prudence, você é meu coração, minha alma, minha vida. Amo você tanto, tanto! Eu nunca imaginei ser capaz de um sentimento tão forte, tão avassalador...

Como as palavras lhe faltassem, Gideon beijou-a. Beijou-a como se reverenciasse algo raro, precioso, próximo ao divino. Beijou-a profunda e intensamente, lábios e línguas, homem e mulher, coração com coração. Um gesto singelo, antigo como o tempo, mas capaz de conter todos os sentimentos e as emoções mais fortes.

Findo o beijo, ele segurou o rosto agora corado entre as mãos para dizer:

— Não acredito que mereço me casar com uma mulher perfeita como você.

— Casar?

— Não, isso não! Não diga que, depois de tudo, você ainda não decidiu se deseja realmente casar-se comigo!

— Não, claro que não se trata disso. É que... Naquele dia, quando Phillip esteve aqui, tive a impressão... Bem, parecia que você me fazia um convite para que eu me tornasse sua amante.

— De onde foi tirar essa idéia? — Gideon tomou as mãos dela entre as suas. — Vamos esclarecer tudo direitinho, está bem? Antes de mais nada, jamais me passou

pela cabeça fazê-la minha amante. E se lhe dei essa impressão porque nunca pretendi pedir uma mulher em casamento e, por isso, nunca pensei nas palavras que deveria usar... Vou tentar novamente. — Ele limpou a garganta. — Amor da minha vida, você aceitaria casar-se comigo e assim fazer de mim o homem mais feliz do mundo?

— Oh, sim, sim! — Prudence lutava contra as lágrimas. — Amo você, jamais saberia viver sem sua companhia... Quero ser sua esposa, sua...

— Pronto, pronto, aqui está! — exclamou tio Oswald no hall de entrada da mansão. — Leite quente coalhado com cerveja para minha sobrinha-neta preferida! Você vai se sentir novinha em folha, Prue, querida!

Prudence e Gideon se entreolharam. E pensar que os esclarecimentos mal tinham começado...

No dia seguinte, enquanto tomava o chá do fim da tarde na companhia de Gideon, agora oficialmente seu noivo, e também de tio Oswald e tia Gussie, Prudence avaliava o longo caminho percorrido desde os tempos tenebrosos em Dereham Court. Sua vida agora resplandecia em plena felicidade. Gideon a amava. Em breve se casaria com ele. O que mais poderia desejar?

Quando ela voltou a prestar atenção à conversa, tio Oswald estava dizendo:

— Sei que devem estar pensando que agi muito mal por deixar as meninas aos cuidados de Theodore, e a verdade é que vocês estão certos. Mas acreditem: nem o pai delas conseguiu viver na companhia daquele homem! — Ele enxugou a testa com um lenço imaculadamente branco. — No fundo posso ter sido um fraco, mas o fato foi que não suportei continuar vivendo de receber ordens de meu irmão mais velho. E ele piorava a cada dia!

— Esqueça esse assunto, querido — interveio lady Augusta.

— Seu irmão vai passar o resto da vida enfiado em Dereham Court e, de lá, ele não tem mais como prejudicar ninguém. E eu já fiz a minha parte para dar uma boa lição àquele tal Otter... Otterqualquercoisa.

— É mesmo? — tio Oswald se interessou pela novidade.

— Os patrões dele são amigos de Maudie, vocês sabiam? — contou tia Gussie. — E nós arrumamos um bom lugarzinho para Ottercanalha trabalhar. Uma ilhazinha perdida no hemisfério sul, muito tranqüila a não ser pelas tempestades de vento, onde ele poderá pastorear ovelhas sem que ninguém o incomode. — Quando as gargalhadas cessaram, ela prosseguiu: — Mas agora chega de falarmos desses homens pavorosos. Oswald, temos um casamento para preparar!

Para surpresa de Prudence, tio Oswald ficou vermelho como uma pimenta. E para espanto de Gideon, tia Gussie também corou até a raiz dos cabelos.

— Eu estava me referindo a estes dois jovens aqui, Oswald! — ralhou a espevitada senhora. — Ao casamento de Gideon e Prudence... quem mais?

— Oh, oh, sim, é claro — retrucou o subitamente envergonhado lorde, antes de limpar a garganta para indagar: — Será na igreja de St. George, não?

— Onde você gostaria que fosse, meu amor? — Gideon perguntou a Prudence.

— Na abadia de Bath, daqui a uma semana. — Ela sorriu. — Isto é, se der tempo para avisarmos Charity e Edward.

— Será que ninguém mais quer se casar na igreja de St. George? — resmungou tio Oswald, para logo em seguida olhar para lady Augusta.

Meio que disfarçando o sorriso dirigido ao nobre senhor, tia Gussie perguntou a Gideon:

— E aonde você pretende levar nossa Prudence em lua-de-mel?

— À Itália — ele respondeu prontamente.

— À Itália? — Prudence ofegou. — Oh, será maravilhoso!

— Mas por que a Itália? — quis saber lady Augusta. Gideon fingiu um suspiro teatral.

— Parece que terei de deixar o país o mais depressa possível. Meu alfaiate está me perseguindo por causa de certas contas que alguém atirou ao fogo.

FIM